UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENGENHARIA DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA
ENGENHARIA AMBIENTAL

JULIANA SARTORI

Como esquecer? Memórias de um desastre vivenciado

São Carlos
2014

JULIANA SARTORI

Como esquecer? Memórias de um desastre vivenciado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Engenharia Ambiental, da Escola de Engenharia de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Engenharia Ambiental.

Área de Concentração: Ciências da Engenharia Ambiental.

Orientadora: Norma Felicidade Lopes da Silva Valencio

São Carlos
2014

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS
DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Tratamento da Informação
do Serviço de Biblioteca – EESC/USP**

S251c Sartori, Juliana
Como esquecer? Memórias de um desastre vivenciado /
Juliana Sartori; orientadora Norma Felicidade Lopes da
Silva Valencio. São Carlos, 2014.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação
em Ciências da Engenharia Ambiental e Área de
Concentração em Ciências da Engenharia Ambiental --
Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de
São Paulo, 2014.

1. Desastres. 2. Idosos. 3. Memória Social . 4.
Vida Cotidiana. I. Título.

FOLHA DE JULGAMENTO

Candidata: Bacharel **JULIANA SARTORI**.

Título da dissertação: "Como esquecer? Memórias de um desastre vivenciado".

Data da defesa: 03/06/2014

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. **Norma Felicidade Lopes da Silva Valêncio**
(Orientadora)
(Universidade Federal de São Carlos/UFSCar)

Prof. Associado **Evaldo Luiz Gaeta Espíndola**
(Escola de Engenharia de São Carlos/EESC)

Profa. Dra. **Érica Pugliesi**
(Universidade Federal de São Carlos/UFSCar)

Resultado:

Aprovado

Aprovada

Aprovada

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Engenharia Ambiental:

Prof. Dr. **Frederico Fabio Mauad**

Presidente da Comissão de Pós-Graduação:

Prof. Titular **Denis Vinicius Coury**

Dedico esse trabalho aos luizenses, que sofreram as consequências da enchente no ano de 2010, pois esse trabalho não teria nenhum sentido sem eles.

AGRADECIMENTOS

Esse é o momento mais esperado da finalização de uma etapa. Primeiramente, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de mestrado, que tornou viável a realização desta pesquisa.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo auxílio nas pesquisas de campo, oriundas do projeto “Impactos socioeconômicos e psicossociais de desastres no Brasil: o caso de São Luiz do Paraitinga”, coordenado pelo professor Juliano Costa Gonçalves (UFSCar), que também concedo meus agradecimentos.

Devo prestar agradecimentos especiais à minha orientadora Norma Valencio, por todos esses anos de amizade, companheirismo e dedicação. Seus ensinamentos vão permanecer pra sempre em minha memória e em meu coração.

Aos meus pais, Liliane Sanches Manieri Sartori e Arnaldo José Sartori, pelo apoio e amor incondicional que sempre recebi em todos os momentos da minha vida. Vocês são minha luz, minha fonte de inspiração e minha fortaleza. Aos demais familiares, em especial meus avós Rosa S. Manieri, Egídio Manieri e Emma Sartori pelo amor incondicional em todos os momentos da minha vida.

Ao José Roberto Pereira de Sousa, por todo o carinho, suporte, amizade que sempre me deu em toda nossa história. Você foi a melhor companhia e o melhor namorado que eu poderia ter. Agradeço o seu carinho e sua presença na minha vida.

À Ana Luiza Baldin e Carolina Cesarin Ferreira, minhas companheiras de lar, que eu dividi sinceros momentos de afeto, de trocas e de experiências, que permanecerão pra sempre em meu coração. Vocês são as irmãs que Deus me presenteou.

À minhas queridas amigas de graduação Franciele Gomes e Fernanda Carbonari, por serem essenciais em minha vida, desde sempre. E, à Franciele agradeço por toda a ajuda nesse processo que vivemos juntas, pois ele não seria tão especial se não fosse pela sua presença.

Às minhas amigas do basquete da USP, especialmente, a Juliana Pigozzi, que sempre foi muito amiga e muito presente nesse meu caminhar acadêmico.

Ao Programa de Pós Graduação em Ciências da Engenharia Ambiental, aos docentes que dele fazem parte, e aos amigos e funcionários José Luiz Donizete Chiaretto e Nelson Emanuel Tessarin pelo constante apoio administrativo e pelos cafés e chás compartilhados nos inícios de tarde.

Aos companheiros do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais em Desastres (NEPED), em especial, minhas amigas Aline Silveira Viana e Raquel Duarte Venturato, pelas pesquisas e vidas compartilhadas. E à minha querida amiga Mariana Siena, por ter me ajudado desde sempre em todos meus percalços na vida acadêmica. Sua conduta como pesquisadora sempre me serviu de inspiração.

RESUMO

SARTORI, J. (2014). **Como Esquecer?** Memórias de um desastre vivenciado. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Ciências de Engenharia Ambiental, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo. 2014.

No Brasil, os desastres relacionados às chuvas são recorrentes visto que estes compõem, aproximadamente, um quarto dos eventos oficialmente registrados (VALENCIO; VALENCIO, 2010). A ineficácia em torno das atuações para mitigação dos desastres torna este cenário preocupante, visto que no período de janeiro de 2003 a dezembro de 2013, foram decretadas 20.766 portarias de reconhecimento de Situação de Emergência e Estado de Calamidade Pública no país. Na perspectiva das Ciências Sociais, o desastre consiste em um acontecimento multidimensional, que possui caráter social, ambiental, cultural, político, econômico, físico ou tecnológico (OLIVER-SMITH, 1998), e que não pode ser compreendido, portanto, como evento pontual, por deflagrar uma crise instaurada no corpo social (VALENCIO, 2012a). Em vista de compreender as dimensões materiais e simbólicas do desastre, o presente trabalho analisou a memória social de idosos em relação ao desastre deflagrado no município de São Luiz do Paraitinga/SP em janeiro de 2010, sob uma perspectiva do *desastre vivenciado* (MARTINS, 1992, 2000). Este estudo se caracterizou como pesquisa sociológica de base qualitativa, consistindo em três partes, a saber: a revisão bibliográfica, a pesquisa documental, e a pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica, consistiu na análise dos principais autores no tema de desastres, vida cotidiana, memória social e idosos. Já a pesquisa documental, caracterizou-se pela preparação e fundamentação para a pesquisa de campo, por meio da análise do discurso institucional sobre o desastre no município de São Luiz do Paraitinga/SP. E, a pesquisa de campo, foi realizada a partir da observação direta e participante, da coleta de relatos orais (QUEIROZ, 1987) e da fotodocumentação (MARTINS, 2008). A partir dos resultados analisados, após quatro anos do chamado dia do desastre, percebeu-se que este ainda permanece na vida dos que o vivenciaram (VALENCIO, 2012a). Além da reconstrução no plano material, no plano simbólico, os medos e anseios ressurgem ao relembrar aspectos essenciais de um modo de vida que foi perturbado. Com isso, as pessoas já não se reconhecem no território, caracterizando-se, portanto como um processo de *desritualização*, o qual desfaz diversos significados dentro da estrutura simbólica (THORNBURG; KNOTTNERUS; WEBB, 2007). E, de modo geral, a memória do desastre vivenciado se configura, por meio da conciliação entre as memórias oficiais e as individuais (POLLAK, 1992). Sendo assim, são pelos desencontros, pelas constantes rupturas, construções e reelaborações do passado, forjados pelos diferentes sujeitos, que a memória social acontece. Tal memória não permanece intacta nem coesa, pois é uma constante representação de algo já vivido e reacomodado.

Palavras-Chave: Desastres. Idosos. Memória Social.

ABSTRACT

SARTORI, J. (2014). **How to Forget?** Memories of an Experienced Disaster. Dissertation (Master in Science – Graduate Program in Environmental Engineering Science) - Engineering School of São Carlos, University of São Paulo. 2014.

In Brazil, the rain related disasters are recurrent since these represent, approximately, one-fourth of events officially registered (VALENCIO; VALENCIO, 2010). The ineffectiveness around the work for mitigation of disasters makes this a troubling scenario, since in the southeast of Brazil, from January 2003 to December 2013, were enacted 20.766 administrative rules in the Recognition of Emergency and State of Public Calamity. From the perspective of the social sciences, disaster consists of a multidimensional event that has social, environmental, cultural, political, economic, physical or technological (OLIVER-SMITH, 1998) aspects, and cannot be understood as a punctual event by triggering a crisis into the social structure (VALENCIO, 2012a). In order to understand the material and symbolic dimensions of disaster, this dissertation analyzed the social memory of the elderly regarding the disaster happened in São Luiz do Paraitinga / SP in January 2010, from the perspective of *experienced disaster* (MARTINS, 1992 , 2000). This study was characterized as a qualitative sociological research base, consisting of three parts, namely: literature review, desk research and field research. The bibliographic research consisted in the analysis of the main authors on the topic of disaster, everyday life, social memory and the elderly people. The desk research was characterized by the preparation and justification for field research, by analyzing the institutional speech about the disaster in São Luiz do Paraitinga / SP. And the fieldwork was done from direct and participant observation, the collection of oral histories (QUEIROZ, 1987) and photo documentation (MARTINS, 2008). From the analyzed results, after four years since the day of the disaster, it was noticed that this still remains in the lives of those who experienced it (VALENCIO, 2012a). Besides the material reconstitution, on the symbolic level, the fears and anxieties rise in recalling key aspects of a way of life that has been disturbed. Therefore, people no longer recognizes themselves in the territory, characterized, thus, as a process of *deritualization*, which undoes many meanings within the symbolic structure (THORNBURG; KNOTTNERUS; WEBB, 2007). And, generally, the memory of experienced disaster is configured by means of conciliation between official and individual memories (POLLAK, 1992). Thus, due to divergence, constant disruptions, constructions and reworkings of the past, constructed by different individuals, that social memory happens. Such memory does not remain intact nor cohesive as it is a constant representation of something already lived and resettled.

Keywords: Disasters. Elderly. Social Memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Quadro esquemático do projeto de pesquisa.	35
Figura 2 - Desastre na visão de Quarantelli.	40
Figura 3 - Distribuição da População por sexo segundo os grupos de idade (em mil pessoas) – Brasil – 2010	57
Figura 4 - Mapa de São Luiz do Paraitinga/SP	70
Figura 5- Pirâmide etária - São Luís do Paraitinga – SP: distribuição por Sexo, segundo os grupos de idade	72
Figura 6 - Evolução do IDHM em São Luiz do Paraitinga-SP	73
Figura 7- Mapa de São Luiz e áreas de risco e inundação	79
Figura 8- Danos Humanos referentes à inundação em São Luiz do Paraitinga no ano de 2010.....	81
Figura 9 - Danos Materiais referentes à inundação em São Luiz do Paraitinga no ano de 2010.....	82
Figura 10 - Vista do rio Paraitinga, vindo do bairro Várzea dos Passarinhos sentido ao centro da cidade.	92
Figura 11 - Vista da ponte, que é a entrada para o centro histórico de São Luiz do Paraitinga.	92
Figura 12 - rio Paraitinga. No canto direito da foto se encontra um marcador para controle dos moradores em relação ao nível do rio Paraitinga.	93
Figura 13 - enchente que teve em São Luiz do Paraitinga no ano de 1967.	94
Figura 14 - enchente que teve em São Luiz do Paraitinga/SP no ano de 1971.....	95
Figura 15 - imagem do rio Paraitinga/SP na enchente no ano de 1996.....	95
Figura 16 - Inundação no Centro Histórico do município no ano de 2010.	96
Figura 17 - vista aérea do centro de São Luiz do Paraitinga/SP.....	97
Figura 18 - Capela das Mercês.	107
Figura 19 - Destroços da Capela das Mercês no desastre de 2010 em São Luiz do Paraitinga.	107
Figura 20 - Capela das Mercês já reconstruída.	107
Figura 21 - Igreja do Rosário,.....	109
Figura 22 - Igreja do Rosário, após a sua inauguração que foi no dia 05 de outubro de 2013.....	109
Figura 23 - vista no interior da Igreja do Rosário, após a sua inauguração, em outubro de 2013.....	110

Figura 24 - Igreja Matriz de São Luiz do Paraitinga/SP.	111
Figura 25 - Construção da Segunda torre da Igreja Matriz a partir de 1894.	112
Figura 26 - Igreja Matriz após a construção da segunda torre.	112
Figura 27 - foto mais atual da Igreja Matriz, no período anterior à enchente de 2010.	113
Figura 28 - Igreja provisória “Paróquia São Luiz de Tolosa”.	114
Figura 29 - Missa realizada na Igreja Provisória “Paróquia São Luiz de Tolosa” no mês de março de 2013. Devido à quantidade de pessoas que compõem a vida religiosa, muitos fiéis não conseguem assistir a celebração do lado de dentro da paróquia.	114
Figura 30 e 31 – Do lado esquerdo mostra a vista da entrada principal da Igreja Matriz, enquanto a imagem do lado direito mostra ampliada a visão do Altar-Mor da Igreja.	116
Figura 32 – Reinauguração da Igreja Matriz.	117
Figura 33 - Vista do interior da Igreja Matriz, antes da inundação de 2010.	120
Figura 34 e 35 - Vista do interior da Igreja Matriz, à esquerda está o Altar-Mor, as fotos são do período que antecede à inundação de 2010.	120
Figura 36 - Igreja Matriz em reconstrução.	122
Fonte: Tirada por Juliana Sartori, julho de 2012.	122
Figura 37 – Casarões em 1932.	124
Figura 38 – Praça central da cidade no ano de 1932.	124
Figura 39 - Casarões no ano de 1932.	124
Figura 40 -rua em frente à praça central do município, ao lado direito temos o Banco Bradesco, que não seguiu os padrões do centro histórico.	126
Figura 41 - imagem do Divino Espírito Santo que se encontra na casa de uma idosa que reside no bairro Várzea dos Passarinhos. Essa imagem foi a única coisa que ela levou, quando saiu de casa durante a inundação, o que mostra a importância deste ritual religioso na vida dos munícipes.	128
Figura 42 - Vila São Vicente de Paulo.	163
Figura 43 - Vila São Vicente de Paulo. Ao fundo se encontra a capela, que foi construída a partir do ano de 1958, com a ampliação da propriedade. Essa foto foi tirada antes da enchente de 2010.	164
Figura 44 - primeiro local que os idosos foram realocados, após serem retirados da Vila São Vicente de Paulo.	165
Figura 45 - Altar na casa da Idosa D com os Santos que foram recuperados e restaurados após a enchente.	176

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Estrutura Etária da População de São Luiz do Paraitinga/SP.....	73
Gráfico 2- Distribuição do número total de mortes de acordo com o sexo.....	149
Gráfico 3 – Proporção de idosos em relação ao total de mortes no período de 2008 a 2013 em São Luiz do Paraitinga/SP.....	149
Gráfico 4 – Proporção de idosos em relação ao total de mortes em São Luiz do Paraitinga, por ano.	150
Gráfico 5 – Número de mortes de idosos em relação ao total de mortes por ano em São Luiz do Paraitinga.....	151
Gráfico 6 – Distribuição de idosos mortos entre os sexos em São Luiz do Paraitinga no período de 2008 a 2013.	152
Gráfico 7 – Número total de atendimentos no PSF, por ano, no período de 2008 a 2012.	153
Gráfico 8 – Representatividade de cada faixa etária nos atendimentos do PSF.	153
Gráfico 9 – Representatividade de atendimentos do PSF por faixa etária, por ano.	154
Gráfico 10 – Representatividade de cada faixa etária no total de atendimentos	155
Gráfico 11 – Proporção de atendimentos recebidos por faixa etária e especialidade	155
Gráfico 12 – Quantidade de atendimentos, por ano, para cada especialista.....	156
Gráfico 13 – Quantidade de atendimentos por ano para cada especialista – por faixa etária.	156
Gráfico 14 – Representatividade dos atendimentos aos idosos em relação ao total.....	157
Gráfico 15 – Evolução de consumo de ansiolíticos entre 2010 e 2013.....	158
Gráfico 16 – Evolução do consumo de antidepressivos entre os anos de 2010 a 2013...	159
Gráfico 17 – Evolução do consumo de antidepressivos e ansiolíticos entre 2010 e 2013	159
Gráfico 18 – Evolução do consumo do ansiolítico amitriptilina entre 2010 e 2013.	160

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Quadros- Miséria do Cotidiano e Grandeza do Cotidiano.....	61
Quadro 2 – As causas de desastres que constam no documento AVADAN.	77
Quadro 3 –Descrição dos Prejuízos Sociais no município de São Luiz do Paraitinga/SP ..	83

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Evolução dos moradores do município durante a fase econômica cafeeira.	71
Tabela 2 – Número total de pessoas atingidas nos desastres no município de São Luiz do Paraitinga no período de 2006 a 2010.	76

LISTA DE SIGLAS

AVADAN – Avaliação de Danos
CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico
ECP- Estado de Calamidade Pública
FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
ILPI- Instituição de Longa Permanência para Idosos
IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MI – Ministério da Integração Nacional
NEPED – Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais em Desastres
PNDC – Política Nacional de Defesa Civil
PNPDEC – Política Nacional de Proteção e Defesa Civil
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PSF- Programa de Saúde da Família
SE- Situação de Emergência
SEDEC – Secretaria Nacional de Defesa Civil
SINDEC – Sistema Nacional de Defesa Civil
UFSCar – Universidade Federal de São Carlos
USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	23
INTRODUÇÃO	27
OBJETIVOS	32
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	32
ORGANIZAÇÃO DO SUMÁRIO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO	36
1.DESASTRES: UMA ABORDAGEM SOCIOLÓGICA.....	38
1.1.Desastre Vivenciado	47
1.2.O Idoso em contexto de Desastre	50
2.IDOSO, MEMÓRIA SOCIAL E VIDA COTIDIANA.....	55
2.1.Idoso e Memória Social	55
2.2.A Perturbação da Vida Cotidiana com a ocorrência de um desastre	60
3.SÃO LUIZ DO PARAITINGA: A DEFLAGRAÇÃO DO DESASTRE EM JANEIRO DE 2010	70
3.1.Caracterização sociohistórica e socioeconômica do município.....	70
3.2.A visão institucional sobre o desastre em São Luiz do Paraitinga	74
4.O DESASTRE VIVENCIADO EM SÃO LUIZ DO PARAITINGA.....	90
4.1.As enchentes em São Luiz do Paraitinga como fenômeno socioambiental recorrente.....	92
4.2.Fragmentos da memória social sobre o desastre de 2010.....	97
4.2.1.Perdas Materiais e Imateriais no Espaço Público.....	106
4.2.2.Perdas Materiais e Imateriais no mundo privado.....	134
4.2.3.A vivência no abrigo temporário ou na casa de amigos e parentes	143
4.2.4.O enfrentamento do desastre e reconstrução da trajetória.....	147
4.3.As especificidades do sofrimento social e das estratégias de enfrentamento do sujeito.....	163
4.3.1.O caso da Vila São Vicente de Paulo	163
4.3.2.“Eu não tenho muita coisa pra perder”: injustiça social e estratégias de resistência	172
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	179
REFERÊNCIAS.....	183
ANEXO I.....	192

APRESENTAÇÃO

No ano de 2007, ingressei no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). No início dos estudos, tive o privilégio de cursar duas disciplinas ministradas pela professora Norma Valencio, que incitou diversas inquietações em torno das desigualdades e injustiças no contexto socioambiental. Então, no final do ano de 2007, comecei a frequentar as reuniões do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais em Desastres (NEPED/UFSCar), do qual a professora em questão é coordenadora.

No começo de 2008, tive a oportunidade de participar, como bolsista, de um projeto de extensão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de São Carlos intitulado “Pessoas em Situação de Rua inseridas no município de São Carlos/SP: subsídios à reflexão participativa em torno da possibilidade de superação de dimensões econômicas e extra econômicas da vulnerabilidade”. A impressão, a princípio, foi a de que esse projeto não se inseria diretamente na temática de desastres. No entanto, depois de certa convivência com as pessoas em situação de rua, percebeu-se que estes vivenciam o desastre diariamente, pois a vulnerabilidade social que está posta a eles manifesta-se num grau extremo de desfiliação social.

Nesse projeto foram realizadas diversas atividades com a população em situação de rua no município de São Carlos, dentre elas, a mais marcante, foi uma experiência que tivemos com eles, no local que eles costumavam dormir, que é próximo da rodovia Washington Luís. Combinamos de encontrá-los no início da manhã, por volta das 05:30 a.m., que era o horário que eles levantavam. Ficamos conversando com eles pra tentar compreender algumas especificidades do seu modo de vida, quando um deles resolveu buscar água pra fazer um café. Eles tinham vários utensílios em seu carrinho – no qual carregavam todos os seus pertences e ganhavam seu sustento, por meio da coletar lixo reciclável. Porém, tinha acabado o coador de café. Foi quando um deles solucionou o problema, tirando a camiseta, que tinha sido usada por dois dias, para coar o café. Confesso que tomar o café coado numa camiseta foi uma experiência muito diferente e que marcou bastante o projeto e a minha visão, como socióloga, no sentido de relativizar a função de determinado utensílio, e a adaptar às adversidades que nos são postas no

cotidiano. E de certo modo, me aproximou muito daquelas pessoas, que dividiram o pouco que tinham pra se alimentar.

O envolvimento em outras atividades, projetos, minicursos, reuniões de grupo de pesquisa, entre outros, fez com que eu pudesse compreender a legitimidade da preocupação coletiva dos integrantes do NEPED/UFSCar, com o sofrimento social dos grupos afetados nos desastres, pois há uma luta diária dos grupos desfavorecidos, para que sejam ouvidas.

Já na iniciação científica, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), na pesquisa intitulada “A Ira de Zeus: um estudo sobre o Imaginário Social de Idosos relacionado aos Raios” busquei compreender a memória social de idosos em torno das descargas elétricas no município de São Caetano do Sul/SP, que possui alta incidência desse fenômeno atmosférico.

Algumas inquietudes permaneceram depois de concluída a graduação, pois a percebi que a memória social consistia numa ferramenta metodológica importante para apreender o mundo cotidiano dos idosos, pois, como bem destaca Ecléa Bosi (1979) a função social do velho consiste em lembrar.

Ao me dedicar nos estudos referentes à velhice, uma frase que meu avô sempre me diz aos risos me influenciou em algumas indagações a respeito do idoso, enquanto sujeito de pesquisa. Ele dizia “minha filha ninguém gosta de velho. Se você encontrar alguém que goste, mostra pra mim” e quando minha avó briga com ele, por algum motivo, ele complementa “tá vendo. Nem velho gosta de velho”. Apesar do tom de brincadeira, eu relatei essas palavras com o pensamento de Chauí (1979) que destacava que a velhice é algo oprimido, despojado e banido em nossa cultura, pois “o velho não tem arma, por isso temos que lutar por eles” (CHAUÍ, 1979, p.XVIII).

Nessa perspectiva, o projeto de pesquisa do mestrado se manteve nessa área, preocupando-se, no entanto, com a dimensão simbólica em relação ao que permanece na memória dos idosos, a respeito do desastre vivenciado em São Luiz do Paraitinga/SP. O termo desastre vivenciado se ampara nos aspectos intersubjetivos da história vivenciada (MARTINS, 1992), consiste em algo muito rico e que não pode se perder por meio do discurso oficial, que, além de desqualificar a

visão do outro, sempre põe a vida dos grupos mais vulneráveis à margem da sociedade.

Na primeira inserção em São Luiz do Paraitinga para realização da pesquisa de campo, dediquei um tempo pra me perder na cidade, pois como afirma Walter Benjamin “mais importante do que conhecer uma cidade é saber se perder nela”. Aos poucos, fui percebendo a importância da praça central na reprodução do modo de vida do luizense. Nesta praça encontram-se os antigos casarões, a Igreja Matriz, espaço este que foi severamente danificado com a enchente em 2010. Então, decidi sentar na praça e observar a maneira que as pessoas transitavam pelas ruas, como as pessoas interagiam, principalmente, os idosos, que proseavam, jogavam conversa fora e fumavam seu cigarro de palha. Então, comecei a perceber que as pessoas passavam, notando que eu não pertencia àquele lugar. Tanto, que no momento que comecei a conversar com alguns idosos sentados na praça, a primeira coisa que me perguntaram foi a respeito do meu local de origem, pois, obviamente, naquele contexto, eu era uma “forasteira”.

Quando o contato foi se tornando mais estreito com alguns moradores locais tive o privilégio de conhecer um pouco de suas histórias, de suas vidas pautadas pela luta e pela resistência cotidiana no enfrentamento do desastre.

E, no momento de finalização dessa dissertação de mestrado, passo a visualizar todo o trajeto, quando vejo o trabalho finalizado não consigo deixar de me ver em cada detalhe, cada palavra. É um estranho processo de olhar pra mim mesma, e me ver em todos os erros, em todas as partes inconclusas desta pesquisa. Cada erro e cada esforço de avanço refletem de algum modo, quem eu sou. As escolhas pela abordagem teórico-metodológica, pelo posicionamento no campo científico, todas essas foram escolhas e que me formaram como cientista. Quero apenas dizer que estou inteira nesse intenso debruçar que consiste em compreender quem vive à margem.

Esse processo foi doloroso, porém é muito gratificante conseguir ver esse trabalho finalizado, pois ele reflete minha trajetória no NEPED, das longas orientações com a professora Norma Valencio, que além de ser orientadora, é fonte de inspiração, já que luta diariamente para garantir que os mais humildes, os mais simples tenham voz numa sociedade opressora.

Eu devo esse trabalho aos que vivenciaram a enchente de 2010, e que sofrem suas consequências até os dias de hoje. Todo o meu trabalho é dedicado para essas pessoas que abriram suas vidas, suas casas, me serviram comida. Na casa delas me senti em casa, e pude sentir um pouco da angústia que um rompimento como um desastre pode gerar em suas vidas cotidianas. E a minha maior angústia foi perceber a responsabilidade que eu tinha perante meu trabalho. E como tinha o dever de devolver esse trabalho para eles.

Não consigo ver um ponto final nesta pesquisa, só consigo enxergar mais questões. Esse processo inconcluso é o que dá sentido e beleza ao trabalho científico, pois demonstra que o mundo social está sempre aberto a novas interpretações.

INTRODUÇÃO

Valencio (2012a) destaca quatro mazelas indissociáveis que caracterizam o tempo presente no contexto brasileiro: 1) a *predação social praticada pelos grandes agentes privados*, da qual o Estado se tornou refém; 2) *as desigualdades distributivas*; 3) *o processo compulsório de desterritorialização que afeta os grupos sociais vulnerabilizados, que se interpõem no caminho do progresso*; e 4) a *produção crescente dos riscos*. No Brasil, as crises socioambientais contemporâneas estão vinculadas a essas mazelas. Sendo assim, vivemos num contexto no qual os desastres sinalizam dimensões catastróficas, fruto de uma sociedade repleta de estranhamentos e intolerâncias.

As desigualdades sociais se refletem nos problemas de acesso ao território (in) seguro de grandes contingentes humanos, que, juntamente com as políticas públicas insuficientes, caminham no sentido oposto da garantia de justiça social e geram a intensificação dos desastres no Brasil (VALENCIO, 2012a).

O aumento dos desastres no país não está relacionado apenas ao impacto de um fator de ameaça, como o de uma chuva atípica, mas também às relações esgarçadas do subcidadão com o Estado, que refletem na precariedade dos equipamentos comunitários e habitacionais, na deterioração ambiental, deixando o sujeito à margem, o que o faz com que ele próprio tenha que enfrentar suas adversidades.

Os desastres no país são, predominantemente, relacionados à água, seja por estresse hídrico ou pelas chuvas intensas, representando 90 % dos desastres reconhecidos pela autoridade competente (VALENCIO; VALENCIO, 2010).

No período de janeiro de 2004 a dezembro de 2013, foram publicadas 19.441 portarias de reconhecimento de Situação de Emergência e Estado de Calamidade Pública. Em relação aos grupos severamente afetados nos desastres no país, do primeiro semestre de 2007 ao primeiro semestre de 2010, foram 22.089.804 pessoas afetadas. Do ano de 2006 ao de 2009, o crescimento do contingente de afetados foi de 220,81% (VALENCIO; VALENCIO, 2010).

A região Sudeste agrega 1.668 municípios, com 53.078.137 habitantes e consiste na região mais populosa do país (IBGE, 2011). Especificamente, no Estado de São Paulo, de acordo com os dados do Atlas Brasileiro de Desastres Naturais

(UFSC, 2012, p. 34), entre 1991 e 2010, os danos humanos por inundação brusca foram de 17 pessoas gravemente feridas, 48 desaparecidas, 485 levemente feridas, 1.034 enfermas, 153 mortas, 63.653 desabrigadas, 63.133 deslocadas, 92.284 desalojadas, e 3.743.793 afetadas.

Dessa forma, podemos dizer que a Defesa Civil não está cumprindo de maneira efetiva a missão institucional da qual foi incumbida, que consiste na redução dos desastres no país, na qual o desastre é compreendido como o “resultado de eventos adversos, naturais ou provocados pelo homem sobre um ecossistema vulnerável, causando danos humanos, materiais ou ambientais e consequentes prejuízos econômicos e sociais” (BRASIL, 2000, p. 8). A ineficácia em torno das atuações para mitigação dos desastres, por meio da prevenção e preparação, que falharam, torna este cenário preocupante.

O desastre consiste em um evento multidimensional, que possui caráter social, ambiental, cultural, político, econômico, físico ou tecnológico (OLIVER-SMITH, 1998), e que não pode ser compreendido, portanto, como evento pontual, por deflagrar uma crise no corpo social (VALENCIO, 2012a). Ou, associa-se a diferentes camadas de crises.

O desastre está associado a três crises simultâneas que ocorrem tanto na esfera privada, quanto na esfera pública, que Valencio (2012b) intitula como: *crise civilizacional*, *crise crônica* e *crise aguda*. A crise civilizacional se manifesta no plano global, por meio da dominação de uma racionalidade, intimamente vinculada ao modo de produção capitalista. Já a crise crônica possui um enfoque histórico-regional de deterioração sociopolítica e é o processo pelo qual a situação da crise aguda é produzida, ou seja, está vinculada ao *processo de vulnerabilização* (ACSELRAD, 2006). Desse modo, a configuração da crise crônica está relacionada aos problemas estruturais, como problema de acesso ao território (in) seguro, acesso não democrático aos recursos naturais e precariedade dos serviços públicos. E, por fim, há a crise aguda, que ocorre no plano local, sendo, portanto, o “cenário que aglutina a destruição de um amplo sistema de objetos” (VALENCIO, 2012b, p.11).

Para compreender a complexidade das crises simultâneas que ocorrem na esfera social não podemos considerar o desastre somente como manifestação de um fenômeno natural, como as chuvas intensas, pois é essencial “capturar as

particularidades do momento mais crítico sem desconsiderá-lo como parte de uma tessitura social mais abrangente” (VALENCIO, 2012b, p. 15).

Nos dias atuais, são criadas, continuamente, *áreas de indiferença*, que estão inseridas no interior da civilização, e se constituem enquanto o germe da barbárie (COHN, 2004). A civilidade consiste no elo entre civilização e cultura, que é inseparável do processo histórico. Sem esse elo, instaura-se a barbárie, e nesse sentido

não é possível evitar que o respeito ao outro deslize rumo à indiferença pelo outro. A aceitação generalizada da diferença é a expressão exata da indiferença. A barbárie é, antes de mais nada, uma forma perversa de universalização: tudo o que não se identifica com a peculiaridade dada é resto indiferenciado, irrelevante, indiferente, portanto (COHN, 2004, p.85).

A indiferença consiste, portanto, na expressão contemporânea da barbárie. Assim, a relação entre ambas é que a indiferença estrutura a organização social, que caracteriza o modo de produção capitalista. Quando pensamos sobre a ocorrência de desastres percebemos a incapacidade do Estado na garantia dos direitos da população, principalmente das pessoas que são mais vulneráveis. Incapacidade que está totalmente vinculada à indiferença social.

Essa prática higienista é mascarada pelo assistencialismo estatal, que coloca sempre os grupos sociais mais afetados nos desastres, os desabrigados ou os desalojados, como incapazes de tomar as ações necessárias para mitigar os danos da sua atual situação. O processo de desumanização dos afetados nos desastres faz com o Estado não veja que essas pessoas são portadoras de direitos.

O município de São Luiz do Paraitinga, situado na região do Vale do Paraíba, possui 10.137 habitantes. Sua história é marcada pela recorrência de desastres relacionados à água, especificamente, enxurradas ou inundações bruscas. No ano de 2010, o referido município sofreu as consequências da inundação do rio Paraitinga, que foi considerado o maior desastre da história do município, que deixou milhares de pessoas desabrigadas e desalojadas.

Podemos identificar a existência de um abismo em torno da definição oficial/institucional do desastre em relação às particularidades expressas no mundo vivido, sendo assim, nos é fundamental adentrar na dimensão interpretativa do desastre.

Dimensão esta, que parte do que é pensado, falado e vivido por aqueles que estão no centro dessas circunstâncias (KROLL-SMITH; GUNTHER, 1998, p. 170).

Desse modo, a proposta deste trabalho consistiu em compreender a memória social de idosos em torno do desastre vivenciado no município de São Luiz do Paraitinga/SP – a partir da compreensão do mundo do homem cotidiano, ao penetrar em dimensões que seguem à margem das concepções hegemônicas sobre o referido fenômeno social. Tal abordagem permitirá compreender as ligações entre as dimensões materiais e as dimensões simbólicas do desastre que ofertam ao debate, uma interpretação alternativa à institucional.

Por meio da pesquisa de campo de base qualitativa, pretendeu-se compreender como os idosos constroem as narrativas e práticas concernentes a sua experiência diante desse tipo de crise aguda que, eventualmente, se arrasta numa crise crônica, a qual debilita, em certos aspectos, o entendimento de si no mundo.

Pela memória de idosos, além de aspectos singulares relativos aos seus papéis sociais desempenhados e às relações intersubjetivas que porventura tenham sido afetados no contexto desse tipo de crise aguda ou crônica, identificamos as transformações ocorridas no seu espaço vivido, na história local, nas instituições com as quais o grupo interage e no imaginário social ao longo das gerações. A lembrança constitui a função social do velho (BOSI, 1979). Assim, a memória

se inscreve e se constrói no cotidiano. Ao mesmo tempo que apreendemos a memória através do imaginário, do senso- comum, construímos memórias através de nossas relações cotidianas que se perpetuam nos gestos, sentimentos e atitudes (MARTINS, 2008, p.129).

A proposta de mergulhar no mundo do idoso em contexto de desastre dá-nos uma nova perspectiva sociológica, a qual, contudo, tem seguido à margem da história e das visões oficiais sobre o desastre. Busca-se compreender a memória social de idosos em torno do desastre vivenciado a partir da proposta metodológica de José de Souza Martins (1992, 2008), que traz a dimensão da *história vivenciada* como dimensão analítica desta pesquisa.

Visto que os idosos são um dos grupos sociais mais vulneráveis – no aspecto físico - em contextos de desastre, eles são sujeitos fundamentais para compreender tanto as dificuldades quanto as estratégias de enfrentamento em torno desse

acontecimento trágico. E, dessa forma, as contribuições advindas da memória social do grupo são fundamentais na indicação das políticas públicas mais adequadas para a proteção social especial nessas circunstâncias.

OBJETIVOS

O presente trabalho analisa a memória social de idosos acerca do *desastre vivenciado* pelo grupo no município de São Luiz do Paraitinga/SP, em janeiro de 2010. O trabalho consiste em compreender, sociologicamente, como a memória social do referido sujeito:

- se reporta a perda dos espaços de socialização, na relação do público com o privado;
- revela os aspectos mais significativos para os idosos em torno das perdas materiais e imateriais referentes ao espaço privado;
- expressa as agruras da permanência em abrigo temporário (na condição de desabrigado) ou casa de parentes e amigos (ou seja, que ficou desalojado);
- enfim, descreve o enfrentamento do desastre vivido, no plano prático e simbólico e as estratégias de reconstrução da trajetória.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo se caracteriza como pesquisa sociológica, de base qualitativa. Consiste em três partes, a saber: a revisão bibliográfica, a pesquisa documental, e a pesquisa de campo (vide figura 1).

No que concerne à pesquisa bibliográfica, foi feito a seleção, fichamento e análise dos principais autores das Ciências Sociais no tema de *desastres*, em vista de compreender o estado da arte a partir dos estudos de Dombrowsky (1995); Eyre (2007); United Nations Division for the Advancement of Women (2001); Kroll-Smith and Gunter (1998); Oliver-Smith (1998); Perry (2007); Quarantelli (1998); Thornburg, Knottnerus e Webb (2007); e Valencio (2006, 2009, 2010, 2012a; 2012b).

Para compreender as especificidades sobre o idoso e as formas que representam seu mundo social foi fundamental a revisão de literatura sobre os trabalhos de Bosi (1979; 2003) e Debert (1988; 1994).

E, para apreender os aspectos da sociabilidade do grupo foi sintetizada a concepção de memória social, a partir dos seguintes autores: Bosi (1979; 2003); Halbwachs (2006); Pollak (1989, 1992) e Martins (2008). E ainda, para adentrar nas

peculiaridades do mundo vivido, a partir dos estudos referentes à vida cotidiana, autores como Berger & Luckmann (1974), Martins (1992; 2000; 2008), Heller (2008) e Lefebvre (1991) foram essenciais na análise.

A pesquisa documental consistiu igualmente na preparação e fundamentação para a pesquisa de campo de base qualitativa. Nesse momento da pesquisa, analisamos os registros jornalísticos (em revistas, jornais e sites) voltados para o período em que ocorreu o desastre em São Luiz do Paraitinga/SP. Outros documentos analisados foram: a Política Nacional de Defesa Civil (BRASIL, 2000), o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003), entre outros.

Por fim, a pesquisa de campo de base qualitativa consistiu na *observação direta* dos idosos do contexto de enfrentamento do desastre em São Luiz do Paraitinga/SP, a partir da coleta de relatos orais (QUEIROZ, 1987). Com intuito de complementar a coleta de relatos orais, a pesquisa de campo foi utilizada, de maneira acessória e complementar, a fotodocumentação (MARTINS, 2008) como instrumento de compreensão das dimensões socioespaciais de São Luiz do Paraitinga, e a elaboração do caderno de campo, com o intuito de representar o desastre *vivenciado* no município.

Para a realização das entrevistas, o método adotado consiste no modelo *não diretivo*, ou seja, um modelo que procura incentivar o entrevistado a falar livremente, deixando as questões em aberto. Assim, é importante

deixar o informante fazer o relato de uma maneira livre, com suas lacunas, seus silêncios, suas retomadas, suas digressões, e retomar mais tarde, com questões precisas sobre certos aspectos e, por vezes, com solicitação de relatos complementares (GODÓI, 1999, p. 31).

Martins propõe que os estudos partam do avesso, que para compreender os aspectos essenciais da modernidade é necessário investigar “como o moderno e os signos do moderno são incorporados pelo popular” (MARTINS, 2000, p. 35).

O município selecionado para realização da pesquisa de campo foi São Luiz do Paraitinga, que está situado no Estado de São Paulo, e que sofre recorrentemente com enchentes. E no ano de 2010, sofreu as consequências da maior enchente da história de seu município, em que uma nova etapa é marcada pelo processo de reconstrução de São Luiz do Paraitinga (CAMPOS, 2011).

A pesquisa de campo¹ foi realizada desde julho de 2012 até janeiro de 2014. Foram feitas três inserções em campo. A primeira em julho de 2012, a segunda pesquisa de campo foi realizada durante o mês de março de 2013 e a terceira visita ao campo foi em janeiro de 2014.

A primeira pesquisa de campo consistiu num reconhecimento preliminar do local e do modo de vida dos moradores de São Luiz do Paraitinga. Foram realizadas algumas entrevistas com os funcionários da prefeitura, e com alguns moradores do centro e do bairro Várzea dos Passarinhos.

Já a segunda inserção em campo, a pesquisadora permaneceu no município ao longo do mês de março de 2013, foram realizadas a maior parte das entrevistas com os moradores afetados na enchente, dentre eles: o Centro Histórico, bairro Verdeperto, Benfica, Várzea dos Passarinhos. E o Alto do Cruzeiro que foi um bairro que sofreu riscos de deslizamento.

A última inserção em campo foi realizada no mês de janeiro de 2014, e teve o propósito de rever alguns moradores que foram entrevistados e obter alguns dados na Secretaria de Saúde.

Visto que esta pesquisa enfatizou a riqueza de detalhes que constituiu a vivência do idoso no desastre em São Luiz do Paraitinga, cabe ressaltar que os nomes dos entrevistados não foram divulgados, com intuito de preservar suas identidades.

Por fim, espera-se que a coleta, sistematização e análise dos relatos orais ,em torno da pesquisa de campo, tornem possível a compreensão do modo como os idosos conceituam o desastre, para que assim possamos avançar nas discussões sobre o tema e subsidiar políticas públicas e suas implementações.

¹ A realização da pesquisa de campo estava vinculada ao projeto “Impactos sócio-econômicos e psicossociais de desastres no Brasil: o caso de São Luiz do Paraitinga”, coordenado pelo professor Juliano Costa Gonçalves (UFSCar), financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Figura 1: Quadro esquemático do projeto de pesquisa.
Fonte: a autora.

ORGANIZAÇÃO DO SUMÁRIO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Os resultados desta pesquisa estão estruturados em cinco capítulos, a saber:

- **Capítulo 1:** pretendeu-se fazer uma análise sobre o conceito de desastres, numa perspectiva sociológica. A seguir, foi discutido o termo desastre vivenciado. E, posteriormente, foi discutida a relação entre desastre e idoso.
- **Capítulo 2:** buscou-se analisar a relação entre idoso, memória social e vida cotidiana. Inicialmente, foi retratada a relação entre idoso e memória social. No que se refere ao olhar do idoso, é fundamental entender o conceito de memória social, já que este se reconhece no mundo, a partir de suas lembranças. Em vista de entender as configurações do seu mundo social, elencamos os aspectos fundamentais da vida cotidiana. E, finalmente foi trabalhada a relação do desastre como perturbação do mundo vivido.
- **Capítulo 3:** foi realizada uma introdução ao caso de São Luiz do Paraitinga, por meio de uma breve caracterização socioeconômica e sociohistórica do município. Em seguida, destacamos a recorrência de desastres relacionados às chuvas – por meio da análise do documento de Avaliação de Danos (AVADAN) e do Plano Diretor Municipal.
- **Capítulo 4:** inicialmente, foi trabalhada a compreensão do termo *desastre vivenciado*, por meio das análises oriundas do trabalho de campo realizado em São Luiz do Paraitinga/SP. O Poema da Enchente, escrito pelo poeta Ditão Virgílio, foi utilizado como *poesia da existência* (BOSI, 2002), em vista de introduzir os aspectos fundamentais em torno do desastre. Posteriormente, adentramos nas narrativas da existência (idem), a partir da análise dos relatos dos idosos a respeito das perdas materiais e simbólicas e as demais experiências relacionadas ao desastre vivenciado no município. E, para compreender as diversidades no que diz respeito ao sofrimento dos idosos, seja nas dimensões concretas (materiais) e simbólicas que se manifestam através de suas narrativas de verdade, destacamos também as dimensões de sofrimento individual, por meio da descrição e análise dos relatos de duas idosas, que vivenciaram a crise de modo peculiar.

- **Considerações Finais:** nas considerações finais retratamos as principais reflexões em torno da pesquisa de campo no município de São Luiz do Paraitinga/SP. E espera-se ainda que as discussões possam contribuir no debate e no subsídio de políticas públicas relacionadas aos idosos em contexto de desastres.

1. DESASTRES: UMA ABORDAGEM SOCIOLÓGICA

Os estudos sistemáticos sobre o conceito de desastre iniciaram-se a partir da década de 1950, influenciados pelo contexto da Segunda Guerra Mundial (QUARANTELLI, 1998). Os desastres e as crises, de modo geral, são eventos que sempre constituíram a experiência humana, porém, atualmente, os desastres têm se intensificado e se apresentado em maior complexidade (QUARANTELLI; LAGADEC; BOIN, 2007).

Enrico L. Quarantelli organizou a publicação do livro “What is a Disaster”, que tem objetivo de debater o conceito de desastre por meio da abordagem das Ciências Sociais. Essa publicação está vinculada ao ISA “International Sociological Association”, em que “International Research Committee on Disasters”² foi criado. Este estudo é de grande relevância para desenvolvimento do tema, e é composto em dois volumes. O 1º volume foi publicado no ano de 1998, e o 2º volume, no ano de 2005, organizado junto com Ronald W. Perry. Outra coletânea relevante intitula-se “Handbook of Disaster Research”, organizada por Rodriguez, Quarantelli e Dynes, publicada no ano de 2007. As publicações contêm as contribuições dos principais cientistas europeus e norte-americanos que dedicam seus esforços intelectuais no tema de desastres, na área das Ciências Humanas.

O objetivo geral dessas coletâneas consiste em discutir as diferentes abordagens e visões relacionadas ao conceito de desastre, já que não foi estabelecido um consenso no debate internacional. Para o desenvolvimento deste campo teórico, Quarantelli destaca a importância de expandir o diálogo entre os pares para que haja maior clareza e consenso relativo nesses estudos, pois grandes divergências no campo teórico apontam a existência de conflitos interpretativos.

Na abordagem da sociologia dos desastres, os desastres são inerentemente fenômenos sociais e que se configuram enquanto uma crise instaurada no corpo social³. Os desastres são compreendidos, para Quarantelli, como perturbações na vida social e se originam no interior do sistema social. E, desse modo,

² Tradução: “Comitê Internacional de Pesquisas em Desastres”

³ Vale ressaltar que o desastre se difere de outras crises, como o terrorismo, a guerra, entre outros.

disasters stem from the very nature of social systems themselves. Disasters in this framework are overt manifestations of latent societal vulnerabilities. [...] disaster is rooted in the weaknesses of a social system that manifest themselves depending on the dynamics of that system (PERRY; QUARANTELLI, 2005, p. 345)⁴.

O desastre, para Quarantelli (2005), não pode ser considerado como algo “natural”, porque está inserido num contexto sóciohistórico, que não se desvincula das ações e decisões dos indivíduos. Os desastres são deflagrados numa localidade específica, prejudicando determinados grupos sociais ali inseridos, e não podem ser compreendidos como tais sem que pessoas sejam afetadas. Assim, Quarantelli propõe que se considerem os conceitos de tempo e espaço social no processo, já que, desse modo, “a resposta à situação de emergência e medidas de proteção seriam consideravelmente aprimoradas” (PERRY; QUARANTELLI, 2005, p. 339).

Perry (2007) debruça seus estudos e esforços intelectuais, essencialmente, em questões sociais e de políticas governamentais. Os desastres possuem diversas facetas e se caracterizam como (vide **figura 2**): (1) ocasiões súbitas; (2) graves perturbações na rotina; (3) ações não planejadas para adaptação às perturbações no meio social; (4) produção de histórias de vida inesperadas no tempo e espaço social; (5) representação de perigo a objetos valorizados socialmente; (6) fraqueza nas estruturas e nos sistemas sociais. (QUARANTELLI, 2000, p. 682; PERRY; QUARANTELLI, 2005, p. 345 apud PERRY, 2007, p. 10)⁵.

⁴ Tradução: “os desastres decorrem da natureza dos próprios sistemas sociais. Nesse quadro, desastres são manifestações evidentes de vulnerabilidades sociais latentes. [...] o desastre está enraizado nas fraquezas de um sistema social que se manifestam de acordo com a dinâmica daquele sistema (QUARANTELLI, 2005, p. 345. Tradução livre).

⁵ QUARANTELLI, E.L. Disaster research. In E. Borgatta, & R. Montgomery (Eds.), Encyclopedia of sociology. New York: Macmillan. 2000, p. 682-688.

QUARANTELLI, E. L.. A Social Science Research Agenda for the Disasters of the 21st Century: Theoretical, Methodological and Empirical Issues and their Professional Implementation. In: PERRY, R. QUARANTELLI, E. R. What is a disaster? New Answers to Old Questions. (R. W. Quaranteli, E. L.; Perry, Ed.). USA: International Research Committee on Disasters, 2005. p. 325-396.

Figura 2. Desastre na visão de Quarantelli.

Fonte: Figura baseada nos estudos de Quarantelli (QUARANTELLI, 2000, p. 682; PERRY; QUARANTELLI, 2005, p. 345 *apud* PERRY, 2007, p. 10).

De acordo com os elementos destacados por Perry, o fato do desastre se caracterizar enquanto uma ocasião súbita perturba gravemente a rotina de quem o vivencia e produz histórias de vida inesperadas. Podemos exemplificar o caráter súbito dos desastres pelo fato das pessoas terem que sair às pressas de suas casas, sofrendo com a perda ou danificação desta e/ou de seus bens materiais e imateriais ou, ainda, com a perda de amigos e familiares. Quando Perry destaca que a representação social em relação ao desastre está relacionada com os objetos que são valorizados socialmente, podemos usar como exemplo os templos religiosos, ou outros elementos do mundo material que proporcionam o reconhecimento do grupo no lugar. E por fim, a fraqueza nos sistemas sociais é deflagrada nos desastres, e ainda reflete à falta de planejamento para adaptações à esse tipo de crise na sociedade.

Dentro dessa perspectiva, que consiste em desenvolver o campo teórico da Sociologia dos Desastres, Perry (2007) pontua alguns consensos estabelecidos até

o momento: a) o desastre é um fenômeno social; b) é compreendido por meio das interações humanas; c) é um rompimento da vida social – apesar de destacar que algumas abordagens teóricas compreendem a noção de rompimento como um evento ou força; d) há relações entre vulnerabilidade – que é encontrada na perturbação da estrutura social – e resiliência – como medidas adaptativas à perturbação.

A proposta teórico metodológica dos estudos de Kroll-Smith e Gunter (1998) se ampara nas dimensões locais e as experiências subjetivas nos desastres. Os autores destacam que essas dimensões subjetivas se perdem na análise quando o desastre é retratado, por meio da voz oficial. A voz oficial, que é considerada como a compreensão do “real” no desastre, não agrega dimensões a partir do olhar de quem o vivencia. Desse modo, há um abismo entre as definições oficiais e as especificidades da vivência do desastre, em nível local. A aproximação dessas abordagens nos permite adentrar em dimensões que permaneciam silenciadas, esquecidas, e não valorizadas – que estão vinculadas à noção de experiência.

Os autores consideram fundamental que a construção do termo desastre se parta de uma *dimensão interpretativa*, forma esta já fundamentada nas ciências sociais, por meio dos estudos do interacionismo simbólico, de etnometodologia, e de etnografia, entre outros, que se afastam dos estudos sociológicos tradicionais. Nessa perspectiva, o conceito de desastre é ressignificado constantemente, se valorizando a forma como o grupo vivencia o desastre e nomeia esse problema (idem).

Para exemplificar as limitações da definição oficial, os autores destacam o caso de um jovem que vive em uma pequena cidade em Wyoming, que foi contaminada por gás metano (o ano não foi especificado), e o questionaram sobre a impressão de sua família sobre o desastre. O garoto ressaltou que, na visão de seu pai, o desastre estaria vinculado à perda de dinheiro nos negócios, enquanto para a mãe seria um desastre a morte de algum parente. Já para o jovem seria um desastre se a contaminação pelo gás metano fizesse com que sua noiva se mudasse para outra cidade, pois ele não possui um carro para visitá-la. Desse modo, crê-se que o desastre é um conceito que possui clivagens geracionais e de gênero (idem).

Nessa pesquisa, temos o intuito de adentrar nas *dimensões interpretativas* do desastre, por acreditarmos que a compreensão do desastre, a partir de quem o vivenciou, pode complementar visões da ‘voz oficial’ e implementar políticas públicas nessa área.

Oliver-Smith destaca que há uma complexidade no tema dos desastres, pois os desastres consistem na relação de diversos processos e eventos – sociais, ambientais, culturais, políticos, econômicos, físicos, tecnológicos –, comportando-se, dessa forma, como evento totalizante (OLIVER-SMITH, 1998).

Para o autor, uma definição e uma abordagem adequada nos estudos sobre os desastres devem abranger a multidimensionalidade que o caracteriza. Essa multidimensionalidade se configura como expressão de sistemas físicos, biológicos, e sociais que se expressam na interação entre populações, grupos, instituições e práticas (OLIVER-SMITH, 1998).

A ocorrência de um desastre traz à tona uma conjunção de problemas sócio-estruturais, que já estavam instaurados no corpo social, como: 1) a intensificação da produção, 2) o aumento populacional, 3) a degradação ambiental, 4) a diminuição da adaptabilidade (OLIVER-SMITH, 1998).

Oliver-Smith se debruça sobre os estudos de Tim Ingold (1992), que trabalha a noção de cultura e percepção do meio ambiente. Ingold, por sua vez, parte da compreensão da interação entre sociedade e meio ambiente, pois estes se constituem mutuamente (INGOLD, 1992, *apud* OLIVER-SMITH, 1998)⁶. O ambiente tem influência direta na formação cultural e organização social de uma determinada comunidade e vice versa.

Desse modo, ao invés de compreender os desastres enquanto fenômenos inerentemente sociais, Oliver-Smith destaca que os desastres estão inerentemente vinculados a relações socioambientais. Ambiente e sociedade são entidades que se constituem mutualmente, ou seja, “environmental features and processes become socially defined and structured just as social elements acquire environmental

⁶ INGOLD, T. Culture and the perception of the Environment. In: CROLL, E.; PARKIN, D. (Orgs.). **Culture, Environment and Development**. London: Routledge, 1992. p. 39-56.

identities and expressions” (OLIVER-SMITH, 1998, p. 186)⁷. Desse modo, os desastres se constituem como

process/event involving the combination of a potentially destructive agent(s) from the natural, modified and/or constructed environment and a population in a socially and economically produced condition of vulnerability, resulting in a perceived disruption of the customary relative satisfactions of individual and social needs for physical survival, social order and meaning” (OLIVER-SMITH, 1998, p. 186)⁸.

Os padrões de vulnerabilidade, que são construídos historicamente, se evidenciam no lugar, nas infraestruturas, na estrutura sociopolítica, nos padrões de produção e na ideologia. Nos contextos em que os padrões de vulnerabilidade são produzidos, os comportamentos dos indivíduos e das organizações também são influenciados. Os desastres vão expressar as incompatibilidades na relação estabelecida mutuamente entre o homem e o ambiente (OLIVER-SMITH, 1998).

Na América Latina, os estudos de diversos pesquisadores da *Red de Estudios Sociales en Prevención de Desastres en América Latina/ La RED*, principalmente Lavell (1993, 1999) e García Acosta (1993, 2004, 2005, 2007), são relevantes por partirem da premissa de que os desastres não são naturais – o que amplia e configura novas dimensões ao problema.

Tanto o trabalho de Lavell, quanto o de García Acosta, atenta para o equívoco da tendência em confundir o desastre com a manifestação de um fenômeno natural (como chuvas intensas, furacão, tsunami, etc.). Os autores apontam que o fenômeno físico é um pré-requisito para deflagração de um desastre, porém, este por si só não garante o acontecimento do mesmo (LAVELL, 1999; GARCÍA ACOSTA, 1993, 2004). O desastre, compreendido como natural, ampara-se na imprevisibilidade deste acontecimento.

Assim,

⁷ Tradução: “características e processos ambientais tornam-se socialmente definidos e estruturados, assim como elementos sociais adquirem identidades e expressões ambientais” (OLIVER-SMITH, 1998, p. 186. Tradução livre).

⁸ Tradução: “um processo/evento que envolve a combinação de agente(s) potencialmente destrutivo(s), do ambiente natural, modificado e/ou construído e uma população na condição de vulnerabilidade produzida social e economicamente, resultando em um rompimento das satisfações relativas habituais e as necessidades sociais e individuais para a sobrevivência física, ordem social e significado” (OLIVER-SMITH, 1998, p. 186. Tradução livre).

la consecuencia de estas concepciones es que se establece una disyuntiva falsa en contraponer desastres a la vida cotidiana de los seres humanos afectados por un evento físico. Se ve como una intrusión en la vida estable, ordenada y predecible. La "vida normal" parece afectada por desastres solamente de forma fortuita y el énfasis de la investigación tecnócrata es de hacer lo impredecible predecible y así volverlo manejable" (LAVELL, 1993 , p. 114)⁹.

Lavell (1999), a partir de seus estudos na área da geografia, destaca a importância de se estudar os desastres, a partir de uma perspectiva temporal ampla, que incorpore o processo de construção social no qual o desastre se configura. Nesse sentido, o autor considera a *historicização dos desastres* como elemento fundamental, já que estes são fruto da construção histórica da vulnerabilidade social.

A análise proposta por Lavell parte da relação entre desastre, crescimento econômico e desenvolvimento, destacando a construção da vulnerabilidade como reflexo de um modelo econômico que deixa muitos à margem no desenvolvimento econômico, político e ambiental.

Nesse sentido, as questões ambientais, de desenvolvimento e sustentabilidade devem ser vistas de forma integrada para pensar os problemas concretos dos desastres e compreendermos sua natureza social, em que essa integração possa gerar subsídios para um caminho que vise à diminuição da vulnerabilidade (LAVELL, 1993; 1999).

García Acosta (2005) debruça seu esforço intelectual nos estudos referentes à Antropologia do Risco, e destaca a constante relação entre risco, desastre e vulnerabilidade. Sua abordagem antropológico-histórica parte da preocupação de compreender os desastres por esferas relacionadas à cultura.

Os estudos exploratórios da antropologia histórica, que analisam os desastres enquanto processos partem da associação de duas ciências distintas, porém complementares. A associação da narrativa, observação participante e registro etnográfico, combinada com uma perspectiva histórica, permite pensar os desastres enquanto processos sociais, ao incorporar a perspectiva temporal na análise

⁹ Tradução: "a consequência dessas concepções é que se estabelece uma falsa escolha em contrapor os desastres à vida cotidiana dos afetados por um evento físico. Parece uma intrusão na vida estável, ordenada e previsível. A "vida normal" parece afetada por desastres apenas incidentalmente e a ênfase tecnocrática da pesquisa é fazer com que o imprevisível previsível e, portanto, controlável novamente. (LAVELL, 1993 , p. 114, Tradução livre)

(GARCÍA ACOSTA, 2004). Essa abordagem traz alguns resultados que mostram que as ameaças naturais revelam situações críticas, porém, já existentes no corpo social (ACOSTA, 2002a apud GARCÍA ACOSTA, 2004)¹⁰. Os desastres se configuram enquanto processos multidimensionais (OLIVER-SMITH, 1998; GARCÍA ACOSTA, 2005; VALENCIO, 2012a) e multifatoriais (OLIVER-SMITH, 2002 apud GARCÍA ACOSTA, 2005)¹¹.

No Brasil, os estudos de Valencio são pioneiros na área da sociologia dos desastres. O desastre está associado a três crises simultâneas que ocorrem tanto na esfera privada, quanto na esfera pública, que intitula como: *crise civilizacional, crise crônica e crise aguda* (VALENCIO, 2012b).

Para compreender a complexidade dessas crises simultâneas que ocorrem na esfera social não podemos considerar o desastre somente como manifestação de um fenômeno natural, pois é essencial “capturar as particularidades do momento mais crítico sem desconsiderá-lo como parte de uma tessitura social e histórica mais abrangente” (VALENCIO, 2012b, p. 15).

Os desastres têm implicações sociais, políticas, econômicas e culturais no que diz respeito aos sistemas de prevenção e preparação que falharam com a concretização de determinado risco. Enquanto a preocupação da esfera política estiver focada somente nos fatores de ameaça e não nos grupos sociais que estão em constante processo de vulnerabilização, os danos e prejuízos em relação aos desastres serão cada vez maiores.

O estudo realizado pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais em Desastres (NEPED), coordenado por Valencio, para o Conselho Federal de Psicologia, no ano de 2011, descreveu diversas formas de abandono do Estado em relação aos indivíduos afetados nos desastres em diferentes regiões do país. O sofrimento dos afetados nos desastres perpassa: 1) as perdas materiais, como danificação total da estrutura física da casa, dos utensílios domésticos, roupas, entre outros; 2) as perdas imateriais e simbólicas, desde a perda de familiares, vizinhos e

¹⁰ GARCÍA A,V.. Historical Disaster Research, In: S.M.Hoffman y A. Oliver-Smith (eds.), Catastrophe & Culture. The Anthropology of Disaster, School of American Research-James Currey Ltd., Santa Fe y Oxford, 2002a, pp. 49-66.

¹¹ OLIVER-SMITH, Anthony. Theorizing Disasters. Nature, Power, and Culture?. In: S.M. Hoffman y A. Oliver-Smith (eds.), Catastrophe & Culture. The Anthropology of Disaster, School of American Research-James Currey Ltd., Santa Fe y Oxford. 2002, pp. 23-47.

amigos; 3) e as perdas que remetem a memória do grupo social, como a danificação ou destruição de um patrimônio histórico da cidade, entre outros (VALENCIO; SIENA; MARCHEZINI, 2011). Desse modo, o grupo social que vivencia uma situação extrema como um desastre, não necessita somente de provimentos como cesta básica, colchão e auxílio-aluguel. Diante da multiplicidade das perdas, o Estado assume o papel de suprir carências e não o de garantir direitos (GOHN, 2011).

Após a manifestação do fator de ameaça, como as chuvas intensas em um grupo social vulnerável, as ações do Estado em vista de mitigar os danos estão recorrentemente voltadas para o provimento de auxílio aluguel, colchão e cesta básica. E resta, novamente, aos afetados gerenciarem as múltiplas perdas (materiais e simbólicas) envolvidas num desastre e que vão além de tal provimento.

Ao considerarmos que as ações de prevenção e preparação em torno do desastre

inexistiram ou não se propagaram aos grupos que delas necessitavam ou não foram atualizadas conforme mudaram as feições do grupo vulnerável e suas circunstâncias, então há um desastre social em ocorrência, que, no âmbito sociopolítico e em termos socioeconômicos, tem estado nitidamente associado ao viés de classe (VALENCIO; SIENA; MARCHEZINI, 2011, p.36).

Já as práticas do Estado em nível de *resposta* ao risco concretizado suprem as necessidades vitais em que

tudo corrobora para o sucesso da figuração pública de compromisso com a minimização da dor coletiva ali manifestada. Ocorre, assim, de essa performance pública de cuidado ser veiculada como exitosa e exigir, então que o grupo atendido demonstre gratidão pelas manifestações de empenho e solidariedade havidos. [...] Ocultadas as razões da sucessão de crises pontuais, aqui e acolá, com as mesmas características, essas passam a significar não apenas a admissibilidade político-institucional a que continuem ocorrendo – isto é, naturaliza-se que algo trágico possa acontecer, com certa frequência, a uma parcela da sociedade –, mas que os aparatos que se põem no cenário sejam mais que suficiente para remediar a situação; ou melhor, sejam a prova do empenho público para saná-la (VALENCIO, 2012a, p.14).

É relevante, contudo, compreender como os distintos sujeitos tornam-se vulneráveis numa trajetória individual, familiar e coletiva que relacionam múltiplas

temporalidades, isto é, estão inseridos em um processo no qual sua condição de vulnerabilidade compõe uma relação historicamente constituída (ACSELRAD, 2006).

E ainda o desastre escancara uma “culminância de mazelas que, desde sempre, estiveram ali, mal resolvidas embora naturalizadas. Mazelas tão mais silenciadas quanto mais profundas que a opressão material, cultural, social e política dos afetados” (VALENCIO, 2010, p. 34). Considerar a existência da dimensão material, por meio de perdas e danos, não pode estar desvinculada da dimensão não material de afetação que se reproduz no mundo simbólico, por meio do rompimento repentino do *habitus*¹² (BOURDIEU, 2009).

O desastre evidencia-se, visivelmente, por meio de práticas de desenvolvimento insustentável, comportando-se como função das ações e condutas humanas. A gestão de riscos e desastres relaciona-se à uma abordagem intersetorial – que considera as dimensões de gênero – que visa contribuir para o desenvolvimento global (UNITED NATIONS DIVISION FOR THE ADVANCEMENT OF WOMEN, 2001).

Os indivíduos que vivenciam um desastre perdem suas referências, já que os objetos os quais o grupo possui identificação foram deteriorados. Desse modo, o mundo se rompe de forma metafórica e literal, pois a desorientação no mundo vivido envolve a ação, mas também a incerteza, que se manifesta no plano simbólico.

As políticas de mitigação de danos e prejuízos referentes aos desastres devem estar amparadas nas particularidades expressas nas relações cotidianas, pois essas vidas permanecem em suspenso.

1.1. Desastre Vivenciado

Zhour e Oliveira (2010) faz uma crítica às formas globocêntricas de ver o mundo – que se constituem como referenciais da modernidade – e pontua a existência de assimetrias de poder que se estabelece entre a dicotomia global-local. O fato da imagem do debate ambiental – no qual o tema dos desastres se insere –

¹² De acordo com Bourdieu (2009), o *habitus* é adquirido mediante a interação social, pois é, da mesma forma, classificador e organizador dessa interação, sendo, assim, o condicionante e o condicionador das nossas ações. Nesse aspecto, o autor não ignora os sentidos que os agentes vão conferir aos seus atos, trazendo uma nova dimensão teórica para a sociologia.

se constituir como global, universal e consensual é duvidosa, pois mascara as relações de poder inscritas no território.

As autoras mostra que a resistência acontece no lugar, ou seja, na dimensão local. E é na dimensão local que os sujeitos sociais estabelecem relações no meio ambiente, que se realizam por meio da construção simbólica, social e material – que não acontece de forma homogênea. Assim, a defesa do lugar está vinculada à defesa do enraizamento e da memória. Nessa perspectiva, a resistência ocorre de modo silencioso no cotidiano, já que o discurso global obscurece as formas de resistência.

As representações relacionadas à ocorrência de um desastre estão sujeitas a diversas interpretações, transitando de interpretações que partem do desastre enquanto manifestação do divino, como advindos das falhas governamentais ou ainda é visto como um fenômeno “natural” (WEBB, 2007). Os estudos sobre os rituais são relevantes para a compreensão dos desastres, pelo fato destes terem um papel importante na vida social. Para analisar as práticas sociais perturbadas, Thornburg, Knottnerus e Webb (2007) eles partem da *Teoria de Ritualização Estrutural*, por meio da análise dos rituais, que são elementos constitutivos da vida cotidiana. Nesse sentido, essa teoria foca, principalmente, no que eles chamam de *práticas simbólicas ritualizadas*, em que o foco principal se ampara no comportamento social (KNOTTNERUS, 1997 apud THORNBURG; KNOTTNERUS; WEBB, 2007). A *prática simbólica ritualizada* possui dois componentes essenciais, que são eles: 1) envolvem atos humanos e; 2) envolvem estruturas simbólicas e cognitivas. A partir desses componentes, os autores analisam como que a desritualização pode gerar perda de significados, rompimento de uma ação ou ambos, que auxiliam na condução dos estudos referentes aos efeitos disruptivos dos desastres.

O desastre, nessa perspectiva, é compreendido como *processo de desritualização*, em que é de suma relevância analisar as perturbações das práticas sociais. Desse modo, esse estudo tem o intuito de analisar como as pessoas agem perante esse processo de rompimento e de desritualização, e compreender as maneiras que as pessoas, que vivenciam um desastre, encontram para lidar com esse fenômeno (THORNBURG; KNOTTNERUS; WEBB, 2007). Tal como o desastre desorganiza a vida cotidiana, ele inviabiliza as práticas ritualizadas.

Os autores conceituam desritualização como perturbação ou rompimento das práticas ritualizadas de determinado grupo. Essa perturbação das práticas ritualizadas faz com que o grupo se sinta desorientado em seu contexto social, e os valores e crenças partilhados pelo grupo perdem seu sentido. Compreender o desastre como *processo de desritualização* fornece possibilidades concretas para respostas aos desastres. A reinvenção das práticas ritualizadas após o acontecimento de um desastre é compreendido como reconstrução do mundo social.

O desastre não termina para o grupo social que sofre esse tipo de ruptura. Tal ruptura, quando impossibilita a reprodução das práticas cotidianas, faz com que a vivência de um desastre não termine.

O estudo de Eyre (2007) parte da importância do processo de rememoração dos desastres, e, para compreendê-lo, se ampara em dimensões sociais e simbólicas em torno dos rituais. Ela destaca a necessidade do aumento do empoderamento dos afetados nos desastres, por meio de comemorações populares, que se expressam nos rituais (EYRE, 2007).

Ao relembrar o desastre vivido por uma determinada comunidade, o sentido e a noção de vida em comunidade se reforça, por meio desses rituais. Para compreendê-los, a autora se ampara em abordagens antropológicas e sociológicas, que se refletem na identidade social e política do grupo.

Os desastres perturbam a vida cotidiana, desestabilizam as estruturas sociais e as visões de mundo e seus sistemas de significado (OLIVER-SMITH, 1998). E ainda o desastre é um evento que é compartilhado entre os membros da comunidade, e envolve trauma e expressões comuns de tristeza e luto (EYRE, 2007).

A abordagem de Eyre permitiu pensar os rituais e festas comemorativas em geral como fonte de resistência coletiva perante um evento desaglutinador como o desastre. Os rituais, festas comemorativo-religiosas se realizam no momento em que conflitos coletivos se suspendem temporariamente, sendo assim, as festas são fatores fundamentais para reconstrução e reinvenção coletiva.

Webb (2007) relaciona o evento do ataque terrorista do World Trade Center com as seguintes questões: será que é possível um evento afetar permanentemente a vida social? Se sim, como isso modificaria o mundo social? Será que todos percebem essas mudanças do mesmo modo?

Para compreender o processo de desritualização, em que há uma desorganização das práticas ritualizadas, o desastre não pode ser compreendido por outro viés, que não seja a partir do plano do sujeito. As *práticas simbólicas ritualizadas* oferecem sentido à vida social dos grupos afetados (THORNBURG; KNOTTNERUS; WEBB, 2007). Desse modo, esta pesquisa, que tem o intuito de analisar as dimensões do *desastre vivenciado*, deve, em primeira instância, adentrar no mundo cotidiano.

Assim, a tristeza dos que vivenciam o desastre nas relações cotidianas consiste na extensão do desastre no plano simbólico, deixando parte da vida cotidiana em suspenso pelo fato dos indivíduos não se reconhecerem no lugar.

O desastre vivenciado se ampara no termo *história vivenciada*, consiste na “dialética de um fazer História à margem da realidade dominante e das ideias dominantes” (MARTINS, 2000, p. 12). Pretendemos analisar, portanto, as dimensões do desastre no plano do vivido, perspectiva esta que segue à margem das abordagens institucionais, ora predominantes.

O desastre pode ser aprendido por múltiplos olhares, dentre eles alguns olhares sobre o fenômeno que possuem maior visibilidade do que outros, visto que os discursos não são neutros, pois se expressam por meio de relações de poder.

Os grupos sociais que seguem excluídos tanto do progresso social quanto da História, como os velhos, as mulheres, os negros, entre outros, são vozes fundamentais, que devem estar no centro da análise, pois fonte para compreendê-la, sob uma nova e mais consistente perspectiva.

Nesse estudo, as dimensões do desastre vivenciado partirão do olhar privilegiado do idoso, o qual além de ter em sua trajetória, uma experiência direta de perdas e danos nestes acontecimentos, são portadores da memória social do grupo ao qual fazem parte.

1.2. O Idoso em contexto de Desastre

Nas últimas décadas, no mundo, a proporção de pessoas idosas no país aumentou, assim como a ocorrência de desastres. Os idosos se caracterizam, em termos biopsicossociais, como os mais vulneráveis a esses eventos com maior

probabilidade de risco a óbito e adoecimento durante e após o impacto dos desastres (WHITTINGTON, 2010).

A literatura internacional retrata que, apesar do extenso debate sobre desastre, poucos desses estudos se referem ao tema da velhice, tanto com relação aos níveis de preparação, resposta ou reconstrução (GIBSON, 2006).

No ano de 2005, no desastre ocorrido em Nova Orleans, 73% dos mortos pelo furacão Katrina tinham mais de 60 anos, sendo que esse grupo compreendia menos que 15% da população citadina, segundo o U.S. Senate Comittee on Health, Education, Labor and Pensions (GIBSON, 2006).

Gibson (2006) elenca alguns aspectos que destacam a vulnerabilidade dos idosos como desproporcional à vulnerabilidade dos adultos, devido às doenças crônicas; às limitações funcionais e às disfunções sensoriais físicas e cognitivas que afligem significativamente este grupo.

Devido a essas fragilidades, que estão relacionadas à questão de saúde física e mental, os idosos podem ter dificuldades e limitações no momento do desastre (GIBSON, 2006). A vulnerabilidade desse grupo está pautada por sua fragilidade física e emocional numa situação de crise aguda; sentimentos de tristeza e estresse podem, eventualmente, ser intensificados com a perda e com a danificação de sua propriedade e de outros bens (ORIOL, 1999).

Cabe esclarecer que pensar os aspectos oriundos da fragilidade física do idoso não significa que devemos vitimizá-lo, pois o idoso é portador da memória social do grupo. Contudo, nesse cenário, o idoso ampara-se em sua experiência e discernimento, que partem de seus talentos e habilidades, que devem ser valorizados nesse contexto. Os idosos têm um papel importante na ajuda humanitária, na identificação dos mais vulneráveis em seu bairro e no gerenciamento e coordenação dos abrigos temporários (GIBSON, 2006).

Para relacionar desastre e velhice é necessário estabelecer o diálogo com diversas disciplinas, em que a sabedoria da coletividade é considerada como a chave fundamental para fazer a interface entre essas instâncias (NGO, 2001). O trabalho de Ngo tem o intuito de analisar como os idosos percebem e respondem aos desastres, sob uma perspectiva da medicina, da sociologia e da psicologia. Para tanto, foram selecionadas as relações entre perdas (impactos materiais e financeiros) e danos (físicos, psicológicos ou ainda a morte).

A revisão bibliográfica apresentada por Ngo faz referência a diversos casos que ressaltam as perdas e danos dos idosos nos desastres, e este grupo seguiu mostrando-se mais vulnerável do que os demais grupos. Em pesquisas anteriores, que comparavam os danos dos idosos com jovens, foi constatado que as pessoas idosas afetadas nos desastres perceberam a perda de forma mais intensa do que os demais (FRIEDSAM, 1961 apud NGO, 2001)¹³.

Ngo destaca, especialmente os estudos de Poulshock e Cohen (1975, 1977), que retratam o desastre em Luzerne County, na Pennsylvania, no ano de 1972, que sofreu inundações, seguido pelo furacão Agnes. Destacou-se que, no primeiro ano após o desastre, os idosos sofreram muito em consequência da constante realocação de casas que sofreram até retornarem, efetivamente, para suas casas. E o resultado obtido foi que, mesmo quando a realocação tenha gerado grande expectativa nesses idosos, constatou-se que não gerou efeitos em relação a mortalidade. E os idosos que não tinham uma rede de apoio para alojá-los, tiveram que ficar em abrigos temporários, apresentaram sintomas de nervosismo, pesadelos e depressão (POULSHOCK; COHEN, 1975; COHEN; POULSHOCK, 1977 apud NGO, 2001, p. 81-2)¹⁴. E mesmo nessa situação, parte dos idosos se recusou a procurar ajuda especializada que era oferecida pelos programas de saúde mental do governo.

O estudo de Huertya e Horton (1978) analisou essa conduta dos idosos, interpretando-a como resistência e preservação dos valores de independência e identidade pessoal (HUERTA; HORTON, 1978 apud NGO, 2001)¹⁵. Porém, uma análise muito criteriosa deve ser feita na avaliação de perturbações psicológicas em longo prazo nos idosos, já que este é assunto bem complexo em que cada indivíduo vivencia o desastre de uma forma (NGO, 2001).

Entre outros estudos ressaltados por Ngo, foi constatado que o status socioeconômico dos idosos influenciou, diretamente, no processo de recuperação

¹³ FRIEDSAM, H.. Reactions of older persons to disaster-caused losses: An hypothesis of relative deprivation. In: **Gerontologist**, 1. 1961. p.34– 37.

¹⁴ POULSHOCK, S., AND COHEN, E. The elderly in the aftermath of a disaster. In: **Gerontologist**, 15(4), 1975, p. 357–361.

COHEN, E., AND POULSHOCK, S. Societal response to mass dislocation of the elderly. In: **Gerontologist**, 17(3), 1977, p.262–268.

¹⁵ HUERTA, F., AND HORTON, R. Coping behavior of elderly flood victims. In: **Gerontologist**, 18(6), 1978, p. 541–546.

nos níveis econômico, psicológico e no acesso à assistência recebida (KILIJANEK; DRABEK, 1979; BOLIN; KLENOW, 1988; KANIASTY; NORRIS, 1995 apud NGO, 2001)¹⁶. Assim,

given the diversity of the elderly population and the complexity of social, psychological, and physiological interactions occurring in the chaotic, uncontrolled environment following a disaster, it is not surprising that our current understanding of the elderly population's response to disasters is subject to change, revision, and refinement (NGO, 2001, p. 85)¹⁷.

No Brasil, a literatura referente aos idosos no contexto de desastres, principalmente, em assuntos que tratem das dimensões sociais e culturais, não são muito abundantes.

A importância de estudar esse grupo social no contexto de desastre não está somente relacionada com o processo de vulnerabilização que o idoso vivencia em suas relações cotidianas, mas também com o repertório de experiências e de memória do grupo social que esse grupo transmite ao longo das gerações.

Recentemente, a Secretaria de Direitos Humanos elaborou o “Protocolo Nacional Conjunto para Proteção Integral a Crianças e Adolescentes, Pessoas Idosas e Pessoas com Deficiência em Situação de Risco e Desastres”, numa tentativa de integrar esforços da área da Saúde, Assistência Social, Defesa Civil, Educação e Segurança Pública para pensar a atuação do poder público com grupos mais vulneráveis em cenários de desastres. Em relação à população idosa, o protocolo se apoia no Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003) para construir os princípios para proteção integral do grupo, tanto nos níveis de prevenção e preparação, quanto nos níveis de resposta e reconstrução (SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS, 2013).

¹⁶ KILIJANEK, T., AND DRABEK, T. Assessing long-term impacts of a natural disaster: A focus on the elderly. In: **Gerontologist**, 19(6), 1979, p. 555– 566.
BOLIN, R., AND KLENOW, D. **Older people in disasters**: A comparison of black and white. *Int. J. Aging and Human Devel.*, 26(1), 1988, p.29–43.
KANASTY, K., AND NORRIS, F. H. **In search of altruistic community**: Patterns of social support mobilization following hurricane Hugo. *Am. J. Community Psychol.*, 23(4), 1995, p. 447–77.

¹⁷ Tradução: “dada à diversidade da população idosa e da complexidade das interações sociais, psicológicas e fisiológicas que ocorrem no ambiente caótico e descontrolado após um desastre, não é de estranhar que a nossa atual compreensão da população idosa em resposta aos desastres estejam sujeitas a alteração, revisão e refinamento” (NGO, 2011, p. 85).

O protocolo visa o empoderamento das comunidades no processo, porém as principais atuações da Defesa Civil, que ocorrem, principalmente, no nível de resposta ao risco concretizado, impossibilita que as ações possam ser vistas de forma integrada e que priorizem a população que está em processo de vulneralização.

Dessa forma, é fundamental que os idosos que sofrem os danos materiais e imateriais nos desastres devam ser escutados e que suas experiências sejam incluídas em projetos de preparação e resposta aos desastres (DUGGAN et al., 2010).

Nessa pesquisa, pretendemos compreender as dimensões culturais e sociais em torno da vivência do idoso nos desastres. E, dessa forma, entender como o sujeito vivencia essa crise e se reinventa, perante essa experiência social desaglutinadora.

2. IDOSO, MEMÓRIA SOCIAL E VIDA COTIDIANA

2.1. Idoso e Memória Social

A proposta da pesquisa consiste em *colher memória de velhos* (BOSI, 1979), mergulhando nos aspectos submersos nos quais se encontra o homem simples e cotidiano (MARTINS, 2008). Desse modo, por meio da interseção entre os termos *velhice*, *memória* e *desastre* pretendemos adentrar nas entrelinhas do homem simples e cotidiano.

Para refletirmos sobre produção e reprodução da vida social é importante compreender a periodização da vida, as categorias de idade que constituem a sociedade e as características dos grupos que as constituem (DEBERT, 1994).

Nos estudos sobre a velhice, a tríplice visão do envelhecimento, que segue baseada a partir de influências biológicas, sociais e psicológicas, consiste na: 1) Senescência: relativa ao aumento de probabilidade da morte, com o avanço da idade; 2) Maturidade social: corresponde à aquisição e papéis sociais e de comportamentos apropriados aos diversos e progressivos grupos de idade; 3) Envelhecimento: corresponde ao processo de auto regulação da personalidade que precede a ambos os processos (BIRREN; SCHROOTS, 1984 apud NERI, 1995, p. 28)¹⁸.

De acordo com o Estatuto do Idoso, é considerado idoso o indivíduo com idade igual ou maior que sessenta anos (BRASIL, 2003). Neste Estatuto, é dever do Estado garantir a vida e saúde da pessoa idosa. A lei 10.741, de 1º de outubro de 2003, Art. 2º destaca que o idoso

goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade (BRASIL, 2003, p. 1).

¹⁸ BIRREN, J. E.; SCHROOTS, J. J. F. Steeps to an ontogenetic psychogoly. **Academic Psychology Bulletin**, v. 6, p. 177-190, 1984.

O Estatuto do idoso serve como instrumento de garantia de direitos sociais para os idosos, já que esse grupo segue fragilizado e em situação de vulnerabilidade social (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006).

No debate atual, ser idoso está ancorado em critérios cronológico, biológico, social, intelectual, econômico e funcional. Porém, o critério mais utilizado é o cronológico, mesmo não sendo o mais preciso (PASCHOAL, 1996 apud PAVARINI, 2000)¹⁹. “A manipulação das categorias de idade envolve uma verdadeira luta política, na qual está em jogo a redefinição dos poderes ligados a grupos sociais distintos em diferentes momentos do ciclo de vida” (BOURDIEU, 1983 apud DEBERT, 1994, p.11)²⁰.

A idade cronológica funciona como um mecanismo de classificação de prestígio e poder na sociedade – que refletem a imposição de um projeto de mundo, a partir da institucionalização crescente do curso de vida (DEBERT, 1994).

O debate sobre o envelhecimento no Brasil é amplo e está marcado pelo processo de transição demográfica que se configura tanto pelo aumento do número de idosos no país, quanto por meio do envelhecimento da população (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006). Desse modo, é fundamental compreender as demandas da população que envelhece.

O número de habitantes no Brasil é de 190.755.799,00, e a porcentagem de idosos representam 10,79% - totalizando 20.590.597 habitantes (IBGE, 2011). Dentre o grupo dos idosos, os homens representam 44,47% (9.156.111 habitantes) enquanto 55,53% dos habitantes são representados pelo gênero feminino (11.434.486 habitantes) - vide figura 3.

¹⁹ PASCHOAL, S. M. P. Autonomia e Independência. In: PAPALÉO NETTO, M. (Org.). **Gerontologia**. São Paulo: Atheneu, 1996. p. 313-323.

²⁰ BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

Figura 3 - Distribuição da População por sexo segundo os grupos de idade (em mil pessoas) – Brasil – 2010

Fonte: (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2011).

Recentemente, devido o aumento da população idosa, junto ao envelhecimento populacional e à diminuição da taxa de natalidade, a velhice segue caracterizada como um problema social, mas esse processo considera a velhice, exclusivamente, como uma etapa do processo de degeneração física, fruto dos resultados dos estudos das ciências biológicas (DEBERT, 1994).

Debert acredita que os estudos antropológicos da velhice não podem estar desvinculados da seguinte questão: “como o envelhecimento físico ou a idade legal tornaram-se mecanismos fundamentais de classificação e separação de seres humanos?” (DEBERT, 1994, p. 21). Ao relativizar a noção de velhice, Debert pontua que o critério estabelecido pela idade para caracterizar o idoso é arbitrário e não considera outras dimensões na análise para definir quem é esse sujeito empírico (DEBERT, 1988). Debert destaca a dificuldade em se especificar como a velhice se configura enquanto experiência social. E problematiza a noção de velhice

como um fato universal, vivido da mesma forma em todos os períodos históricos e em diferentes conjunturas, uma experiência comum a diferentes classes sociais, a ambos os sexos e a formações sociais e culturais distintas (DEBERT, 1988, p.537).

Debert (1988) contesta a noção da identidade da velhice como algo constante e permanente, e define a velhice como uma categoria socialmente produzida. Essa

afirmação parte do fato de que a representação social da velhice, bem como a posição social dos velhos possuem diferentes significados em cada contexto histórico, cultural, e social (DEBERT, 1994).

A contribuição dos estudos antropológicos da velhice trabalha em dois sentidos: ressaltando a particularidade de cada grupo social e servindo de impulso para pensar questões gerais, referente à humanidade como um todo (DEBERT, 1994). Essa contribuição se afasta dos estudos da Psicologia do Desenvolvimento, que considera o curso da vida como unilinear, de caráter universal, pois “a idade não é um dado da natureza, não é um princípio naturalmente constitutivo de grupos sociais, nem um fator explicativo dos comportamentos humanos” (DEBERT, 1994, p. 9).

Os resultados da pesquisa de Debert (1988) mostra que os idosos criam mecanismos de resistência à velhice, que é construída de formas distintas entre homens e mulheres. Essa resistência caminha no sentido de desnaturalizar o processo de envelhecimento como uma entrega, um caminho único a ser seguido, de ser trilhado sem contestar. Para as mulheres, o trabalho doméstico é visto como uma forma de resistência à velhice, enquanto um processo biológico. A independência das idosas na realização das atividades domésticas é uma forma de negar a velhice. Para os homens, a velhice está relacionada com a perda da lucidez e da consciência dos acontecimentos na sua vida e no mundo ao seu redor. Nesse caso é feita a separação entre o processo biológico e o estado de espírito em que “o temor da doença, da invalidez e da miséria está presente na perda da lucidez, do raciocínio. Perder a lucidez é a prova de que se está velho” (DEBERT, 1988, p. 543).

Chauí (1979), ao questionar o papel social do idoso no contexto da modernidade, pontua o seguinte:

que é, pois, ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si, mas somente para o outro. Este outro é um opressor (CHAUÍ, 1979, p. XVIII).

A noção de que a velhice não existe para si, mas para o outro, corrobora com o processo de vulnerabilização, marcado pela sobrevivência cotidiana dos idosos numa sociedade que os oprime.

Bosi (1979) propõe fazer uma análise sobre a memória, a partir da relação fronteira entre o modo de ser do indivíduo e de sua cultura. Ela propõe compreender, portanto, o que foi lembrado por cada idoso, e no que foi escolhido por ele para perpetuar-se na história de sua vida. Dessa forma, a autora pretende valorizar a vida que se desagrega, pois colher memória de velhos é humanizar sua trajetória de vida. A memória dos velhos nos serve como mediação entre a nossa geração e as testemunhas do passado. E serve como intermediário informal da cultura (BOSI, 2003).

A importância da memória oral se dá pelo fato de esta se comportar como um instrumento para construção do quadro que compõe o cotidiano (BOSI, 2003). A autora mostra a importância dos estudos sobre a memória social para complementar os estudos históricos, que são amparados somente nos estudos documentais.

Por mais que a memória oral não se constitua enquanto uma teoria histórica, e nem tem essa pretensão, de acordo com Bosi, ela ilustra o que poderia se chamar como *História das Sensibilidades*. A riqueza que caracteriza a memória oral está vinculada com o fato de que ela permite romper com a unilateralidade existente nas instituições e faz surgir diferentes visões e pontos de vistas, nem sempre contraditórios, mas distintos entre si, que mostram a diversidade, contida na História.

Os grupos sociais que seguem excluídos, tanto do progresso social, quanto da História, os grupos invisibilizados, como os velhos, as mulheres, os negros, entre outros, são vozes fundamentais para compor a História. Vale ressaltar que nem sempre a memória oral se constitui de ‘verdade’, pois, muitas vezes, os testemunhos se amparam na memória institucional, que pode ser chamado de processo de estereotipia.

Sendo assim, a memória oral também é constituída de desvios, preconceitos e inautenticidade (BOSI, 2003). A importância em interpretar a diversidade dos relatos seria de extrair deles uma visão de mundo. A narrativa revela a complexidade dos acontecimentos e como a memória segue carregada de representações ideológicas sobre determinado acontecimento. Por meio da narrativa é possível encontrar uma articulação da História com a vida cotidiana (BOSI, 2003).

O idoso, que se ampara nas experiências e vivências do passado, mas também vive imerso na cotidianidade, no presente, onde esse passado é sempre reelaborado.

2.2. A Perturbação da Vida Cotidiana com a ocorrência de um desastre

Para compreender o desastre enquanto processo social é importante destrinchar aspectos fundamentais que configuram a vida cotidiana. Em outras palavras, é importante destacar os detalhes, nuances e aspectos fundamentais da vida cotidiana para adentrar no *desastre vivenciado*.

Os estudos referentes à Vida Cotidiana constituem-se como objeto de investigação sociológica. As abordagens que destacaremos neste capítulo partem dos olhares de Berger e Luckmann (1974), Martins (1992, 1998, 2000, 2008), Heller (2008) e Lefebvre (1991).

Berger e Luckmann (1974) compreendem o mundo da vida cotidiana a partir de sua estruturação temporal e espacial. Para eles, a vida cotidiana se constitui, por meio de uma análise fenomenológica (que consiste num método descritivo), enquanto objeto da experiência. A vida cotidiana, dentre as múltiplas realidades que nos são postas, é a que mais se apresenta enquanto tal.

A vida cotidiana caracteriza-se como mundo intersubjetivo, pois a vida cotidiana se constitui à medida que existe interação e comunicação. E fundamenta-se na contraposição do mundo físico externo e da realidade subjetiva interior.

Agnes Heller, em seu livro “O Cotidiano e a História” trata das formas como a vida cotidiana se estrutura e destaca que já nascemos na cotidianidade e que esta é significada de modo homogêneo e hierárquico (HELLER, 2008).

A autora define como partes orgânicas da vida cotidiana: “organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação” (HELLER, 2008, p. 32).

Mesmo que a vida cotidiana seja estruturada de forma homogênea e hierárquica, sua característica fundamental consiste na *espontaneidade* em que a existência do “ritmo fixo, a repetição, a rigorosa regularidade da vida cotidiana [...] não estão absolutamente em contradição com essa espontaneidade; ao contrário, implicam-se mutuamente” (HELLER, 2008, p. 47).

No tempo vivido, as relações cotidianas se estabelecem, por meio de um caráter cósmico (LEFEBVRE, 1991). Lefebvre elabora um contraste, por meio da construção de dois quadros do cotidiano, que são eles: a *miséria do cotidiano* e a *grandeza do cotidiano* (quadro 1). Por meio desses dois quadros, Lefebvre destaca

as contradições, conflitos, antagonismos que marcam a vida cotidiana, através da contraposição do que permanece rígido, imposto, marcado por relações de poder. E parece suscitar que os elementos que compõem a miséria do cotidiano nos servem como fonte, que nos permite subverter esse processo. Por exemplo, o autor destaca a repetição, como miséria do cotidiano, porém destaca grandeza contida na repetição, quando esta permite a criação de um mundo prático-sensível. Ou ainda, quando o autor coloca o peso da cotidianidade na vida das mulheres, e destaca sua opressão e o fato de serem “objeto” da história e da vida social, ou seja, ao mesmo tempo, o que as aprisiona é o que permite sua grandeza no cotidiano.

Miséria do Cotidiano	Grandeza do Cotidiano
<p>Com os trabalhos enfadonhos, as humilhações, a vida da classe operária, a vida das mulheres sobre as quais pesa a cotidianidade. A criança e a infância sempre recomeçadas. As relações elementares com as coisas, com as necessidades e o dinheiro, assim com o comerciante e as mercadorias. É o reino do número. A relação imediata com o setor não dominado do real (a saúde, o desejo, a espontaneidade, a vitalidade). O repetitivo. A sobrevivência da penúria e o prolongamento da escassez: o domínio da economia, da abstinência, da privação, da repressão dos desejos, da mesquinha avareza.</p>	<p>Com sua continuidade. A vida que se perpetua, estabelecida sobre este solo. A prática incompreendida: a apropriação do corpo, do espaço, do tempo, do desejo. A moradia, a casa. O drama, que não se pode reproduzir ao número. O trágico latente do cotidiano. As mulheres: sua importância (oprimidas, “objetos” da história e da vida social e, no entanto, “sujeitos” essenciais, bases, fundamentos). A criação de um mundo prático e sensível a partir de gestos repetitivos. O encontro das necessidades e dos bens; a posse, ainda mais rara que os bens, mas poderosa. A obra e as obras (a capacidade de criar uma obra a partir do cotidiano, dos seus altos e baixos – a possibilidade de fazer da vida cotidiana uma obra, para os indivíduos, os grupos, as classes).</p>

Quadro 1: Quadros- Miséria do Cotidiano e Grandeza do Cotidiano
Fonte: (LEFEBVRE, 1991, p. 42).

O estudo de Martins (1992) sobre as relações cotidianas do subúrbio, a partir de seu estudo sobre o município de São Caetano do Sul, faz referência à contraposição da História em relação à história vivenciada. No imaginário social, a cidade se caracterizava como local de festa, enquanto o subúrbio era o lugar da vivência do sofrimento e da tragédia.

A constante contraposição entre História e história vivenciada aparece muito em seu trabalho e seu posicionamento ao dar voz aos que seguem à margem marca seus esforços intelectuais. A proposta de Martins (1992, 1998, 2000, 2008) segue no rumo oposto dos estudos sociológicos tradicionais, em que os aspectos essenciais da vida cotidiana servem para compreensão da História, e não o contrário. E assim propõe

tornar o que liminar, marginal e anômalo como referência da compreensão sociológica. É nos limites, nos extremos, na periferia da realidade social que a indagação sociológica se torna fecunda (MARTINS, 2000, p. 12-13).

A história vivenciada serve de referência para compreensão de grandes processos históricos, pois nascemos imersos na cotidianidade, e esta vida cotidiana está no *centro do acontecer histórico* e não fora dele (HELLER, 2008). A relação entre a vida cotidiana e os chamados grandes acontecimentos históricos ocorre de forma dialética em que os grandes fatos históricos “partem da vida cotidiana e a ela retornam” (HELLER, 2008, p. 34).

A vida cotidiana acontece por meio de gestos repetitivos, que são fontes que garantem a existência de um mundo prático sensível (LEFEBVRE, 1991), e que se encontra na imitação (HELLER, 2008).

A cultura imitativa é diretamente estimulada pela difusão do que Martins (2000) nomeou como *modernidade anômala* e, de certo modo, esse processo recai diretamente sobre nossas ações cotidianas.

A modernidade está, intimamente, vinculada com a noção de progresso. Nessa perspectiva positivista, o moderno segue oposto à tradição, é como se a História se constituísse num processo escalonado, no qual o passado não é senão um resíduo que não constitui e não influencia a modernidade. Ou seja, o passado se caracterizaria enquanto manifestações anômalas já que a modernidade se configura enquanto um único e inevitável caminho.

Nesse contexto que configura a modernidade anômala, o idoso sofre ainda mais as consequências desse escalonamento, pois o passado torna-se cada vez mais descartável. O idoso permanece à margem do que chamamos de progresso, pois ele, o idoso, se constitui enquanto grupo, a partir do processo de relembrar as experiências do passado. Assim, a possibilidade de participar da construção de um futuro lhe é tirado.

A modernidade anômala no Brasil está enraizada em uma lógica colonialista, em que a incorporação do moderno ocorre de forma desfigurada. O moderno e o tradicional não se constituem como dois polos opostos, em que o tradicional é superado, ou em que o moderno é incorporado de forma homogênea num mundo globalizado. É na vida cotidiana que se desvenda a complexidade desse processo histórico.

Para Martins, a modernidade

não é feita pelo encontro homogeneizante da diversidade do homem, como sugere a concepção da globalização. É constituída ainda, pelos ritmos desiguais do desenvolvimento econômico e social, pelo acelerado avanço tecnológico, pela acelerada e desproporcional acumulação de capital, pela imensa e crescente miséria globalizada, dos que têm fome e sede não só do que é essencial à reprodução humana, mas também fome e sede de justiça, de trabalho, de sonho, de alegria (MARTINS, 2000, p. 19-20).

A modernidade modifica as relações cotidianas, pois o que Lefebvre (1991) intitula como “mundo da mercadoria” não tinha adentrado na cotidianidade até o século XIX, por mais que as pessoas tivessem necessidades, como habitar, se vestir, se alimentar, etc. Porém, esse homem da modernidade

não passa de um homem de transição, a meio caminho entre o fim do estilo e sua re-criação. Isso obriga a opor Estilo e cultura, a sublinhar a dissolução da cultura e sua decomposição. Isso legitima a formulação do projeto revolucionário: recriar um estilo, reanimar a festa, reunir os fragmentos, dispersos da cultura numa metamorfose do cotidiano (LEFEBVRE, 1991, p. 45).

A anomalia e desfigurações que caracterizam a modernidade no Brasil influenciam diretamente a vida cotidiana. Este processo é marcado pela cidadania inconclusa, em que a modernidade anômala está vinculada à falta de consciência da

transitoriedade e de reconhecimento do senso comum enquanto conhecimento válido (MARTINS, 2000).

A modernidade se manifesta por meio da diluição das identidades, em que *nossa autenticidade se encontra no inautêntico*. A mutilação que caracteriza as relações estabelecidas na cotidianidade ocorre tanto pelas possibilidades históricas que nos é tirada, quanto por não permitir a compreensão do momento histórico que vivemos (MARTINS, 2000).

Assim, construir um caminho que parta do plano do homem simples é desafiador por esse homem ser fragmentado e alienado de seu papel no mundo. A alienação, ao mesmo tempo em que funciona como um abismo entre o homem e a História, “a História é vivida e, em primeira instância, decifrada no cotidiano” (MARTINS, 2000, p. 142). Então, decifrar esses aspectos essenciais que a história vivenciada se configura nos dá elementos para pensar a História. Numa relação dialética, a História só faz sentido no mundo vivido, e a partir de elementos do mundo vivido podemos visualizar a História.

Essa pesquisa parte do plano do sujeito em que “para o homem comum, os acontecimentos do cotidiano são os que ficam na memória, são os que têm ‘importância’” (MARTINS, 2000, p. 151).

No contexto de alienação, no qual estamos postos na vida cotidiana, o homem comum, por meio de seu protagonismo oculto, mutilado e mergulhado no senso comum, é fonte de investigação sociológica. E o papel dos estudos da Sociologia da Vida Cotidiana consiste em encontrar os nexos entre os grandes processos históricos e a história local.

A partir do cotidiano que se desagrega e nos fragmenta foca-se nessa pesquisa a importância de entender os aspectos fundamentais do rompimento da vida cotidiana. Para compreender o rompimento da vida cotidiana é necessário que verifiquemos a contínua necessidade social de reformulação de nossas referências. Adentrar nessa constante reformulação, redescobrimento e reinvenção das referências sociais é o desafio proposto pela Sociologia da Vida Cotidiana (MARTINS, 1998, 2000). A constante reelaboração das referências sociais é o que nos mantém socialmente ativos, vinculados ao grupo social, que fazemos parte.

Quando ocorre o que Berger e Luckmann (1974) chamam de situação-problema, os autores ressaltam que a vida cotidiana se interrompe, e que deve partir do grupo artifícios para garantir um sentido coletivo em torno deste problema.

Acredita-se aqui, que o desastre, se for compreendido como uma situação problema, ou seja, enquanto perturbação da rotina resta ao grupo encontrar formas de se reinventar perante as adversidades enfrentadas.

O que se pretende mostrar é a importância da vida cotidiana para manutenção dos papéis sociais e da vida em coletividade. E como o fato de perturbar bruscamente a vida cotidiana pode gerar nos indivíduos sofrimento, já que estes foram impossibilitados de exercer seus papéis sociais. Então, qual o papel da vida cotidiana?

Heller coloca que o indivíduo faz cálculos em relação às ações cotidianas, em vista de cumprir determinado objetivo – esses cálculos ocorrem por meio de avaliações probabilísticas. Porém, quando essas avaliações probabilísticas falham, ocorre um processo intitulado *catástrofes da vida cotidiana*.

As ações tomadas estão diretamente vinculadas na mediação entre fé e confiança no cotidiano, que estão intimamente, ligadas com a noção de experiência (HELLER, 2008). E a fé e confiança

desempenham na vida cotidiana um papel mais importante que nas demais esferas da vida [...] esses dois sentimentos ‘ocupam mais espaço’ na cotidianidade. [...] Na cotidianidade, o conhecimento se limita ao aspecto relativo da atividade, e, por isso, o ‘espaço’ da confiança e da fé é inteiramente diverso” (HELLER, 2008, p.51-52).

A relação de confiança e fé são nossos guias na vida cotidiana, quando vinculadas às experiências do passado. A questão, nessa pesquisa, consiste em compreender quais as implicações no rompimento da vida cotidiana, pois as ações cotidianas estão vinculadas às *práticas ritualizadas* (THORNBURG, KNOTTNERUS, WEBB, 2007). Essas práticas só ganham sentido no mundo vivido.

Todos os homens estão imersos no cotidiano (HELLER, 2008), porém a vida cotidiana, diante das múltiplas realidades, existe sem necessariamente darmos conta de sua existência. Porém, é no momento em que ela se desorganiza que percebemos as práticas que deixamos de exercer.

Quando nossos papéis sociais não podem ser exercidos no corpo social, perdemos a orientação na cotidianidade (HELLER, 2008). Além da perda dos referenciais, é necessário pensar as formas que “o homem comum tem de descobrir e inventar caminhos para superá-las” (MARTINS, 2000, p. 13).

Martins mostra a relevância do senso comum nesse processo de reinvenção do grupo perante situações adversas. O senso comum é compreendido como conhecimento partilhado entre os indivíduos (MARTINS, 2000). Essa partilha, caracterizada na propagação do senso comum, fundamenta a interação entre os indivíduos.

Porém, Martins destaca que, numa visão erudita, o “senso comum é desqualificado porque banal, destituído de verdade, fonte de equívocos e distorções. E com ele o mundo de que faz parte, o da vida cotidiana” (MARTINS, 2000, p. 57).

O intuito de inverter essa visão, por meio de dar voz ao homem simples, e adentrar no conhecimento do senso comum, consiste na ponte entre o mundo dos sonhos e da vida cotidiana (MARTINS, 2000).

O intuito de mergulhar nas “tensões do vivido que tem lugar o encontro e desencontro da vida cotidiana com a vida privada, e da vida cotidiana com a História” (MARTINS, 2000, p. 109).

Assim, a construção do que seria o desastre vivenciado parte do homem simples. A vida do homem simples, que se pretendemos apresentar, é a vida do idoso, sujeito que é portador da memória social do grupo que faz parte. O idoso é o sujeito fundamental na transmissão das práticas, das crenças e valores que compõem a cultura de determinado grupo.

Além de ser portador do capital histórico-cultural da coletividade, o idoso sofre severamente diante das adversidades postas na modernidade – que se intensificam no contexto de desastres.

Compreender a complexidade do mundo social, a partir do sujeito, é o desafio da Sociologia da Vida Cotidiana, em que

de um lado, o herói deste enredo é o homem comum, fragmentado, divorciado de si mesmo e de sua obra, mas obstinado no seu propósito de mudar a vida, de fazer História, ainda que pelos tortuosos caminhos de sua alienação e de seus desencontros, os difíceis caminhos cotidianos da vida. De outro lado, a complexidade do problema está no modo anômalo e inacabado como a modernidade se propõe num país como o Brasil e na realidade

descompassada desta nossa América Latina” (MARTINS, 2000, p. 12).

Para compreender as experiências do homem comum, que no caso dessa pesquisa é o idoso, e que de acordo com Bosi (1979), sua função social consiste em lembrar. Entretanto, nos estudos referentes à memória, Pollak (1989) estabelece três critérios que, direta ou indiretamente, influenciam e que a constitui. São eles: os acontecimentos (que caracterizam a memória que herdamos do grupo ao qual pertencemos, ou mesmo a memória dos acontecimentos que vivemos pessoalmente); os personagens; e os lugares.

O indivíduo realiza, portanto, um intenso trabalho psicológico, que consiste, a todo o momento, no controle de feridas, tensões e contradições (POLLAK, 1989). De acordo com Pollak, por meio do processo de conciliação entre as memórias oficiais e as individuais, existe uma intensa contradição na configuração da memória. Em outras palavras, pelos desencontros, pelas constantes rupturas, construções e reelaborações do passado é que a memória acontece. A memória não permanece intacta nem coesa, pois é uma constante representação de algo que já vivemos.

Pollak realizou algumas pesquisas com mulheres sobreviventes no campo de Auschwitz-Birkenau, e destacou que muitas vezes o silêncio nem sempre está relacionado às dificuldades e bloqueios existentes para relatar um fato, mas parte também da reflexão do que elas consideravam útil para retratar sobre o passado. E, nesse sentido,

[...] É como se o sofrimento extremo exigisse uma ancoragem numa memória muito geral, a da humanidade, uma memória que não dispõe nem de porta-voz nem de pessoal de enquadramento adequado (POLLAK, 1989, p. 13).

Ao longo de uma história comum e dinâmica, “a memória, no entanto, não é um patrimônio definitivamente constituído; ela é viva precisamente porque nunca está acabada” (GODÓI, 1999, p. 147).

Ao relatarmos nossa história de vida, o que nos conduz são os laços estabelecidos entre os acontecimentos chaves – que aparecem de forma mais sólida e estereotipada – e na tentativa de estabelecer uma organização das lembranças de acordo com uma ordem cronológica (POLLAK, 1989). Sendo assim,

através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros. Pode-se imaginar, para aqueles e aquelas cuja vida foi marcada por múltiplas rupturas e traumatismos, a dificuldade colocada por esse trabalho de construção de uma coerência e de uma continuidade de sua própria história (POLLAK, 1989, p. 13).

Assim, o que permanece na memória dos idosos com relação ao desastre vivenciado vincula-se à atribuição de sentido que perpassa a identidade individual e do grupo, que, de certa forma, se interrompe e se desfaz (POLLAK, 1989).

Para compreender essas particularidades do mundo simbólico, adentraremos no que Pollak (1989) nomeia como *memórias subterrâneas*, que consistem nas memórias que estão à margem da memória dita oficial. A história oral surge, então, como uma alternativa importante de valorização das memórias subterrâneas. Assim, a importância de trabalhar com memórias é que “o relato oral transforma objetos de estudo em sujeitos” (ALMEIDA, 2001, p. 62).

São os simples que nos libertam dos simplismos, que nos pedem a explicação científica mais consistente, a melhor e mais profunda compreensão da totalidade concreta que reveste de sentido o visível e o invisível. O relevante está também no ínfimo. É na vida cotidiana que a História se desvenda ou se oculta (MARTINS, 2008, p.12).

Pollak (1989) mostra que a memória coletiva é uma imposição que se concretiza por meio da dominação e da violência simbólica. O que significa sobreviver diante de uma catástrofe e quais são as dimensões simbólicas em torno dessa sobrevivência? Sobreviver em face ao cotidiano que não existe mais, das relações que se interromperam, da impossibilidade de reconhecer-se no lugar? O que significa, portanto, viver quando a vida em si mesma não faz mais sentido?

Diante das indagações supracitadas, o objetivo deste trabalho é penetrar nas dimensões do sofrimento, nas dimensões material e simbólica que se manifestam através da memória e de suas narrativas de verdade, para que, assim, possamos compreender o desastre vivenciado. Desse modo,

a nossa rotina de vida é feita de sobressaltos, do vai e vem do cotidiano ao não cotidiano, ao mágico, ao religioso. É um cotidiano inconstituído, apenas evidenciado na realidade vivida da imensa maioria da população (MARTINS, 2008, p. 93).

Para compreender as fraturas na vida cotidiana é necessário que verifiquemos a contínua necessidade social de reformulação das referências. Adentrar nessa constante reformulação, redescobrimento e reinvenção das referências sociais é o desafio proposto pela Sociologia da Vida Cotidiana (Martins, 1998; 2000). A constante reelaboração das referências sociais é o que nos mantém socialmente ativos, vinculados ao grupo social, do qual fazemos parte.

No capítulo seguinte, passaremos a nos debruçar, especificamente, no desastre ocorrido em São Luiz do Paraitinga, em janeiro de 2010. Para tanto, apresentaremos uma breve caracterização socioeconômica e sociohistórica do município, baseada em pesquisa documental, destacando alguns aspectos da visão institucional sobre o desastre a fim de subsidiar o entendimento posterior acerca dos encontros e desencontros entre a visão oficial e a memória dos idosos sobre os acontecimentos.

3. SÃO LUIZ DO PARAITINGA: A DEFLAGRAÇÃO DO DESASTRE EM JANEIRO DE 2010

3.1. Caracterização sociohistórica e socioeconômica do município

São Luiz do Paraitinga está localizado na região do Vale do Paraíba, na parte leste do Estado de São Paulo, na latitude 23° 22' e longitude 45° 31', bioma Mata Atlântica, clima temperado (figura 4). Na região situada entre a Serra da Quebra-Cangalha e o topo da Serra do Mar, encontra-se a sub-região do Alto Paraíba, caracterizada geograficamente como mar de morros, devido à região de montanhas e poucas várzeas (CAMPOS, 2011).

Figura 4 - Mapa de São Luiz do Paraitinga/SP
Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano (2013).

São Luiz do Paraitinga, ao longo do século XVIII, era um bairro do município de Taubaté. A fundação oficial do município ocorreu no dia 08 de maio de 1769, quando o sargento mor Manoel Antônio de Carvalho foi reconhecido como fundador e governador de *Vila Nova de São Luiz do Paraitinga*. A padroeira da cidade era Nossa Senhora dos Prazeres (CAMPOS, 2011).

O nome *Nova Vila de São Luiz do Paraitinga* permaneceu até o ano de 1857, pois a partir daí São Luiz do Paraitinga foi reconhecida como cidade. Assim como a

mudança de nome, a cidade passou a ter um novo padroeiro, o São Luiz, Bispo de Tolosa – padroeiro da cidade até os dias atuais.

A história de São Luiz do Paraitinga teve forte influência da monocultura de café – que acelerou, bruscamente, o processo de urbanização da cidade a partir de 1850. Em 84 anos – de 1836 a 1920- a população da cidade aumentou 384,57% (tabela 1). Dentre as principais mudanças realizadas, estão: a construção do mercado municipal, de teatros, de igrejas e de colégios religiosos; a fundação da Santa Casa de Misericórdia e da Vila São Vicente de Paulo (Instituto de Longa Permanência do Idoso); entre outras (CAMPOS, 2011).

Tabela 1- Evolução dos moradores do município durante a fase econômica cafeeira.

ANO	POPULAÇÃO
1836	5.296
1854	10.393
1874	13.894
1886	17.368
1900	29.535
1920	20.367

Fonte: PETRONE (1959 apud CAMPOS, 2011, p. 28).

De modo geral, após a queda do império do café houve um declínio da produção agrícola e a região se fortaleceu por meio de investimento na pecuária, principalmente, a pecuária leiteira. No período de 1960, o Vale do Paraíba chegou a produzir 136.185 litros de leite por dia – e em São Luiz do Paraitinga, especificamente, eram produzidos, em média, 50 mil litros de leite por dia. Porém, depois desse período, essa prática econômica decaiu devido ao fato de que, anteriormente, as práticas agrícolas representavam 80% da economia municipal, e essa porcentagem decaiu para 23,3% em 1962; e como a pecuária não é uma atividade que exige muita mão de obra, a população começou a migrar, decaindo de 20.367 em 1920 para 11.127 em 1940 (CAMPOS, 2011).

Os estudos de Campos apontam que o declínio da pecuária leiteira foi um fator econômico extremamente importante da história atual de São Luiz do

Paraitinga. Após esse declínio, a produção de eucaliptos é, atualmente, a maior empregadora do setor privado no município – que sofre problemas com o desemprego devido à mecanização ocorrida no campo.

Atualmente, o município possui 10.397 habitantes, numa área de 617,15 km², resultando em 16,84 hab/km² (IBGE, 2011). O Atlas do Desenvolvimento Humano (2013) nos permite verificar que a pirâmide etária do município, de acordo com o sexo, que 51,15% são homens e 48,85% são mulheres (figura 5). E 59,44% dos habitantes vivem em áreas urbanas e 40,56% moram em áreas rurais.

A proporção de idosos com 60 anos ou mais no município, em 2000 era de 12,09% passando para 15,37% em 2010 – majoritariamente (15,1%) em área urbana – valor acima do percentil nacional de 12,1% (IBGE, 2011).

De acordo com o Atlas do Desenvolvimento Humano (2013), a taxa de envelhecimento no município aumentou de 6,37% para 11,08% no período de 1991 a 2010²¹. A estrutura etária da população residente em São Luiz do Paraitinga é predominantemente adulta, com faixa etária de 15 a 59 anos, representando 64,13%, seguida pela faixa etária de 0 a 14 anos, com 20,5%, e de pessoas acima de 60 anos 15,37% (gráfico 1). Junto a isso, os idosos se caracterizam como grupo significativo no contexto luizense devido sua representatividade na manutenção da memória social e da tradição do grupo.

Figura 5- Pirâmide etária - São Luís do Paraitinga – SP: distribuição por Sexo, segundo os grupos de idade
Fonte: Pnud, Ipea e FJP (2013).

²¹ A taxa de envelhecimento é razão entre a população de 65 anos ou mais de idade em relação à população total (PNUD, 2013).

Gráfico 1 - Estrutura Etária da População de São Luiz do Paraitinga/SP
Fonte: a autora, baseado em dados do Relatório do PNUD (2013).

O município de São Luiz do Paraitinga possui IDHM de 0,697, que se insere na faixa de Desenvolvimento Humano Médio – entre 0,6- 0,699. Os índices que são levados em consideração para a construção do IDHM são os quesitos de renda, longevidade e educação – 0,691; 0,826; 0,593, respectivamente. Dentre os 5.565 municípios brasileiros, São Luiz do Paraitinga está em 1995º colocado no ranking. O IDHM do município está abaixo da média, tanto do Estado de São Paulo, quanto do Brasil (vide figura 6) (PNUD, 2013). O município está classificado como o grupo dos mais desfavorecidos do Estado de São Paulo, tanto no nível de riqueza quanto no de indicadores sociais (SEADE, 2010).

Figura 6 - Evolução do IDHM em São Luiz do Paraitinga-SP
Fonte: Pnud, Ipea e FJP (2013).

A religião predominante no município é a religião Católica Apostólica Romana, que agrega 8.796 pessoas, enquanto a religião Evangélica possui 1.139 pessoas e 61 pessoas são da religião Espírita (IBGE, 2011).

Em 1945, o número de munícipes católicos era de 13.079, enquanto 07 eram de outras religiões, e 36 munícipes sem religião. Vale ressaltar que antes da década de 1960, as práticas religiosas protestantes eram rejeitadas pelos luizenses, e muitos evangélicos foram ameaçados e expulsos da cidade (CAMPOS, 2011). Apesar da maioria dos luizenses se declararem, atualmente, como católicos, as atividades religiosas relacionadas ao protestantismo aumentaram e a confissão religiosa passou a não ter mais tanta influência na convivência entre os munícipes (CAMPOS, 2011). Após a enchente de 2010, de acordo com informações cedidas pela Prefeitura Municipal de São Luiz do Paraitinga, foram instaladas 17 novas instituições religiosas no município.

3.2. A visão institucional sobre o desastre em São Luiz do Paraitinga

A visão institucional sobre o desastre ocorrido em São Luiz do Paraitinga/SP no ano de 2010 será analisada a partir do documento de Avaliação de Danos (PREFEITURA MUNICIPAL SÃO LUIZ DO PARAITINGA, 2010)²², elaborado pela equipe técnica da Defesa Civil, e pela análise do Plano Diretor Municipal – Lei 1.347, de 07 de janeiro de 2010; e Lei 1.458, de 07 de julho de 2011.

A missão institucional da Defesa Civil consiste na redução dos desastres no país, por meio das ações de prevenção, mitigação, preparação, resposta e recuperação (BRASIL, 2012). De acordo com o levantamento de Siena (2012), a partir dos dados do IBGE, a porcentagem de unidades de Defesa Civil nos municípios brasileiros é de 59,26%, o que deflagra a precariedade do atendimento às populações vulneráveis perante os eventos ameaçantes. Na visão institucional, os desastres se configuram como

²² O documento de Avaliação de Danos no município de São Luiz do Paraitinga/ SP no ano de 2010 segue anexado ao fim do trabalho. Vide anexo I.

resultado de eventos adversos, naturais ou provocados pelo homem, sobre um ecossistema vulnerável, causando danos humanos, materiais e ambientais e consequentes prejuízos econômicos e sociais. A intensidade de um desastre depende da interação entre a magnitude do evento adverso e a vulnerabilidade do sistema e é quantificada em função de danos e prejuízos (BRASIL, 2000a, p. 8).

Os desastres podem ser caracterizados pelo Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil de duas formas, que são elas: Situação de Emergência (SE) e Estado de Calamidade Pública (ECP). Vale destacar que Situação de Emergência consiste no “reconhecimento legal pelo poder público de situação anormal, provocada por desastre, causando danos suportáveis à comunidade afetada” (BRASIL, 2000a, p. 9), enquanto o Estado de Calamidade Pública seria o “reconhecimento legal pelo poder público de situação anormal, provocada por desastre, causando sérios danos à comunidade afetada, inclusive à incolumidade ou à vida de seus integrantes” (BRASIL, 2000a, p. 9).

No período de 2006 a 2010²³, em São Luiz do Paraitinga, 19.760 pessoas foram afetadas por desastres relacionados às chuvas. Dentre as diferentes formas de afetação social, nos desastres ocorridos no município, encontram-se os desalojados²⁴, desabrigados²⁵, deslocados²⁶, desaparecidos²⁷ e afetados²⁸. Os desastres dos anos de 2006, 2008 e 2009 foram decretados como Situação de Emergência e o do ano de 2010 foi decretado como Estado de Calamidade Pública. Nota-se que o número de afetados no desastre em 2010 foi muito maior do que os

²³ A seleção do período de 2006 a 2010, que referem-se à análise dos danos humanos, se deu pelo fato de não estar disponível no site do Ministério da Integração Nacional, os documentos de Avaliação de Danos (AVADAN) dos anos anteriores.

²⁴ De acordo com o Glossário de Defesa Civil, desabrigado é o “desalojado ou pessoa cuja habitação foi afetada por dano ou ameaça de dano e que necessita de abrigo provido pelo Sistema” (CASTRO, 1999, p. 52).

²⁵ A categoria desalojado pode ser compreendido como a “pessoa que foi obrigada a abandonar temporária ou definitivamente sua habitação, em função de evacuações preventivas, destruição ou avaria grave, decorrentes do desastre, e que, não necessariamente, carece de abrigo provido pelo Sistema” (CASTRO, 1999, p.52).

²⁶ Deslocado é a “pessoa que, por motivo de desastre, perseguição política ou religiosa ou por outra causa, é obrigado a migrar da região que habita para outra que lhe seja mais propícia. O retirante da seca é um deslocado (CASTRO, 1999, p.54).

²⁷ Desaparecido consiste na “pessoa que não foi localizada ou de destino desconhecido, em circunstância de desastre” (CASTRO, 1999, p. 52).

²⁸ O Afetado é considerado como “qualquer pessoa que tenha sido atingida ou prejudicada por desastre (deslocado, desabrigado, ferido etc.)” (CASTRO, 1999, p. 8).

outros anos, totalizando 11.000 afetados (vide tabela 2), correspondendo a 105,80% da população²⁹.

Tabela 2 – Número total de pessoas atingidas nos desastres no município de São Luiz do Paraitinga no período de 2006 a 2010.

	2006	2008	2009	2010
Desalojados	7	18	61	4.030
Desabrigados	X	x	20	93
Deslocados	600	710	X	16
Desaparecidos	1	x	X	x
Afetados	2.990	3.252	2.518	11.000

Fonte: A pesquisadora, com base em informações do documento AVADAN (SÃO LUIZ DO PARAITINGA 2006, 2008, 2009, 2010a).

No documento AVADAN consta uma parte que relata as “Causas de Desastres”. No período de 2006 a 2010, verifica-se que essas causas estão relacionadas a inundações ou enxurradas bruscas, que se constituem como um fenômeno recorrente no município de São Luiz do Paraitinga (**quadro 2**). Vale ressaltar que os desastres reconhecidos por meio da decretação de S.E. ou de E.C.P, não incluem as enchentes anuais recorrentes. Enchentes estas, que também perturbam a rotina dos luizenses.

Ano	“Causas de desastres”
2006	Enxurradas ou inundações bruscas , ocorridas nas zonas urbana e rural, provocadas pelas fortes chuvas, que inundaram residências e destruíram estradas e pontes.
2008	Chuvas torrenciais que caíram nos dias 18 e 19 de março, atingindo 61,4 milímetros.
2009	Chuvas que começaram no dia 3 de dezembro, acumulando, até o dia 9 do mesmo mês, um total de 327,6

²⁹ A porcentagem do número de afetados em relação à população do município é de 105,80% devido ao fato de que são considerados como afetados, pessoas que estavam na cidade no momento do desastre, mesmo que não sejam residentes da mesma. Como o desastre ocorreu durante as festividades do final de ano, tinham turistas no município.

	mm. Como consequência, houve o transbordamento do Rio Paraitinga – que atingiu 3,70 m acima do normal – e do Rio Chapéu – que atingiu 4 m acima do normal.
2010	Durante o mês de dezembro, choveu cerca de 600 mm, tendo havido, em 1 ^o de janeiro, um pico de 69,9 mm. Como consequência, houve o transbordamento do Rio Paraitinga – que atingiu 11 metros acima do normal – e do Rio Chapéu – que atingiu 6 metros acima do normal. Represou-se, então, o Rio Paraitinga.

Quadro 2 – As causas de desastres que constam no documento AVADAN.

Fonte: A pesquisadora, com base em informações do documento AVADAN (SÃO LUIZ DO PARAITINGA, 2006, 2008, 2009, 2010a).

Como já foi dito anteriormente, o desastre no ano de 2010 foi decretado pelo município e reconhecido pelo ente federal, como Estado de Calamidade Pública (ECP), devido a enxurradas ou inundações bruscas. Por meio da análise do documento de Avaliação de Danos (AVADAN), o desastre foi ocasionado pelo elevado nível de chuvas, cerca de 600 mm no mês de dezembro de 2009. No dia 1^o de janeiro de 2010, choveu aproximadamente 69,9 mm, o que suscitou a inundação do Rio Paraitinga – 11 metros acima de seu nível regular – e a do rio Chapéu – 6 metros acima do nível normal – e houve diversos deslizamentos de terra no referido município (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUIZ DO PARAITINGA, 2010).

Os principais bairros afetados pela inundação foram: Verdeperto, Benfica, Várzea dos Passarinhos, Marina Lobo e o Centro Histórico do município (vide figura 7). O mapa que segue foi elaborado pela equipe da Secretaria de Obras e Planejamento de São Luiz do Paraitinga, a fim de ilustrar as principais localidades atingidas no desastre em 2010. O rio Paraitinga, que está representado na cor azul claro, corta grande parte do município. Os locais destacados em azul escuro são os bairros afetados por enchentes, enquanto as localidades destacadas em vermelho são os bairros que possuem áreas de risco de desmoronamento, que são elas: o Alto do Cruzeiro, Benfica e o centro histórico.

Figura 7- Mapa de São Luiz e áreas de risco e inundação
 Fonte: disponibilizada pela Secretaria de Obras e Planejamento de São Luiz do Paraitinga.

Em relação aos danos humanos, o número total de afetados nessa inundação foi de 11.000 pessoas, das quais 4.030 pessoas ficaram desalojadas, 93 desabrigadas e 16 foram deslocadas (figura 8). Dentre os afetados, 1.172 pessoas eram idosas³⁰, o que corresponde a 10,65% em relação ao total. Dentre os idosos, 508 ficaram desalojados; 8, desabrigados; 16, deslocados e foram 1.172, afetados pela inundação (SÃO LUIZ DO PARAITINGA, 2010a). Os idosos caracterizam-se como grupo em processo de vulnerabilização, dentre os demais afetados, sendo relevante compreender o que permanece na vida desses idosos, que, além de números, são vidas esfaceladas em meio às perdas materiais e imateriais.

6 - Danos Humanos Número de Pessoas	0 a 14 anos	15 a 64 anos	Acima de 65 anos	Gestantes	Total
Desalojadas	1160	2360	508	02	4030
Desabrigadas	31	52	08	02	93
Deslocadas	0	0	16	0	16
Desaparecidas	0	0	0	0	0
Levemente Feridas	0	0	0	0	0
Gravemente Feridas	0	0	0	0	0
Enfermas	0	0	0	0	0
Mortas	0	0	0	0	0
Afetadas	2018	7728	1172	82	11000

Figura 8- Danos Humanos referentes à inundação em São Luiz do Paraitinga no ano de 2010

Fonte: AVADAN (SÃO LUIZ DO PARAITINGA, 2010a).

Os danos materiais no município foram devastadores, envolvendo edificações – como residências, edificações públicas de saúde ou de ensino – e infraestruturas públicas, como estradas, pavimentações e os estabelecimentos comerciais, entre outros, foram severamente danificados ou destruídos (vide figura 9).

³⁰ Vale ressaltar que o recorte etário feito no AVADAN, considera pessoas acima de 65 anos, enquanto o Estatuto do Idoso considera idosa, a pessoa acima de 60 anos. Ou seja, o número de idosos afetados é maior do que o que foi destacado no AVADAN.

7 – Danos Materiais Edificações	Danificadas		Destruidas		Total
	Quantidade	Mil R\$	Quantidade	Mil R\$	Mil R\$
Residenciais Populares	49	360	20	600	960
Residenciais – Outras	63	2520	24	4800	7320
Públicas de Saúde	03	450	-	-	450
Públicas de Ensino	03	600	01	1500	2100
Infra-Estrutura Pública					
Obras de Arte	100	500	80	1200	1700
Estradas (Km)	200	17000	15	1500	18500
Pavimentação de Vias Urbanas (Mil m ²)	2,5	2500	-	-	1500
Outras(muro arrimo)	3	4500	-	-	4500
Comunitárias	-	-	3	13000	13000
Particulares de Saúde	06	180	-	-	180
Particulares de Ensino	-	-	-	-	-
Rurais	-	-	-	-	-
Industriais	1	350	-	-	350
Comerciais	225	2500	5	-	2500

Figura 9 - Danos Materiais referentes à inundação em São Luiz do Paraitinga no ano de 2010

Fonte: SÃO LUIZ DO PARAITINGA (2010a).

A descrição dos prejuízos sociais que seguem no AVADAN (SÃO LUIZ DO PARAITINGA, 2010a) introduz alguns elementos que caracterizam a multidimensionalidade dos aspectos sociais perturbados com a ocorrência do referido desastre (vide quadro 3).

Descrição dos Prejuízos Sociais
<p>“Frente a catástrofe ocorrida no município podemos elencar diversos danos na área social, os munícipes, que já se encontravam em situação de vulnerabilidade social, atualmente encontram-se em miserabilidade total. As perdas se estendem no campo da construção (moradia), sobrevivência social; saúde pública e garantia dos direitos (assegurados sem Leis) aos idosos, crianças e demais munícipes. Importa, salientar que, o direito à educação encontra-se prejudicado em razão da destruição ou danificação dos prédios das escolas municipais, fator que também refletirá nas questões sociais do município. Destaca-se toda que área comercial do município foi afetada pela enchente afetando gerando a paralisação da oferta de emprego e o abastecimento local. Logo, o desemprego e a ausência de perspectiva e a destruição do patrimônio como referência de identidade local, principalmente da</p>

Igreja Matriz, acarretará a população problemas de ordem psicossocial. Os sistemas de distribuição de água e energia elétrica foram paralisados durante dias em razão de quedas de postes e de ter Estação de Tratamento de água inundado e já estão sendo normalizados. Em decorrência desse evento as Escolas Municipais foram afetadas tendo umas das escolas destruída e danificando a estrutura das outras, tendo seus equipamentos eletrônicos e móveis perdidos, com isso as aulas foram adiadas”.

Quadro 3 –Descrição dos Prejuízos Sociais no município de São Luiz do Paraitinga/SP
Fonte: retirado do documento AVADAN (SÃO LUIZ DO PARAITINGA, 2010a, p. 5).

Nesta parte documento, segue analisado o contexto de miserabilidade total que os idosos se encontravam e as perdas e danos, em nível público e privado. Cabe ressaltar que a descrição dos prejuízos sociais no AVADAN (SÃO LUIZ DO PARAITINGA, 2010) é detalhada, se comparada aos demais documentos produzidos pela Defesa Civil. Na imensa maioria dos casos, as descrições em torno do desastre enfatizam os fenômenos naturais, sem aprofundar nas dimensões sociais e culturais de afetação.

Apesar do sofrimento dos grupos sociais afetados, em torno das perdas e danos materiais e imateriais, estarem de certo modo explicitadas na visão institucional, não se encaixa nas soluções técnicas adotadas. Para Dombrowsky (1995), os problemas sociais são fragmentados, para se encaixarem nas capacidades institucionais já existentes, o que também ocorreu em São Luiz do Paraitinga.

A seguir, iremos analisar o Plano Diretor Municipal e sua revisão, a fim de compreender o planejamento e articulação da gestão do município para lidar em contextos de crise.

O Projeto de Lei do Plano Diretor Participativo foi iniciado no município de São Luiz do Paraitinga no ano de 2006, por incentivo do Poder Executivo, sendo coordenado pela Assessoria Administrativa municipal. Para tal elaboração criou-se um Grupo Gestor, que ficou responsável pela elaboração de tal lei (Lei 1.347, de 07 de janeiro de 2010), tendo como base audiências públicas tanto na zona rural quanto urbana³¹.

O Plano foi aprovado pelo Poder Legislativo em 15 de dezembro de 2009, ou seja, 16 dias antes da enchente, sancionado em 07 de janeiro de 2010, momento no

³¹ Informações retiradas do site da cidade: <www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br>

qual a cidade já se encontrava sob os escombros. No ano seguinte, a prefeitura realizou um detalhamento das áreas de risco, demarcando as áreas com alta vulnerabilidade, o que criou a necessidade de uma revisão da Lei, antecedida por discussões no Conselho de Planejamento, sendo alterado pela Lei Municipal nº 1.458/2011.

Na sua primeira versão, o Plano Diretor, Lei nº 1.347/10, Art. 33º, na seção VIII, referente à Defesa Civil e Segurança Pública, foram priorizadas “ações preventivas de forma a minorar as consequências de impactos ambientais e ocorrências de calamidades e de acidentes”, um dos objetivos específicos que se destacam é a criação e aparelhamento da estrutura da Defesa Civil, manutenção de funcionários e equipamentos. Contudo, em entrevista realizada dois anos e meio após o “dia do desastre”, as melhorias estruturais da Defesa Civil apontadas por um membro da Secretaria do Planejamento do município dizem respeito a aspectos bem restritos:

hoje eles têm uma sala. A Defesa Civil ficava mais no pátio da prefeitura, não tinha lugar específico. Hoje eles têm uma sala, um rádio, uma base instalada. Tem um carro que é um jipe [...] com outra base de rádio, sem depender de telefone. A gente tem um estoque de colchão, de cobertor, de insumos. Eles passam direto por treinamento junto a Defesa Civil do Estado. Eles fizeram também um treinamento junto ao Corpo de Bombeiros [...]. Hoje está bem mais estruturado do que antes. Eles fazem monitoramento das áreas de risco (Entrevistada S, Secretaria de Obras e Planejamento, julho de 2012).

Além dos problemas em relação à estrutura física da Defesa Civil no município – de não terem um local estabelecido para realização de suas atividades, assim como a falta de equipamentos, e ainda de equipe integrada – foi destacado que no mês de dezembro a equipe da Defesa Civil teve que resolver problemas relacionados à enchente, e não foi feita mitigação dos danos. E, no dia 01 de janeiro de 2010 os impactos atingiram níveis devastadores.

Assim como mostrado no documento de Avaliação de Danos, no período de 2006 a 2010, para confirmar a recorrência do problema das enchentes e deslizamentos no município, será destacado abaixo um trecho da entrevista com uma funcionária da Prefeitura Municipal de São Luiz do Paraitinga, vinculada à Secretaria de Obras e Planejamento:

em dezembro choveu muito aqui, acima do normal. Então, antes da enchente, a gente já teve problema com essas áreas. A gente já conhecia exatamente, já tínhamos retirado três famílias. Então, eles já conheciam bem a realidade. [...] a gente sabia que ia chover, mas não sabíamos onde exatamente que cairia chuva, né? Porque às vezes ela nem interfere, né? [...] a gente sabia que ia chover bastante, mas não aquela quantidade. Não dava pra estimar. [...] Durante dezembro a gente já teve alguns probleminhas, então a Defesa Civil estava alerta o tempo todo. E dia 04 de dezembro [...] a rua da casa da prefeita estava alagada. E nunca tinha acontecido também. Ai na semana seguinte, na Rua do Carvalho [...] começou a ter problema. [...] Na enchente, todas essas casas ficaram interditadas, tivemos que sair, não podíamos nem ficar lá (Entrevistada S, Secretária de Obras e Planejamento).

Desse modo, para confirmar que a enchente do dia 1 de janeiro de 2010 não foi algo imprevisível e inesperado. As ações relacionadas ao nível de resposta também falharam durante a enchente, já que a Defesa Civil não deu conta de evacuar os munícipes dos locais afetados. E, de acordo com o defensor público Wagner Giron³², houve uma desarticulação da Defesa Civil municipal para retirada das famílias que residiam nas áreas de risco, e destaca o papel fundamental das companhias de rafting no resgate e socorro aos afetados.

Na Seção VIII do Plano Diretor Municipal, que diz respeito à Defesa Civil e Segurança Pública, não há uma preocupação com a população que se encontra em processo de vulnerabilização (ACSELRAD, 2006). Após o desastre deflagrado em janeiro de 2010, foi elaborada uma revisão do Plano Diretor Participativo, dentre as modificações, destaca-se as seguintes adequações:

Art 1º. Considerando a necessidade pública de adequar a política municipal de uso e ocupação do solo urbano à realidade do território municipal, após a catástrofe de 2010, o artigo 57, passa a vigorar com a seguinte redação:

Art. 57. A política municipal de uso e ocupação do solo urbano tem por princípio a ordenação da distribuição espacial das funções sociais na área urbana, de forma equilibrada e sustentável, buscando

³² Informações disponíveis em: <http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/a-defesa-civil-de-serra-ignorou-alertas-do-inpe> Vale ressaltar que, até o presente momento, não há portaria de reconhecimento de Estado de Calamidade Pública (ECP) na região Sudeste. Acesso em: 10 dez. 2012.

continuamente a humanização e justa distribuição dos benefícios e ônus das ações urbanizadoras relativas às cidades.

XI- Criação de zona especial de interesse ambiental, tendo em vista a necessidade de demarcar espaços com grande vulnerabilidade social e ambiental, que necessitam passar por processo de regularização fundiária, a fim de consolidar as ocupações existentes, de determinar priorização por políticas de remoção de famílias, segundo critérios determinados em mapeamentos de áreas de risco e de promover a recuperação ambiental (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUIZ DO PARAÍTINGA, 2010).

Ao destacar que a distribuição espacial das funções sociais na área urbana tem que ser feitas de forma equilibrada e sustentável, isso destaca uma mudança na preocupação em torno das práticas anteriores e uma integração de diversos setores envolvidos na gestão municipal para pensar o contexto da crise aguda – que consiste em lidar com as enchentes e deslizamentos. Porém, quando explicitam que áreas de grande vulnerabilidade social e ambiental devem ser demarcadas, e as políticas de remoção de famílias devem estar de acordo com o mapeamento das áreas de risco, esse discurso migra rumo à desumanização, priorizando-se a recuperação ambiental:

Art. 2º. As ZEIS-AMB I. ÁREAS PRIORITÁRIAS À REMOÇÃO DE FAMÍLIAS: é aquela definida no plano diretor como área de alta vulnerabilidade ambiental e social, em que é incompatível a ocupação por moradias. Nestas áreas há prioridade de remoção total de famílias, em razão da sua definição, nos mapeamentos de riscos, como áreas de muito alta e alta vulnerabilidade e risco. Referidos mapeamentos que embasarão a criação das ZEIS-AMB. Deverão ser produzidos por órgãos de notória especialidade em geologia e geotecnia. Nestes locais não serão permitidas futuras ocupações e deve-se promover a recuperação urbanística e ambiental do local a fim de estabelecer função social da propriedade urbana. As famílias moradoras dessas ZEIS-AMB. I terão prioridade nos programas e projetos habitacionais do município (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUIS DO PARAÍTINGA, 2010).

Assim, destacamos que

a cartografização do risco se impõe como uma fala técnica que impede a vocalização de direitos dos que ali vivem [...]. Como toda a fala técnica, trata-se de uma linguagem silenciadora dos *topoi* leigos, sobretudo os que transgridem a situação de classe. Ao delimitar o lugar de vivência de populações empobrecidas como área de risco, o referido mapa fundamenta as práticas de remoção compulsória dos

ali inseridos e evita mostrarem o pulsante conflito territorial que caracteriza a cidade (VALENCIO, 2009, p. 36).

Podemos perceber, portanto, que existe uma articulação entre o risco, a injustiça social e degradação ambiental (ACSELRAD, 2006), desse modo, o ente público não pode pensar a crise ambiental e suas implicações de forma fragmentada. Em termos macro e microsociais, o sofrimento coletivo dos grupos afetados está vinculado a estratégias de indiferença e distanciamento, em que as desigualdades sociais refletidas nas relações que se estabelecem num território inseguro, contribuem para a intensificação dos desastres no Brasil.

A complexidade e a gama de dimensões que perpassam o desastre foi trabalhado por Valencio (2012), em sua análise que associa os desastres à pobreza multidimensional. São eles:

- a) **A morte de familiares, vizinhos e/ou amigos** por vezes seguida de limitadas providências públicas de recuperação dos corpos e de apoio oficial aos ritos de luto, suscitando a banalização da súbita supressão da vida humana e do desaparecimento da pessoa do seu círculo de convivência cotidiana;
- b) O exercício extenuante de determinadas **técnicas corporais para manter-se vivo e/ou resgatar membros da comunidade afetada** diante a ausência e/ou demora de provimento de resgate por serviço especializado;
- c) Ao **surgimento de enfermidades e lesões decorrentes da piora da qualidade ambiental** no interior ou na circunscrição da moradia afetada, bem como nos locais público transformados em abrigo provisório;
- d) A **destruição/danificação da moradia** e dos demais sistemas de objetos do mundo privado, sejam eles de valor material ou imaterial, muitos dos quais indispensáveis às práticas rotineiras dos membros da família na esfera pública ou privada bem como para a sua afirmação identitária;
- e) À **inviabilidade do exercício do trabalho decorrente da destruição/danificação de instalações e equipamentos** imprescindíveis para viabilizá-lo, com reflexo negativo na renda monetária do indivíduo e da família bem como no seu suprimento direto;
- f) O **deslocamento involuntário imposto por autoridades locais à família, retirando-a compulsoriamente de sua moradia danificada** ou do terreno da moradia destruída sem oferecer-lhe o respaldo simultâneo na guarda de bens e na recuperação de seus direitos territoriais;
- g) O **confronto com o poder de polícia de agentes públicos que fragmentam a família e deterioram a qualidade dos vínculos entre seus membros** ao destituir pais da autoridade sobre os filhos menores e restringi-lhes a convivência quando resistem a deixar suas moradias em áreas consideradas de risco;

- h) À **indução, do agente público, para que a família desterritorializada compulsoriamente e emocionalmente fragilizada procure alternativas de moradia provisória junto a parentes e amigos**, pressionando e penalizando a rede primária de relações desta (no geral, também composta por gente empobrecida) e a tensionando com compromissos morais de acolhimento que, no mais das vezes, são muito onerosos material e espacialmente e estão além de sua condição em viabilizá-lo;
- i) Ao **deslocamento compulsório da família desabrigada para o equipamento público/comunitário** que passa às funções de abrigo provisório (no caso de impossibilidade de acolhimento do grupo por sua rede primária); no geral, mal administrado e distante do lugar original de moradia, o que elimina o arbítrio familiar pela escolha da territorialidade privada;
- j) À **deterioração das relações cotidianas entre as famílias e entre os indivíduos**, tanto no contexto abrigo provisório quanto no de acolhimento em moradia de terceiros, o que se deve, dentre outros, à ausência de privacidade e imposição de novas regras de convivência por outrem;
- k) Às **incertezas e angústias do grupo em relação ao seu futuro**, associado aos transtornos, limitações e dificuldades nas rotinas do presente;
- l) Às **incessantes providências práticas de recomposição material da moradia** e de seu conteúdo, restaurando e/ou recuperando objetos para suprir minimamente o dia-a-dia da vida doméstica;
- m) À **dissolução progressiva da convivência comunitária, devido à perda os elementos organizativos de sua dinâmica cotidiana e à dispersão da vizinhança**, cada qual tomando um rumo distinto, embora enfeixados numa mesma precariedade (VALENCIO, 2012a, p. 142-143, grifo nosso).

Valencio, ao fazer a associação da noção de pobreza multidimensional com o tema dos desastres, mostra a complexidade do sofrimento dos afetados perante o desamparo que vivenciam cotidianamente. Sendo assim, o desastre não pode ser trabalhado somente sob um aspecto – como ações que não priorizam humanizar as relações do Estado com os afetados. As ações em torno do gerenciamento da crise devem se dar de forma integrada e que se estabeleça por meio de diversos níveis da sociedade, em que o afetado esteja no centro para pensar resoluções que configuram a multidimensionalidade do desastre. Para tanto, é crucial que os aspectos da vida cotidiana do grupo social afetado sejam compreendidos, seja por meio da compreensão da perturbação do mundo material ou do mundo simbólico.

No próximo capítulo vamos adentrar, especificamente, no desastre vivenciado em São Luiz do Paraitinga, a partir do olhar do idoso, que sofre perante as

adversidades e a multidimensionalidade dos aspectos de esgarçamento das rotinas na vida cotidiana.

4. O DESASTRE VIVENCIADO EM SÃO LUIZ DO PARAITINGA

Na primeira parte deste capítulo será discutido como o termo *desastre vivenciado* é definido nesta pesquisa. E para tanto, será resgatado a análise de Martins (1992) sobre *história vivenciada*. O autor considera a História, como fruto dos discursos da História Oficial, e destaca que ela não incorpora aspectos fundamentais do mundo vivido. Nesse sentido, o termo história vivenciada se constitui como características fundamentais do mundo cotidiano.

As dimensões do *desastre vivenciado* serão compreendidas por meio dos significados compartilhados pelo grupo social. Esses significados compartilhados estão inscritos na *história vivenciada*, que se configura como a história circunstancial da História (MARTINS, 1992).

Como foi destacado no capítulo anterior, a visão oficial sobre o desastre não dá conta de compreender a complexidade do mundo social. Martins, ao estudar a história vivenciada no subúrbio de São Caetano do Sul/SP, destacou elementos cruciais da vida cotidiana, que eram opostos e, ao mesmo tempo, complementares a História Oficial. As relações sociais no subúrbio se caracterizam através da reprodução, da repetição, diferentemente da cidade que é o lugar da produção e criação. E Martins aponta que é na cidade que a História acontece, enquanto o subúrbio é o lugar do cotidiano.

Em relação aos desastres, também há um distanciamento entre o discurso oficial em relação às peculiaridades do *desastre vivenciado*. Desse modo, o termo *desastre vivenciado*, como termo central desta pesquisa, se ampara nos aspectos essenciais da vida cotidiana. Quando a vida cotidiana foi severamente perturbada, o sofrimento dos afetados, muitas vezes, os faz permanecer silenciados e as dimensões de sua experiência se tornam simplificadas, tendo que se ajustar no discurso oficial já existente.

O discurso oficial do desastre não agrega as características fundamentais do mundo vivido, pois os significados compartilhados pelo grupo social permanecem à margem. Contraditoriamente, os que mais sofrem as consequências dessa crise social são os que seguem marginalizados no processo de prevenção ou mesmo da mitigação dos danos em torno dos desastres.

O desastre vivenciado será analisado tanto do ponto de vista da coletividade, quanto do indivíduo, já que a memória se apoia na história vivida (HALBWACHS, 2006), e, como complementa Pollak (1989), a memória no nível individual não se dissocia da organização social da vida. Dessa forma, ao estudar a memória, por meio da experiência individual, esta se estende às experiências do grupo social.

No primeiro momento seguem as dimensões do *desastre vivenciado*, a partir da perspectiva do Oliver-Smith, focalizando nas dimensões sociais e culturais³³. E, posteriormente, serão analisados os discursos individuais de duas idosas - que foram selecionadas devido as particularidades em torno de suas vivências a respeito desta crise, que chamamos de desastre.

Esse trabalho tem o intuito em adentrar nas dimensões do *desastre vivenciado*, a partir do olhar dos idosos afetados no desastre de 2010, pois

quando se trata da história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época. O que se dá se o pesquisador for atento às tensões implícitas, aos subentendidos, ao que foi só sugerido e encoberto pelo medo (BOSI, 2003, p. 17).

Como já foi dito no capítulo anterior, as enchentes em São Luiz do Paraitinga são fenômenos socioambientais recorrentes e estão presentes na memória social dos luizenses. Desse modo, vamos iniciar as análises referentes ao trabalho de campo, que irá retratar, primeiramente, a memória social de enchentes, de acordo com as análises do historiador Campos (2011), que é morador de São Luiz do Paraitinga³⁴. E, posteriormente, vamos aprofundar sobre a memória social dos idosos, relacionada à inundação de 2010.

³³ É importante ressaltar que apesar do fato dessas dimensões serem separadas para que cada área específica da ciência dê conta de contribuir para o conhecimento deste evento multidimensional, essas dimensões estão interligadas. Ao aprofundar em questões culturais e sociais, outras relações aparecem - já que essa separação tem um caráter metodológico, pois na realidade não separamos a vida cotidiana em sua complexidade.

³⁴ Grande parte das fotos que serão apresentadas no trabalho de campo é do arquivo pessoal cedido por Benito Campos, poeta e artesão luizense.

4.1. As enchentes em São Luiz do Paraitinga como fenômeno socioambiental recorrente

O rio Paraitinga, conhecido como rio de águas claras, nome originado do tupi-guarani, se constitui como um elemento fundamental que marca o modo de vida luizense (vide figura 10, 11 e 12).

Figura 10 - Vista do rio Paraitinga, vindo do bairro Várzea dos Passarinhos sentido ao centro da cidade.

Fonte: tirada por Juliana Sartori em janeiro de 2014.

Figura 11 - Vista da ponte, que é a entrada para o centro histórico de São Luiz do Paraitinga.

Fonte: tirada por Juliana Sartori em julho de 2012.

Figura 12 - rio Paraitinga. No canto direito da foto se encontra um marcador para controle dos moradores em relação ao nível do rio Paraitinga.
Fonte: tirada por Juliana Sartori em março de 2013.

No ano de 1867, apesar de não constar na memória do grupo social local, houve um transbordamento do rio Paraitinga que chegou à escadaria da Igreja Matriz, na praça principal da cidade. Nenhuma enchente tinha superado esse marco histórico. Essa enchente causou diversos danos materiais e desespero da população, de modo geral. Dentre as perdas e danos, a cadeia pública, duas pontes e três sobrados foram destruídos (CAMPOS, 2011).

Também foram registradas duas enchentes no início do ano de 1967, uma enchente no final do mês de fevereiro e a outra no início do mês de março. As duas enchentes chegaram nos *quatro cantos* – cruzamento entre as ruas Coronel Domingues Castro e Monsenhor Ignácio Gioia. Quatro cantos tornou-se referência para os munícipes em relação ao limite que a água costumava chegar. Nessas duas enchentes, o rio Paraitinga subiu 5,8 metros (figura 13).

Figura 13 - enchente que teve em São Luiz do Paraitinga no ano de 1967.
Fonte: Arquivo Benito Campos, cedida por Benito Campos.

Nessa mesma época, especificamente no dia 22 de março de 1967, Campos relata a ocorrência de um abalo sísmico em São Luiz do Paraitinga e que após esse evento, as enchentes começaram a ficar mais recorrentes no município. E no ano de 1971, o rio Paraitinga subiu 6,3 metros e foi decretado Estado de Calamidade Pública (ECP). A enchente também chegou até os quatro cantos e, além disso, as águas do rio Chapéu causaram danos na vila de Catuçaba e a cheia do rio Paraibuna destruíram a Ponte Alta - que é acesso para Ubatuba (figura 14).

Figura 14 - enchente que teve em São Luiz do Paraitinga/SP no ano de 1971.
Fonte: arquivo Benito Campos, cedida por Benito Campos em março de 2013.

Em 1995, as águas chegaram novamente à praça central da cidade. E causaram grandes danos e prejuízos para os munícipes e comerciantes locais, e muitos deles foram à falência. Todos os afetados tiveram que sair de suas casas, no meio da madrugada, sem que pudessem salvar seus pertences (figura 15). Dentre os afetados, três pessoas morreram, sendo um idoso e uma criança que foram levados pela água do rio Chapéu e uma criança morreu soterrada (CAMPOS, 2011).

Figura 15 - imagem do rio Paraitinga/SP na enchente no ano de 1996.
Fonte: arquivo Benito Campos, cedida por Benito Campos em março de 2013.

Na década de 2000, tem registrado nos anos de 2006, 2008 e 2009 desastres

relacionados a enxurradas ou inundações bruscas, reconhecidos como Situação de Emergência (SE). No desastre de 2010, as águas do rio Paraitinga subiram cerca de 11 metros acima do leito normal, sendo considerada a maior tragédia do município. As chuvas, que já foram persistentes ao longo do mês de dezembro de 2009, e no dia 31 de dezembro do referido ano, fez com que as águas do rio Paraitinga começassem a subir. No dia 1º de janeiro de 2010, a água chegou até a praça do coreto, causando danos maiores do que as enchentes no ano de 1967. No dia 2 de janeiro de 2010, as águas subiram rapidamente, e chegaram até o último degrau da Igreja Matriz e, nesse momento, o centro da cidade já estava totalmente encoberto pela água. Como grande parte do patrimônio histórico foi construído com taipa de pilão e pau a pique, essas obras começaram a ruir.

Dentre as perdas do patrimônio histórico – os grandes casarões coloniais, a Igreja de Nossa Senhora das Mercês, entre outros- a mais significativa para os munícipes foi a Igreja Matriz, que de acordo com Campos (2011), a queda da primeira torre começou às 9h30min, no dia 02 de janeiro de 2010, e às 15h30min. caiu a ultima parede da igreja. Momento este, de grande desespero para os moradores locais (figura 16 e 17).

Figura 16 - Inundação no Centro Histórico do município no ano de 2010.
Fonte: tirada por Sérgio Neves/AE (ESTADAO, 2010).

Figura 17 - vista aérea do centro de São Luiz do Paraitinga/SP.
Fonte: tirada por Sérgio Marques retirado do Jornal da Reconstrução
(PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUIZ DO PARAITINGA, 2010b).

4.2. Fragmentos da memória social sobre o desastre de 2010

A vivência do desastre em São Luiz do Paraitinga é marcada pela resistência, que ocorre de duas formas: 1) por meio das manifestações culturais; 2) pela incorporação das injustiças e do sofrimento social.

Para Alfredo Bosi, “resistir é opor a força própria à força alheia” (BOSI, 2002, p. 118). No contexto luizense, as mudanças ocorridas no município, devido à enchente de 2010, perpassam desde o modo de vida até as características da arquitetura local, se configurando como uma perturbação irreversível na vida deste povo.

A resistência por meio das manifestações culturais aparece, nesse contexto, enquanto força que pulsa no sentido de não perder a identidade cultural luizense. Essa força aparece na manutenção da cultura popular e das tradições locais, desde a manutenção dos valores e crenças – seja pela reprodução dos rituais religiosos, ou mesmo da divulgação os mitos, lendas e causos – ou ainda a manutenção do estilo arquitetônico, representado pelos grandes casarões, a Igreja Matriz, a capela do Rosário e a Capela das mercês, que configura o Lugar (ZHOURI e OLIVEIRA, 2010) no qual os luizenses se reconhecem e reproduzem suas relações cotidianas.

Alfredo Bosi (2002) trabalha com a contraposição entre *poesia da existência*, pautada nos conceitos da arte, em contraposição à *narrativa da existência*, que configura-se por meio da ética e política. E pontua que

como sempre acontece, no fazer-se concreto e multiplamente determinado da existência pessoal, fios subterrâneos poderosos amarram as pulsões e os signos, os desejos e as imagens, os projetos políticos e as teorias, as ações e os conceitos (BOSI, 2002, p.119).

Os valores sociais se configuram, de acordo com Bosi, enquanto força catalisadora da sociedade. E complementa que “o homem de ação, o educador ou o político que interfere diretamente na trama social, julgando-a e, não raro, pelejando para alterá-la. Só o faz enquanto é movido por valores” (BOSI, 2002, p. 120).

Os valores e as crenças locais foram elementos cruciais para reconstrução do município, em nível simbólico. A união dos munícipes para reerguer o município foi por meio das festas religiosas e pagãs. Bosi procura a aproximação entre narrativa e resistência a partir da *história da realização dos valores*. A mistura do tradicional com o moderno, sagrado com o profano está em constante embate na cultura luizense. Para superar as adversidades vivenciadas no desastre em 2010, a manutenção da tradição local consistiu numa forma de resistência, em que “a história do município continua a ser feita no dia a dia” (CAMPOS, 2011, p. 50).

Já a resistência, como incorporação das injustiças sociais, acontece de modo sutil e só foi percebido nos detalhes, nos gestos e na forma que os munícipes se colocavam frente às dificuldades enfrentadas no desastre. Os que sofrem os impactos do desastre e vivem as consequências da injustiça, seguem mutilados na condição de sua cidadania (SANTOS, 1996).

Nesse sentido, significa dizer que o desastre se configura como uma perda, como qualquer outra perda cotidiana, em que os idosos desprovidos de sua cidadania, resistem incorporando a desigualdade, como reflexo de sua culpa e incapacidade³⁵. Dejours (2006) destaca que as pessoas criam mecanismos coletivos

³⁵ Para aprofundar a discussão sobre a resistência como incorporação das injustiças sociais, será utilizada a vivência de uma idosa que vive no bairro várzea dos passarinhos. A experiência e memória individual desta senhora retrata uma conjuntura social marcada pelas desigualdades e injustiças sociais. Essa experiência retrata a experiência coletiva de muitos idosos em São Luiz do Paraitinga.

de defesa para gerenciar os sofrimentos, porém, contraditoriamente, torna tolerável o intolerável.

É impossível expressar nesse trabalho a dimensão real do sofrimento dos idosos, e dos munícipes de modo geral, em relação à inundação de 2010. Esse sofrimento não pode ser expresso, apenas por palavras, pois suas dimensões são muito profundas e difíceis de adentrar.

Desse modo, esse trabalho faz uma tentativa de mostrar apenas alguns aspectos do mundo subjetivo, que segue vivenciado no corpo, nos olhares, nos gestos e nos sentimentos. Porém, muito se perde quando colocamos os relatos em forma de texto, pois a análise do desastre, enquanto experiência desaglutinadora, vai além do que se diz, pois envolve o como se diz, de onde se diz, e a maneira como a pessoa se sente ao reviver um drama coletivo tão intenso como o desastre.

E os silêncios, a voz engasgada, ou muitas vezes, a negação do sofrimento? O que isso nos mostra? O que perpassa o sofrimento individual, e que é ao mesmo tempo, coletivo? O que significa perder tudo? O que significa perder a casa? Perder as fotos, as roupas, os móveis?

Durante a realização do trabalho de campo, através do envolvimento com os luizenses, com o modo de vida caipira, sempre acolhedor, pudemos perceber que o desastre modificou a vida cotidiana dos munícipes e que a reconstrução acontece tanto no mundo prático, quanto no mundo simbólico.

Desse modo, é fundamental compreender como o idoso vive a perda da casa e, a partir das modificações do território, como ressignifica sua trajetória. O desastre suscitou a transformação do meio físico, impossibilitando a reprodução da vida cotidiana.

O desastre desorganizou abruptamente o *habitus*, em que os idosos perderam suas referências, o que impossibilita seu reconhecimento no lugar. Para compreender as dimensões do *desastre vivenciado*, a partir do plano do sujeito, a vida cotidiana deve ser compreendida enquanto processo.

Para introduzir sobre as peculiaridades do mundo simbólico, caracterizado pelas perdas e danos no município de São Luiz do Paraitinga, será analisado inicialmente o Poema da Enchente, escrito pelo poeta Ditão Virgílio. Esse poema apresentado carrega elementos cruciais da memória coletiva e manifesta a *poesia da existência*:

**Ano 2010,
Bem na hora da virada
São Luiz do Paraitinga
Desceu uma chuvarada
Que pro resto da vida
Pra sempre será lembrada**

Na praça da cidade
O Réveillon comemorava
Quando a natureza
Uma surpresa preparava
**Coisa muito, muito forte
Que ninguém imaginava**

Tinha chovido muito
Dezembro, o mês inteiro
As águas não davam trégua
Estava entrando janeiro
A praça estava em festa
Chegava o dia primeiro

Foi na sexta-feira cedo
O rio começou a encher
**Chegou na rua do mercado
E o povo sem saber
Ergueu algumas coisas
Como costumava fazer**

**Chegou até os quatro cantos
Como já era esperado
Acontece a cada tempo
Nós estamos acostumados
O rio enche e volta ao leito
E tudo fica sossegado**

O Ribeirão do Chapéu
Faz o Paraitinga voltar
A força da correnteza
Não deixa as águas passar
Com a força que vem
Faz o rio represar

Mas dessa vez foi diferente
Quando o Ribeirão abaixou
Lá das bandas de Cunha
**Uma grade enchente chegou
Invadiu toda a praça
Nossa cidade inundou**

**O rio subia tanto
Que o povo ficou assustado
Chegou na escada da igreja
Coreto ficou inundado**

**Pensando que ia parar
Tinha gente no sobrado**

**Mas as águas foram tantas
Que subiu a escadaria
Trincou a torre direita
E a igreja invadia
A ponte lá da entrada
Nem a sua guarda via**

Nessa hora um casarão
Onde funcionava uma escola
Deu um grande estouro
Desabou na mesma hora
A torre desabou
E as águas levou embora

Correndo pro alto do morro
O povo todo gritava
Somente de barcos e botes
É que as pessoas se salvavam
As águas cobrindo tudo
E a enchente não parava

**A Capela das Mercês
A água também invadiu
A parede era de taipa
Também não resistiu
Com a força da enchente
Desmoronou e caiu**

As águas foram tantas
Que tudo aqui encheu
**Sábado de manhã
Veja o que aconteceu
Ouviru-se um grande estalo
Três vezes o sino bateu**

**Era a segunda torre
Que ao cair, tremeu
Fez uma onda tão grande
Que a praça estremeceu
Derrubando várias casas
Quando na água bateu**

**Caiu alguns casarões
O resto todo trincou
O balanço foi imenso
Que a biblioteca rachou
Levando um pouco da história
Nem um livro ali sobrou**

**Mistura de choro e grito
O povo desesperado**

Só dava pra enxergar
A comunheira do mercado
Tudo estava perdido
O caos estava decretado

O resto da igreja
Desmoronou devagar
Caiu em cima do santo
Destruiu todo o altar
Lá pelas cinco da tarde
As águas deram de parar

la fazendo estrago
À medida que baixava
Pois a grande umidade
Mais casarões trincavam
E mais um pouco da nossa
história
As águas daqui levavam

Telefone emudeceu
Comunicação acabou
Não tinha eletricidade
O escuro, conta tomou
Informações desencontradas
E o povo desesperou

O rio corta a cidade
Separou a família
Cada um correu pra um lado
Enquanto as águas subiam
Se tinha morrido ou não
Um do outro não sabia

O suor de todo povo
Economias perdidas
Somente a roupa no corpo
E nada mais nessa vida
Os helicópteros que trazia
Um pouco de roupa e comida

A ponte da rodovia
Também foi interditada
Pessoas sendo socorridas
A zona rural ilhada
O comentário era muito
Mas não sabia de nada

As companhias de Rafting
Pela mão de Deus guiada
Salvaram muitas vidas
Que ia morrer afogada
Mesmo com o desastre

A cidade é abençoada

Quando as águas baixaram Era um cenário de guerra

Parecia um bombardeio
Que destruiu toda a terra
Uma cidade fantasma
Encostada ao pé da serra

Foi grande a solidariedade
Coisa igual nunca se viu
Veio ajuda de todo Vale
De São Paulo e do Brasil
Ajudando o patrimônio
Que a enchente destruiu

Os voluntários chegando,
Vindo de todo lugar
A televisão mostrando,
Toda hora sem parar
O sofrimento tão grande,
Do povo deste lugar

**Era grande o mau cheiro
Os entulhos amontoado
A lama podre na rua
Móveis perdidos, jogados
Misturado aos escombros
E o povo desnorteado**

**Agora estamos lutando
Com força, garra e fé
Juntaram um pouco que tem,
Pra por a cidade em pé
Com a ajuda de todos
Seja o que Deus quiser**

**O sorriso esconde a lágrima
O coração apertado
Mas o luizense tem força
Traz a raça do passado
Acompanhando o tempo,
Devagar, mas não parado!**

Queremos agradecer um a um
que ajudou
Venha nos dar as mãos
Que muita coisa sobrou
**Nossa cultura está viva
Essa, a água não levou!**

**Trocar um dedinho de prosa
O jeito de ser caipira
Saborear a comida caseira**

**O feijão com cambuquira
A simpatia de um povo
Essa, a enchente não tira**

Isso que aconteceu
É a força da natureza
Tudo vai pegar seu rumo
Você pode ter certeza
**Nossa cidade é encantada
Ainda tem muita beleza.**
(Ditão Virgílio, Poema da
Enchente, 2010).

O Poema da enchente nos dá elementos para pensar a perturbação da rotina dos luizenses, que perderam elementos fundamentais de sua cultura material. O poema que está dividido em três momentos, o primeiro que antecede a inundação, que foi marcado pelas festividades de final de ano, com o réveillon. O segundo que é caracterizado pelo processo de desritualização, com a grave perturbação da rotina e desespero geral da população, no momento de crise aguda (VALENCIO, 2012a). E o terceiro momento está relacionado com o processo de reconstrução do município, tanto do mundo material, quanto simbólico. Para compreender as dimensões materiais e simbólicas em torno das perdas e danos, vamos mergulhar nas *narrativas de existência*, pelo olhar peculiar do idoso.

As narrativas de existência a respeito da inundação de 2010 mostra que esta superou todos os desastres que fazem parte da história do município. Os efeitos dessa enchente foram tão devastadores, que uma afetada declarou: “se eu não visse e o povo contasse pra mim, eu não acreditava” (Entrevistada M, Várzea dos Passarinhos, julho de 2012).

Para compreender os aspectos sociais que são intrínsecos à experiência de quem vivencia esse tipo de perturbação na rotina, iniciaremos a análise com a e descrição de um idosos, em relação à crise aguda:

foi na passagem de 31 de dezembro de 2009 para 1º janeiro de 2010, estava tendo uma festa no coreto, comemorando o ano novo e estava chovendo muito. Naquele ano choveu demais da conta e tem o Ribeirão do Chapéu, a mais ou menos 2 km daqui, um afluente do rio. Quando chove muito, desce uma enchente muito rápida e muito forte e ela atravessa o rio e represa a água do Rio Paraitinga. O rio é pequeno e acaba represando, todas as vezes que chove muito em São Luiz é umas seis horas de enchente, que vem de baixo pra cima. E, dessa vez, começou em Cunha e deve ter caído uma tromba d'água. **Eu nunca vi tanta água daquele jeito, nunca na vida.**

Ficou quatro dias aqui na cidade aí quando estava aqui no Réveillon eu vi que a chuva era uma chuva branca da serra. [...] Quando foi umas duas ou três horas da manhã, ele começou a baixar, e aí começou a chegar a enchente de Cunha. E aí veio muita água, muita água, e além de estar represado, veio empurrando, só que aí o Ribeirão abaixou e a água continuou, subiu até a ponta do Coreto. Quando eu consegui vir pra cá ver o que estava acontecendo já era 10 horas da manhã, [...] **já estava tudo cheio, a igreja já tinha caído umas partes, já tinha caído a torre, e todo mundo correu pra cima. [...] Aí a água foi a baixando aos poucos, quando foi baixando, a gente não tinha mais a igreja, e nem a Capela das Mercês, e o Casarão, nem a escola aqui.** (Entrevistado A, zona rural, grifo nosso, julho de 2012).

O relato inicial do entrevistado A, retoma os momentos cruciais da vivência do desastre em São Luiz do Paraitinga. Ele resgata as festividades do final de ano, que é importante no sentido de verificar que, em primeiro lugar, enquanto a cidade estava em festa, as pessoas tinham grande quantidade de comida para compartilhar com os amigos e familiares e tudo isso foi perdido; E em segundo lugar, a enchente começou durante a madrugada, logo após as festividades, então todos estavam dormindo, despreocupados, quando foram surpreendidos com a água dentro de suas casas. As pessoas achavam que essa enchente, era como as demais, então subiram seus pertences, esperando o nível da água diminuir. Porém, essa inundação superou os cálculos dos munícipes, que eram baseados em suas experiências anteriores.

Os luizenses, além de ter que lidar com o sofrimento pessoal, familiar e comunitário em torno da perda de grande parte de seus pertences – como a perda da casa, de móveis, de roupas, de utensílios domésticos e do comércio em geral – ainda teve que lidar com o sofrimento relacionado à perda súbita de uma parte significativa do patrimônio histórico e cultural local – com a destruição da Igreja Matriz, da Capela das Mercês, dos antigos casarões e da escola municipal, que se situavam na região central da área urbana. A perda do patrimônio cultural da cidade afetou bruscamente o ritmo da vida comunitária, organizado a partir de suas rotinas estabelecidas no lugar.

Após esse preâmbulo geral em torno do problema, seguem as análises das perdas materiais e imateriais no espaço público e, posteriormente, vamos descrever e analisar as perdas materiais e imateriais referentes ao mundo privado. É

importante ressaltar que o mundo público e o mundo privado se relacionam constantemente.

4.2.1. Perdas Materiais e Imateriais no Espaço Público

No ano de 1982, o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT) tombou diversas obras arquitetônicas da cidade, dentre elas os grandes casarões que estão localizados na praça central da cidade, a Igreja Matriz, a Igreja do Rosário, a Capela das Mercês, entre outros. Com a enchente, grande parte dessas obras foi total ou parcialmente destruída – a destruição desses patrimônios históricos se deu pelo fato de sua construção ser à base de taipa. As principais perdas e danos na vida coletiva dos luizenses foi o patrimônio histórico de São Luiz do Paraitinga, pois era referência na cidade e tinha grande influência no modo de vida local. “De uma maneira ou de outra a enchente afetou todo o município” (Entrevistado A, zona rural, julho de 2012).

Dentre as perdas e danos no mundo público, a capela das mercês foi construída em 1806 e inaugurada em 1814 (figura 18), sendo o primeiro edifício tombado pelo CONDEPHAAT, no ano de 1982 (CAMPOS, 2011). Com a enchente em 2010, a Capela das Mercês foi destruída (figura 19) e foi a primeira igreja a ser reconstruída e inaugurada em setembro de 2011 (figura 20).

Figura 18 - Capela das Mercês.

Fonte: arquivo Benito Campos, cedida por Benito Campos em março de 2013.

Figura 19 - Destroços da Capela das Mercês no desastre de 2010 em São Luiz do Paraitinga.

Fonte: Arquivo do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (VEJA, 2012).

Figura 20 - Capela das Mercês já reconstruída.

Fonte: Juliana Sartori, tirada em janeiro de 2014.

Na primeira inserção em campo, no mês de julho de 2012, a Capela das Mercês já tinha sido reconstruída. A reconstrução dessa capela foi um alívio para as pessoas que achavam que não estariam mais vivas para ver novamente as igrejas da cidade. Porém, o maior receio dos moradores, principalmente os idosos, de São Luiz do Paraitinga era não ver mais a Igreja Matriz. Uma enfermeira que cuida dos idosos que vivem na Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), informou esse medo que os idosos tinham:

muita gente diz que nunca mais vai ver a igreja ficar pronta. Eu falo 'não gente, calma! No ano que vem'. Mas eles dizem 'ah, mas será que eu vou aguentar esperar?', eu falo 'claro que vai! Que é isso, vocês não podem pensar assim'. Eles acham que nunca mais vão ver uma casa naquele lugar vazio, nunca vai ver a igreja. Aí eu digo 'a capela da Mercês não caiu e ela já não está em pé? Então tem que ter calma e paciência. Se Deus quiser vai ver sim' (Entrevistada R, março de 2013).

A Igreja do Rosário foi construída em 1707, uma capela de pau a pique, em vista de louvar Nossa Senhora do Rosário (CAMPOS, 2011). Em 1767 a igreja foi reconstruída, e agora era uma igreja de estilo jesuítico, de taipa de pilão e que foi demolida no ano de 1915 e, reconstruída novamente – e esse modelo segue até os dias atuais - que possui estilo arquitetônico marcado pela mistura do romântico com o gótico. Atrás desta igreja existe o cemitério, que existe desde 1844.

Apesar da igreja não ter sido destruída, teve sérias danificações, tendo que ser reformada (figura 21, 22 e 23). Sua reinauguração foi feita no dia 05 de outubro de 2013 e as celebrações religiosas, que anteriormente eram feitas na igreja provisória “Paróquia São Luiz de Tolosa”, foram realizadas na Igreja do Rosário até a reinauguração da Igreja Matriz.

Figura 21 - Igreja do Rosário,
Fonte: foto tirada por Juliana Sartori em março de 2013

Figura 22 - Igreja do Rosário, após a sua inauguração que foi no dia 05 de outubro de 2013.
Fonte: tirada por Juliana Sartori, em janeiro de 2014.

Figura 23 - vista no interior da Igreja do Rosário, após a sua inauguração, em outubro de 2013.

Fonte: tirada por Juliana Sartori, em janeiro de 2014.

As Igrejas, além de representarem e caracterizarem a arquitetura da cidade, elas são elementos constitutivos da cultura local. Nesse sentido, o modo de vida do luizense era marcado pelas atividades religiosas, o que ocasionou na perturbação dessas atividades.

A partir das relações de determinado grupo com o território, o espaço transforma-se em uma imagem, um quadro. As imagens criadas do espaço pelo grupo têm papel fundamental na memória coletiva, visto que todas as ações de um grupo se traduzem no espaço (HALBWACHS, 2006). Os objetos ao nosso redor seguem repletos de significação (Idem). A cultura material nos é fonte de conhecimento histórico e os objetos possuem papel fundamental no processo de rememoração (MENESES, 1998). Nesse sentido, Meneses preocupa-se com a dimensão corporal da memória, trabalhando a noção de objetos históricos, os quais vão além das experiências individuais, pois contém dimensões simbólicas que refletem a história e a memória de um coletivo.

Na relação entre ambiente e sociedade, os objetos históricos são definidos como objetos singulares e insubstituíveis, com significado para a cultura local na construção de si no lugar e com vínculos estabelecidos no presente³⁶.

³⁶ Meneses destaca a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) no ano de 1937, como fator relevante na valorização destes objetos históricos. A partir do ano de 1970, o SPHAN mudou o nome

A Igreja Matriz veio totalmente abaixo com a enchente que houve em janeiro de 2010, mas ela era uma grande referência para a comunidade. Sua construção da Igreja Matriz iniciada em 1830 foi finalizada em 1840. Em 1875, foi instalado um relógio neste estabelecimento, tornando-se uma referência na organização do tempo na vida urbana dos luizenses. Somente em 1894, ergueram a segunda torre desta igreja (CAMPOS, 2011).

Figura 24 - Igreja Matriz de São Luiz do Paraitinga/SP.
Fonte: arquivo Benito Campos, cedida por Benito Campos.

Figura 25 - Construção da Segunda torre da Igreja Matriz a partir de 1894.
Fonte: arquivo Benito Campos, cedida por Benito Campos.

Figura 26 - Igreja Matriz após a construção da segunda torre.
Fonte: Arquivo Benito Campos, cedida por Benito Campos.

Figura 27 - foto mais atual da Igreja Matriz, no período anterior à enchente de 2010.
Fonte: Arquivo Benito Campos, cedida por Benito Campos.

Devido à inundação e a danificação ou destruição desses principais estabelecimentos religiosos, as práticas sociais correspondentes passaram a ser realizadas, provisoriamente, na Paróquia São Luiz de Tolosa (figura 28 e 29). Quando houve a reinauguração da Igreja do Rosário no dia 05 de outubro de 2013, missas e algumas atividades de cunho religioso foram deslocadas para lá. Mas o que a população mais esperava era a reinauguração da Igreja Matriz, que estava sendo reconstruída, e que de todos esses estabelecimentos religiosos, era em termos simbólicos e identitários, a mais importante para a comunidade.

Figura 28 - Igreja provisória “Paróquia São Luiz de Tolosa”.
Fonte: tirada por Juliana Sartori, março de 2013.

Figura 29 - Missa realizada na Igreja Provisória “Paróquia São Luiz de Tolosa” no mês de março de 2013. Devido à quantidade de pessoas que compõem a vida religiosa, muitos fiéis não conseguem assistir a celebração do lado de dentro da paróquia.
Fonte: tirada por Juliana Sartori, em março de 2013.

O processo de reconstrução da Igreja Matriz está dividido em dois momentos, o primeiro caracterizado pela deflagração da obra emergencial – onde houve o resgate das imagens sacras e demais artefatos que poderiam ser restaurados – e um segundo momento, o qual consistiu na obra de reconstrução, realizada pela

empresa de engenharia CONCREJATO, especificamente, pelo segmento de obras especiais, vinculada à empresa CONCREMAT. Na fase de reconstrução, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAM) ficou responsável por fiscalizar a obra, enquanto o CONDEPHAAT coordenou a mesma.

A obra precisou ser reprogramada, por ter sido encontrado elementos arqueológicos no subsolo. Foi necessário então, fazer uma prospecção arqueológica e outra empresa foi contratada para realizar esse projeto. Uma hipótese que os técnicos envolvidos em tais serviços levantaram em torno de tais achados foi a de que o fato da primeira igreja ser menor, e atrás dessa instalação poderia ter um cemitério, o que era algo comum para as épocas passadas. Dentre os elementos encontrados, o que impressionou os funcionários da obra foi o esqueleto de uma criança com um cordão azul, uma cruz e búzios na mão. Contudo, o Bispo Dom Carmo João Rhoden, da Diocesana de Taubaté, não autorizou a remoção das ossadas encontradas³⁷.

Após essa fase de reprogramação da obra foi feita uma adaptação para adequar a obra de acordo com a Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, referente à acessibilidade de pessoas portadoras de deficiência ou mobilidade reduzida em espaços públicos e edifícios, de modo geral.

Nesse processo final de reconstrução foram organizadas duas visitas guiadas com a comunidade pela empresa CONCREJATO. A primeira, no final do mês de setembro de 2013 com alunos das escolas da cidade e, a segunda, com a comunidade em geral no dia 05 de outubro de 2013 – mesmo dia da reinauguração da Igreja do Rosário. Nas duas visitas estiveram presentes em média 270 pessoas. Na segunda visita guiada, grande parte eram idosos.

A Igreja Matriz segue composta por espaços litúrgicos e museológicos. No total, a Igreja possui oito altares, dentre eles o Altar–Mor (figura 30 e 31). Nas laterais da entrada principal ficam três altares menores de cada lado. A Capela do Santíssimo, situada do lado direito da Igreja Matriz, foi a mais danificada com a inundação. Os forros foram restaurados assim como algumas pinturas originais e parte das estruturas anteriores, que se mantiveram após a inundação, ficou aparente.

³⁷Essas informações foram disponibilizadas por uma arquiteta na reconstrução da Igreja Matriz e que nos acompanhou numa visita na parte interna da igreja no mês de janeiro de 2014.

Figura 30 e 31 – Do lado esquerdo mostra a vista da entrada principal da Igreja Matriz, enquanto a imagem do lado direito mostra ampliada a visão do Altar-Mor da Igreja.
 Fonte: tirada por Juliana Sartori, em janeiro de 2014.

O sentimento dos munícipes a respeito da reinauguração da Igreja Matriz, após quatro anos e cinco meses após o *dia do desastre* foi marcado por muita ansiedade e emoção. A Igreja ia ser reinaugurada no dia 8 de maio de 2014, dia do aniversário da cidade, que completou 245 anos. Porém, a reinauguração aconteceu oficialmente no dia 16 de maio de 2014. E as festividades relacionadas à reinauguração da Igreja Matriz São Luiz de Tolosa ocorreu nos dias 16 a 18 de maio de 2014. A reinauguração da Igreja Matriz foi um momento muito esperado pelos munícipes, marcado por grandes emoções e movimentações na cidade. Vale ressaltar que esse estudo não analisou a memória social dos idosos após a inauguração da Igreja Matriz, pois a ultima inserção em campo foi realizada em janeiro de 2014. Por isso, daremos continuidade às análises sobre a memória social de idosos sobre os sentimentos em torno da perda da Igreja Matriz.

Figura 32 – Reinauguração da Igreja Matriz.
Fonte: Cedida pelo Grupo Tropeiros do Paraitinga em maio de 2014.

No momento da inundação, as pessoas sentiram muito a queda da Igreja, Matriz e, de acordo com Campos (2011),

muitas pessoas que ficaram desalojadas, saindo apenas com a roupa que estavam usando, lamentavam mais a queda do templo do que a perda de suas casas e de seus bens. **Sua reconstrução ficou, no imaginário dos moradores, como um sinal da reconstrução da cidade e de suas vidas** (CAMPOS, 2011, p. 50, grifo nosso).

A importância destacada por Campos, da reconstrução da igreja na vida dos munícipes, está relacionada com o sentimento dos idosos ao descrever o momento da queda da igreja:

eu fui lá, quando eu vi caindo, deu um negocio tão ruim, que eu não ia ficar vendo essas coisa não, foi caindo, caiu a torre. **Passa aquela imagem, reprisa o tempo todo. Eu tava lá perto e fui embora, não aguentava ver aquilo.** Depois foi as paredes, a igreja tão bonita... (Entrevistado B, várzea dos passarinhos, março de 2013. Grifo nosso).

meu filho chegou na casa da minha madrasta e falou pra mim, mãe sinto muito, mas a casa da senhora rodo. Se rodo também **não me importo, porque a igreja que eu queria que não caísse caiu**. Então a minha casa não é nada, porque a gente ficando vivo começa de novo [...] Eu estava na varanda da casa do meu pai, enxergava tudo, eu vi cair as casas da rua barão, depois caiu uma torre da igreja e depois desabou o resto. Nossa que medo, nesse dia eu chorei muito viu, porque a casa da gente ia ser mais fácil levanta outra, mas a igreja, eu acho que eu morro, eu não consigo ver (Entrevistada J, Várzea dos Passarinhos, março de 2013. Grifo nosso).

quando eu fui pegar o barco pra sair da minha casa, alguém gritou 'caiu a torre da igreja'. Eu escutei o pessoal correndo e dizendo 'caiu outro pedaço'. **A gente estava sentindo aquilo, e a gente não queria nem olhar**. O negócio é seguir pra frente (Entrevistado L, Centro, julho de 2012, grifo nosso).

Esse sentimento descrito, por grande parte dos moradores em relação à perda da igreja, se dá pelo fato da importância que ela tinha para reprodução do modo de vida local.

A reprodução do modo de vida se concretizava por meio das práticas simbólicas ritualizadas, que estavam fortemente ligadas com a religiosidade. Quando o idoso B fala que “não aguentei ver aquilo” ou o idoso L que destaca “a gente estava sentindo aquilo, e a gente não queria nem olhar” mostra a importância e como a queda da igreja marcou fortemente o processo de desritualização (THORNBURG; KNOTTNERUS; WEBB, 2007).

A igreja representava uma estrutura simbólica com significado para a comunidade. Os sofrimentos em torno dessa perda foram observados no comportamento, nas ações ritualizadas ligadas a igreja e nos relatos dos idosos.

A mudança do *habitus*³⁸ em torno das práticas religiosas foi algo entristecedor para os idosos em São Luiz do Paraitinga, visto que a organização desse espaço para o exercício das práticas rituais, em torno da religião é fundamental para a sociabilidade cotidiana luizense.

Grande parte dessas festividades era realizada nos estabelecimentos religiosos que, de modo geral, serviam para que a comunidade reproduzisse seus rituais, seus encontros, entre outros. Devido à modificação do lugar, em meios físicos, as práticas rituais também foram inviabilizadas. Porém, as práticas

³⁸ Ver mais em BOURDIEU, P. *The Field of Cultural Production: Essays on Art and Literature*, Cambridge, Polity Press; Nova Iorque, Columbia University Press. 1983.

ritualizadas em torno da religiosidade ultrapassam as festas, missas e encontros religiosos.

A idosa P destaca os detalhes da Igreja, e junto a isso, relembra as práticas ritualizadas que eram estabelecidas no passado, e que não puderam mais ser reproduzidas após a enchente:

tinha a nave, depois mais pro fundo, era igreja antiga ate chegar no altar. O altar de mármore de Carrara, **eu limpava cantinho por cantinho, subia. Eu subia até o alto do altar-mor pra enfeitar o Santo Padroeiro, todos os corredores lá de cima** (Entrevistada P, Centro, Março de 2013. Grifo nosso).

Assim como a idosa P, diversos idosos organizavam seu tempo a partir da vida religiosa. E seus afazeres estavam ligados à religiosidade, assim como seus corpos. Nesse sentido, vale ressaltar que a Igreja Matriz funcionava como uma extensão do corpo dos munícipes, já que integrava a paisagem e as atividades cotidianas, de algum modo, perpassavam pela igreja. Quando a idosa P declara que limpava o altar-mor da Igreja Matiz, enfeitava a igreja, entre outros, essas práticas eram parte constitutiva da sua vida cotidiana.

O medo que os idosos têm de morrer antes de ver a igreja pronta:

se a igreja caiu faz mais de 3 anos, e não acabou... É muito devagar [...] falaram que vai demora 7 anos pra fazer, eu não sei se vivo pra ver, que eu já estou com quase 70 anos. (Entrevistada J, Várzea dos Passarinhos, março de 2013).

E além do medo de não ver a igreja ficar pronta, os idosos temem que o processo de reconstrução da igreja não seja fiel à antiga matriz, pois todos relataram que por dentro ela era muito linda e tinha muitos detalhes (figuras 33, 34 e 35):

tinham uns anjos subindo na arcada da igreja, aí tinha como se fosse um sol, mas também tinha uma parte de fumaça como se fosse o inferno, sabe ele subindo da parte da terra pra queimada do inferno, pra ir finalmente para o céu. Isso chamava muita a atenção A Nossa Senhora das Dores que ela pra ir pra S. Luiz do Maranhão e veio para S. Luiz do Paraitinga, parou no Porto de Ubatuba, quando chegou aqui, o Padre de lá reclamou, mas o Padre daqui falou que ela escolheu aqui pra morar. E aí ela ficou por aqui, e ela é muito linda, a imagem, né? Aí eu até escrevi algumas coisas sobre as lendas de S. Luiz sobre isso que por incrível que pareça, a igreja caiu e justamente essa coisa do arco, a N. Senhora estava perto caiu uma viga e parou e parou em cima dela e não deixou a Santa quebrar. Ela era de S. Luiz mesmo (risos) só o manto que perdeu por causa da

enchente, mas ela ficou perfeita, só umas coisinhas pra restaurar (Entrevistado A, Zona Rural, julho de 2012, grifo nosso).

Figura 33 - Vista do interior da Igreja Matriz, antes da inundação de 2010.
Fonte: Arquivo Benito Campos, cedida por Benito Campos em março de 2013.

Figura 34 e 35 - Vista do interior da Igreja Matriz, à esquerda está o Altar-Mor, as fotos são do período que antecede à inundação de 2010.
Fonte: Arquivo benito Campos, cedida por Benito Campos, em março de 2013.

As pessoas se reconhecem nos detalhes daquela igreja e naquilo que estes representam na vida dos que ali residem. Desse modo, é fundamental que o processo de reconstrução respeitasse as peculiaridades representadas na forma de organização do espaço.

Alguns moradores não se reconhecem mais nas novas fachadas do centro. Como disse um dos idosos “tem que fazer da maneira da cidade” (Entrevistado A, Zona Rural, julho de 2012, grifo nosso), isto é, a reconstrução pela reconstrução não faz sentido para o povo luizense. O indispensável nesse processo é reconstruir de forma que os cidadãos se reconheçam no espaço vivenciado. Ele ainda complementa que “tem que ter cuidado para manter as tradições” e ressalta o seguinte:

a maior perda foi o patrimônio mesmo da cidade, pois não vai ser mais igual, eu acho, sabe? **Você olhava a pracinha, era uma coisa muito linda, as casas todas coloridas, agora você olha ali, já olha com sentimento.** A igreja foi a maior perda, eu acho, tinha o relógio, e, de vez em quando, **a gente se pega olhando pro relógio pra ver as horas, todo o mundo olhava pro relógio pra ver a hora.** Esses dias mesmo, eu olhei pra cima, não caiu a ficha direito. E era o ponto de encontro, sabe? (Entrevistado A, Zona Rural, julho de 2012, grifo nosso).

O hábito comunitário na região central de São Luiz do Paraitinga procura organizar o seu tempo, não apenas pela sonoridade do sino, mas no olhar para a Igreja Matriz, ao olhar o horário no relógio. Nesse sentido, há certo automatismo ao procurar o relógio, como um *habitus* comunitário. E quando se olha para essa referência espacial a procura da igreja e do relógio, e se percebe que ambos não estão mais lá significa rememorar e tornar presente na vida cotidiana, o desastre, pela destruição da referência de uma sociabilidade local.

A Igreja Matriz é tão presente na sociabilidade dos munícipes que ela não está apenas fora como um elemento do espaço, ela está simbolicamente dentro, como elemento organizativo da vida. Daí porque muitos munícipes ainda escutavam a badalada do sino, ou ainda, ao passarem em frente à igreja olhavam automaticamente para o relógio e se deparavam com o que restou da construção. Logo após a inundação, o sino da igreja foi recolocado em frente à Igreja em reconstrução e, todos os dias, o sino é tocado, como antigamente (figura 36).

O sino é um símbolo, um meio de comunicação na cidade. Seis horas da manhã bate o sino, meio-dia bate o sino, e seis horas da tarde bate o sino, né? Então era o símbolo de comunicação da cidade com a religião, com Deus. E, de repente a gente não tinha mais nada disso (Entrevistado A, Zona Rural, julho de 2012).

Figura 36 - Igreja Matriz em reconstrução.
Fonte: Tirada por Juliana Sartori, julho de 2012.

Nesse sentido, a importância de recolocar o sino em frente da Igreja Matriz em reconstrução consistiu em trazer um elemento da cotidianidade para reorganizar o mundo simbólico comunitário.

O que permanece na memória são as práticas corriqueiras que foram perturbadas, as vivências de um passado esfacelado. E como o *habitus* (BOURDIEU, 2009) foi interrompido abruptamente, as pessoas já não se relacionam no território da mesma forma. A mudança do *habitus* consiste na extensão do desastre no plano simbólico:

a enchente vai modernizar um pouco a cidade, e eu acho que não deveria. Então, essa é uma das coisas que eu penso que vai prejudicar, não só porque essa cidade é turística, mas é uma coisa que era nossa, foi preservada por 200 anos (Entrevistado A, Zona Rural, julho de 2012, grifo nosso).

Parte da vida cotidiana dos munícipes permanece interrompida, pois podemos dizer que há uma *territorialização do invisível*, manifestada nos gestos, sentimentos, medos, anseios por meio das práticas que, de certa forma, foram alteradas involuntariamente e que permanecem vivas na memória dos idosos residentes no

município de São Luiz do Paraitinga/SP. Com o desastre, o entrevistado A destaca a dificuldade de divulgar as práticas sociais antigas, pois a igreja era a parte espacial do imaginário local que ancora tais lendas. Com a mudança do território físico, com a destruição do patrimônio histórico, os moradores ainda se sentem perdidos e não algo ainda permanece interrompido. O entrevistado A relembra costumes e as vivências que se interromperam com a perda da igreja, como o *namorico* na praça:

isso foi uma perda total mesmo, nosso esconderijo atrás da igreja onde a gente ia namorar (risos). Eu era moderninho mesmo, sabe? E aí quem ia pra lá, ninguém falava do outro, passava perto tal, e era atrás da igreja. Ah eu tava lembrando esses dias. [...] e também tem a praça que junta as meninas vão pro lado direito e as meninas vão para o lado esquerdo, pra paquerar, e nem na missa eu ia, só esperando a mulherada da igreja e ficava dando volta do lado esquerdo e a mulherada do lado direito, aqui nessa praça. E a gente sabia que quando encontrava com ela aqui, ia encontrar com ela lá do outro lado na mesma metade, só se andasse muito depressa, e quando andava depressa era por que queria encontrar logo. [...] **Hoje já mudou tudo, não acontece mais isso** (Entrevistado A, Zona Rural, julho de 2012, grifo nosso).

Os antigos casarões, que se localizam na praça central da cidade, foram severamente danificados com a enchente, e tinham papel central no reconhecimento do luizense no lugar. A reprodução da vida social – através das atividades corriqueiras, como a ida ao trabalho, ao mercado, à farmácia, à igreja, entre outras atividades – sempre transitou pela praça da cidade. E a Igreja Matriz e os casarões coloridos marcam o estilo arquitetônico e a cultura local (figura 37, 38 e 39).

Figura 37 – Casarões em 1932
Fonte: arquivo Benito Campos, cedida por Benito Campos, São Luís do Paraitinga/SP.

Figura 38 – Praça central da cidade no ano de 1932
Fonte: arquivo Benito Campos, cedida por Benito Campos, São Luís do Paraitinga/SP

Figura 39 - Casarões no ano de 1932.
Fonte: arquivo Benito Campos, cedida por Benito Campos, São Luís do Paraitinga/SP

De acordo com o entrevistado A é essencial que se tenha preocupação em manter os padrões anteriores dos casarões antigos da cidade (figura 40). E destacou dois problemas na reconstrução da escola e na inauguração de um banco, que fica em frente à praça central da cidade:

não sei como permitiram fazer, é tudo diferente do resto da cidade. Você olha... Colocaram a cor do Bradesco, podiam ter mantido as linhas, porque eu acho horrível essa coisa de imitar o antigo, fica pior do que fazer moderno de uma vez. Aquele ali fizeram de madeira, mas não tem nada a ver com S. Luiz. Essa que é a minha preocupação, né?...Que isso se transforme, daqui uns dias apareça um casarão diferente ali, que não tem nada a ver [...] A biblioteca foi feita com ferro, era uma escola, aí fizeram uma coisa que não tinha nada a ver com o que era. Portão de ferro, janelas de ferro. Então a gente está brigando por isso também. Porque se um proprietário particular tem que fazer de madeira porque eles fizeram de ferro? A gente está questionando... Muito lindo o que fizeram dentro, mas que fosse a fachada pelo menos de madeira. [...] Todo mundo tem que fazer da maneira da cidade. E ali eles fizeram diferente. Então, tem coisas que ficaram boas, mas tem coisas que ainda né... Imagine você chegar na praça aqui e ver uma cerca de tábuas, parece um curral. Eu acho que eles deveriam ter dado um jeito de melhorar isso aí. Então ainda está refletindo um pouco negativamente pra cidade, né? Têm muitas melhorias, dos morros trincados, estão arrumando a rua do Carvalho, que é mais antiga de São Luiz. Eles fizeram as encostas. [...] Tem algumas coisas que precisam melhorar, mas como foi uma coisa que a gente nunca esperava, nunca aconteceu. Então a gente ainda está esperando que melhore por que essa praça era muito linda com aquele casarão... Tinham uns casarões aqui... **Tem que ter um cuidado pra manter as tradições**, foi feito, mas diferente. Eu tenho um dvd que mostra a escola como era, era maravilhosa, as portas eram de frente, as janelas...era outra coisa (Entrevistado A, Zona Rural, julho de 2012, grifo nosso).

O reconhecimento de si no mundo está vinculado com as práticas que reproduzimos no território. Nesse sentido, a reprodução da vida cotidiana se inscreve no Lugar (ZHOURI; OLIVEIRA, 2010). A preocupação do entrevistado A com o fato da reconstrução modificar o centro histórico de São Luiz do Paraitinga/SP mostra que a reconstrução que ocorre no plano material reflete na vida cotidiana e na cultura local.

Figura 40 -rua em frente à praça central do município, ao lado direito temos o Banco Bradesco, que não seguiu os padrões do centro histórico.
Fonte: Tirada por Juliana Sartori, março de 2013.

A vida religiosa marca a cultura e a história luizense (CAMPOS, 2011). A perda súbita e inesperada dos principais estabelecimentos religiosos da comunidade gerou grande sofrimento para os munícipes, visto que 84,6% dos luizenses são católicos. Vale ressaltar que a vida comunitária era fortemente influenciada pelas atividades religiosas no município, no qual o calendário anual é marcado por diversas festividades, sendo as principais delas: Festas dos Reis, Domingo de Ramos, Semana Santa, Festa do Divino Espírito Santo, Corpus Christi, Festa do Padroeiro São Luís de Tolosa, Festa de Nossa Senhora das Mercês. Grande parte dessas festividades é celebrada durante vários dias, tanto que o entrevistado A brincou ao dizer que faltam dias no ano para a quantidade de festas que são realizadas no município de São Luiz do Paraitinga.

No município de São Luiz do Paraitinga são realizadas diversas festividades, sendo elas pagãs ou religiosas. Dentre elas, as festividades do carnaval e a Festa do Divino são as mais importantes na cultura local³⁹. Vale ressaltar, que as festas religiosas aqui destacadas estão vinculadas à religião católica, porém as práticas

³⁹ Outras festividades importantes marcam calendário no município, porém, nessa dissertação só iremos mencionar a Festa do Divino e o Carnaval, que são as manifestações culturais mais importantes no município.

religiosas vinculadas ao protestantismo aumentaram consideravelmente no município.

A Festa do Divino Espírito Santo é um ritual religioso muito antigo, originado na Alemanha, que foi realizada pela primeira vez em São Luiz do Paraitinga/SP no ano de 1803 (CAMPOS, 2011).

A Folia do Divino é constituída por quatro foliões, sendo eles: o alferes, que carregam a bandeira, o mestre e o contramestre, que são dois tocadores de viola, o contralto, responsável pela caixa de percussão e o triple, que toca o triângulo. A festa dura dez dias, tendo início numa sexta-feira, com a novena e a chamada “Bênçãos das Bandeiras” (CAMPOS, 2011).

Um dos rituais religiosos se intitula Sábado do Encontro das Bandeiras, em que é feito o encontro das bandeiras das festas dos anos passados com a bandeira do festeiro do ano atual. Durante as festividades, há a distribuição do famoso “afogado”⁴⁰, comida típica da localidade (figura 41). Também há a apresentação de grupos “congadas, moçambiques, danças de fitas, pau de sebo e o casal de boneções João Paulino e Maria Angu e a cavalhada” (CAMPOS, 2011, p. 59).

⁴⁰ O prato típico luizense que é conhecido como afogado é a “carne de vaca cozinha no próprio molho e com pouca água, servida com farinha de mandioca e arroz” (CAMPOS, 2011, p. 85).

Figura 41 - imagem do Divino Espírito Santo que se encontra na casa de uma idosa que reside no bairro Várzea dos Passarinhos. Essa imagem foi a única coisa que ela levou, quando saiu de casa durante a inundação, o que mostra a importância deste ritual religioso na vida dos munícipes.

Fonte: tirada por Juliana Sartori, em março de 2013.

O trabalho de Santos (2008)⁴¹ questiona a tradição em torno das festividades populares no município, especificamente a Festa do Divino – que é o tema de sua dissertação de mestrado. E pontua a existência de uma memória coletiva, seletiva, em relação à riqueza do passado e considera o dinamismo e a plasticidade, como fatores que marcam a cultura luizense. E a Festa do Divino agrega diversos segmentos da sociedade e é ressignificada a todo o momento, através das articulações entre o grupo social. Como Bosi (2002) destaca, a memória parte do presente, em que representamos, constantemente, as imagens do passado.

Com a enchente de 2010, as manifestações culturais foram ressignificadas pelos luizenses e se constituíram como forma de resistência perante a perturbação da vida cotidiana. Nesse sentido, a vida cotidiana é constantemente reinventada.

De acordo com Silva e Vieira (2012, p. 12) “os poetas e compositores luizenses não se cansam de expressar em versos, prosas e canções o afeto incondicional que dedicam à sua terra, a verdadeira musa inspiradora de todos eles”. O carnaval é a maior manifestação popular de São Luiz do Paraitinga. Suas atividades foram reinventadas na década de 1980, e são caracterizadas pela

representação de lendas, mitos ou personagens diversos d folclore além das técnicas de artesanato para confecção dos bonecos, máscaras, cartolas, tiaras e demais adereços de fabricação manual. [...] as marchinhas de própria composição completaram a base característica desse diferenciado e atrativo carnaval interiorano, emoldurado naturalmente por um cenário histórico (SILVA; VIEIRA, 2012, p. 49).

As características originais da festa, que contava com a presença expressiva das famílias luizenses, foram se modificando devido o aumento de pessoas que aderiram às festividades. Por mais que as características originais da festa não permanecessem, o aumento do evento proporcionou benefícios para os

⁴¹ Santos é morador de São Luiz do Paraitinga/SP e dedicou seus estudos para compreender as mudanças da cultura popular a partir da Festa do Divino.

comerciantes locais e os moradores, que passaram a alugar suas casas nesse período (SILVA; VIEIRA, 2012).

No ano de 2010, devido à destruição e danificação do centro histórico do município, o carnaval foi cancelado. Porém, alguns blocos desfilaram por outras ruas da cidade, mesmo com número pequeno de participantes. E, em 2011, o tema da festividade intitulou-se como “Carnaval da Reconstrução” (SILVA; VIEIRA, 2012).

A enchente de 2010, como acontecimento trágico e marcante na vida dos munícipes, foi retratada nas marchinhas de carnaval dos anos seguintes:

O Bote
O meu amor por São Luiz
É do tamanho
Da cobra grande
Vai do Rosário até a matriz
(eu dou o bote)

**Meu coração pasmou
Quando a água subiu
Quanto barro cedeu
Minha alma encardiu
Só que ela não levou (ôôôô)
Bem imaterial
Legado cultural
O meu sonho, o meu astral**

No carnaval que vem
De chita e suor na pele
Volto a ser Benito
Encarnado em Juca Teles
(eu vou de bote)
(Vicente Valery, 2012)

Lendas Macabras
Eu pedi para para, parô!
Nesse carnaval macabro
Lendas de São Luiz chegou

Ai, ai, ai, que medo desse homem
À meia-noite vira lobisomem
Ele é que nem um cachorrão. Tem muito pelo,
Dentes grandes e orelhão
Se ele te pega, te mata, ele te come
Só com bala de prata você mata o Lobisomem
Eu pedi pra parar...

Ei, ei, ei, me socorra seu Luizinho

Tô correndo de uma porca e de sete “leitãozinho”
Ela era uma mulher sem coração
Que fez sete abortos e virou assombração
Calma, meu filho, “procê” sair dessa fria
Reze um pai nosso e mais sete Ave-Maria

Outra coisa que assusta os viajantes
É a mulher de branco, com seu anel de brilhantes
Ela estende a mão, mas não é pra machucar
É para o viajante o seu anel arrancar
Mas só se o anel for arrancado ela pode descansar
Quem tiver essa coragem, muito rico vai ficar

**E por ultimo que aconteceu
Foi um forte estrondo, que São Luiz estremeceu
O que será que aconteceu?
Será que a Cobra Grande, no Rosário se mexeu?
Eu pedi pra parar...**

(Luís Eduardo Godoi e Leandro Barbosa, 2010)
(SILVA; VIEIRA, 2012)

A primeira marchinha, composta por Vicente Valery, no ano de 2012, mostra a tristeza que a enchente trouxe para a comunidade, mas a resistência popular foi imprescindível na manutenção dos bens imateriais, o legado cultural e os sonhos. E esse legado, de acordo com a marchinha, a água não foi capaz de levar. Esse resgate da vida cotidiana pela valorização da cultura local e da tradição luizense, também aparece de forma marcante no poema do Ditão Virgílio, no início deste capítulo.

A segunda marchinha de autoria de Luís Eduardo Godoi e Leandro Barbosa em 2010 resgata algumas lendas da cultura caipira. Dentre elas, a lenda do Lobisomem e a da cobra grande.

como conta a estória do lobisomem que saia a meia noite com a batida do sino. E os cachorros saem correndo atrás e quando dá as doze badaladas da meia noite ele começa a uivar lá no alto do Cruzeiro. E ele não consegue passar pela frente da igreja e vai pelo outro lado, sobe pelo lado do Cruzeiro e desce lá na escola. Muita gente já perseguiu ele, e tem outra lenda que esses lobisomem que eram homens que iam namorar lá pelos lados do cruzeiro também, então a cachorrada latia e eles uivavam, até fiz uma musiquinha que diz ...

- o Lobisomen de S. Luiz à meia noite ia pro pinho sai doido pra visitar o galinheiro do vizinho;

- Sexta feira a meia noite, era alta madrugada só se ouvia o seu uivo e o grito da galinhada cocoro cocococó só foi pena de galinha só só jogaram o carijó (Entrevistado A, Zona Rural, julho de 2012, grifo nosso).

A lenda antiga da Cobra Grande “adormece certo tempo depois torna a voltar é um mistério profundo que ninguém vai decifrar” (Ditão Virgílio)⁴². Diz a lenda que a Cobra Grande apareceu certa vez à beira do rio Paraitinga, matando homens e animais. Certo dia a cobra atacou uma criança, o pai desesperado luta com a cobra e salva a criança, mas que infelizmente já estava envenenada. Desesperado, o pai segue em busca de ajuda para curar seu menino, eis que encontra um pajé que vivia numa tribo distante, que era o único que se comunicava com a cobra.

O pajé fez com que a cobra adormecesse, mas sobre sua cabeça foi construída o altar da Igreja Matriz (que fica no centro da cidade-em frente à praça do coreto) e na sua cauda foi construída a Igreja do Rosário (situada no alto do morro). Por longos anos, a cobra permaneceu adormecida, mas não se sabia o momento em que ela poderia acordar. Todos os munícipes permaneciam inquietos e amedrontados com o possível despertar da cobra grande.

O sábio pajé já dizia que quando essa cobra grande acordasse, chacoalharia seu corpo, destruindo a Igreja Matriz, a Igreja do Rosário e não sobraria nenhuma casarão, sem ao menos trincar para contar história. Quando isso acontecesse, seria marcado, de algum modo, o fim do mundo, pois “a igreja era ponto de referencia e encontro, encontro com Deus”.

Casos de enchentes sempre foram recorrente no município devido o fato do rio cortar a cidade, mas nunca uma enchente tinha ultrapassado o primeiro degrau da Igreja Matriz, que segundo relatos dos mais antigos, ocorreu no ano de 1967.

Os mais antigos ressaltavam que se houvesse uma enchente, maior do que a de 1967, a Cobra Grande poderia acordar. Por mais que todos soubessem dessa lenda, com o passar dos anos, como a cobra continuava adormecida, com ela, adormeciam seus murmurinhos e contos. Porém, na virada do ano de 2009 para 2010, com a grande enchente, foi como se a lenda antiga se concretizasse. Quando a água da enchente chegou até o altar da Igreja Matriz, a Cobra Grande despertasse e ao mexer seu corpo e derrubasse, primeiramente, uma torre da Igreja e depois de

⁴² Ditão Virgílio é um poeta e contador de histórias no município de São Luiz do Paraitinga/SP. Como ele que forneceu as histórias sobre a Cobra Grande, que fazem parte do seu trabalho, seu nome segue especificado nessa parte do texto.

certo tempo, caiu a segunda torre, e o curioso foi que o sino tocou três vezes antes de cair.

quando ouvi falar que a Igreja caiu, lembrei justamente da Cobra Grande. [...] Imagina uma enchente invadindo São Luiz. Era uma coisa que a gente nunca, nunca, nunca esperava. E os mais velhos falando 'isso vai ser o fim do mundo'. Então o coração bateu muito forte [...] tirou um pouco do nosso alicerce, né? [...] **E levou um pouco da nossa História, dos casarões...** (Ditão Virgílio, 2013).

A destruição do patrimônio histórico, principalmente os estabelecimentos religiosos, que eram símbolo de fortaleza, contribuiu para que os munícipes perdessem a referência pública no território. A igreja simbolizava essa referência e coesão social.

Para os que duvidam da veracidade desta lenda, Ditão Virgílio ressalta o mistério da Igreja do Rosário (que fica numa rua atrás da Igreja Matriz e num ponto alto da cidade) que, após o desastre de 2010, teve diversas trincas e teve que ser totalmente restaurada e se questiona: “existe um mistério porque a água não chegou na Igreja do Rosário. Como que ela trincou daquele jeito? [...] Então veio aquela imagem de que a cobra se mexeu” (Ditão Virgílio, 2013). Há ainda os que acreditam na lenda, porém acreditam que a Cobra Grande, na verdade, é o próprio rio Paraitinga.

Para quem acha que a lenda da Cobra Grande acabou Ditão Virgílio, ressalta: “surgem comentários recentes de que a Cobra Grande foi vista por aí”. E ainda destaca a importância de nunca duvidarmos dos antigos, pois “essa lenda era muito antiga, mas aconteceu, né?” (Ditão Virgílio, 2013).

Na cultura luizense os mitos e as lendas estão presentes e enraizadas nas manifestações culturais, de forma que um se ampara no outro. Nesse caso, as lendas estão inscritas nas marchinhas, e as marchinhas são compostas, ultrapassam as lendas, mas não deixam de se referirem a elas. E ainda podemos perceber que há uma dualidade na representação social em relação ao carnaval pelos munícipes. Enquanto alguns acreditam que essas manifestações culturais marcam a identidade social luizense, por outro lado, alguns acreditam que o carnaval trouxe malefícios para a o município. E a inundação de 2010 seria uma consequência dessas práticas pagãs.

O discurso de punição divina e de premonição acaba aparecendo no imaginário social.

o Padre de Lagoinha, o padre Osmar acreditava que ia ter uma enchente grande. Ele já estava velhinho já estava pra morrer, ele já faleceu. Ele falava lá, mas muita gente não acreditava que ia ter uma enchente maior que essas que estava tendo. Faz mais ou menos dez anos que ele disse isso, o pessoal acreditava muito nele. Ele disse que eram duas, uma veio...então a gente aguarda, né? (Entrevistado L, Centro, julho de 2012).

Deus disse assim, porque você tem tanta coisa, eu vou leva um pouco, e levou tudo quase... (Entrevistada P, Centro, Março de 2013).

A relação entre o sagrado e o profano é muito forte na vida comunitária em São Luiz do Paraitinga. Existem crenças de que o carnaval tem forte relação com a enchente, como ser visto na fala da entrevistada M:

o prefeito foi eleito aqui há alguns anos atrás e ele trouxe o 'abençoado carnaval' e foi depois que trouxe esse carnaval, ele trouxe a maldição pra São Luiz. Eu acho que foi isso que trouxe a maldição por que antigamente quando eu era criança, minha vó já falava que tinha um padre aqui em São Luiz, o padre italiano da década de 1950 falava que se em São Luiz tivesse carnaval, o Paraíba ia chegar na escada da igreja. Aí esse prefeito inventou de trazer esse carnaval porque dá dinheiro, né? Dá turista, pronto! Aí foi só desordem, Eu acho que Deus mandou um aviso. A igreja foi parar tudo no chão, eu acho que foi um aviso que Deus mandou. Eu acho que se São Luiz não melhorar vem coisa pior viu (Entrevistada M, Várzea dos Passarinhos, julho de 2012).

No relato da idosa M, o desastre aparece como punição divina, punição essa que se materializa com a destruição da Igreja Matriz, que além de ser o maior patrimônio histórico do município, é símbolo da fé e de reprodução das práticas religiosas.

Na próxima parte do capítulo, vamos adentrar nas especificidades das perdas materiais e imateriais no mundo privado.

4.2.2. Perdas Materiais e Imateriais no mundo privado

Os idosos que vivenciaram essa agonia, coletivamente, também tiveram experiências individuais na perda da casa e de todos seus bens materiais e imateriais que lá se encontravam. Este grupo não estava acostumado com uma enchente desta magnitude e teve que sair de suas casas somente com a roupa do corpo, não tendo tempo para recuperar quase nada:

começou vir a água por debaixo da porta, e aí foi todo mundo desesperando, começamos a sacar remédios, sacando, levava pra cima, uma meia dúzia de gente, um corre- corre, sobe escada e leva pra cima, acudindo o que tinha mais valor. Na padaria não deu tempo de nada, padaria quando pegou só deu pra pegar o dinheirinho que eles tinham, Não deu mais tempo de nada, ela estava mais baixa, ela encheu mais depressa. E daí quando ela começou a crescer ali, já foi na escada. Quando chegou em ponto da escada, aí a gente saiu desesperado, eu desci e aqui já estava passando água. Aqui já estava uns dois metros de água, e daí já tinha caído um pedaço da torre da igreja, aqui estava que nem o mar [...] aí chegou um barco pra tirar a gente ali e já encontrou com nós na escada e era um corre-corre, gente saindo, criança. [...] Quando nós subimos no barco a água já estava subindo a escada, aqui já estava completo de água. (Entrevistado L, Centro, julho de 2012).

acabou tudo, loja, não tinha onde compra nada pra comer, se precisasse troca uma peça não tinha, nem pra compra um sapato, não tinha nada (Entrevistado B, Várzea dos Passarinhos, março de 2013).

parecia o Vietnã, muita policia, aqui de trás ate aqui embaixo na saída da pista, tava 24 horas por dia o exercito, porque da muito roubo, tinha gente que já aproveita pra pega, tá sujo, mas pode ficar tranquilo, onde esta, 24 horas, 3 turma, das 6 da tarde meia noite, a turma do exercito trabalhando, ia 10 voltava 10 pra rua vigiar, um pega o botijão, que foi a única coisa que sobrou, o botijão roubaram muito, nas casa, bicicleta, outras coisa, que a agua não chego a levar muito, enfia ali, leva lá, numa viela no morro, tinha uma vila ali no morro, e lá pra ver de cima, entregava o pessoal e levava lá, na outra vila, uns de lá vinha pra cá, os de cá ia pra lá, atravessava a enchente (Entrevistada C, Várzea dos Passarinhos, março de 2013).

Ao relembrar o momento da crise aguda, apareceu muito nos relatos a descrição da correria para tentar salvar alguns pertences mais valiosos, mas que foram em vão, pois o nível da água subiu rapidamente. A memória relacionada ao momento do impacto sempre aparece com a impressão de que tudo foi muito rápido,

de que não deu tempo de nada. Nesse sentido, podemos destacar a perda de referência e da noção da passagem do tempo.

Muitos entrevistados utilizaram o termo *cenário de guerra* para descrever a situação do município quando as águas baixaram, já que tudo se encontrava destruído e cheio de lama. Ou ainda como a entrevistada C que relata que o São Luiz do Paraitinga parecia com o Vietnã devido à quantidade de membros do Exército intervindo no contexto de crise aguda, contexto este, que segue retratado no trabalho de Marchezini (2014).

E a dificuldade que as pessoas tinham para conseguir comida, ou conseguir peças de roupas também foi um problema muito grande no município, pois só chegou ajuda três dias após a inundação. Enquanto isso, as pessoas foram compartilhando o que conseguiam.

Já ao adentrar no mundo privado, o destaque é que a forma que os luizenses enfrentaram a enchente não foi, a princípio, algo imprevisível e inesperado:

aqui sempre teve enchente aqui, mas sempre para na praça, essa enchente grande que deu, todo mundo começou a falar... a enchente chegou no mercado, a enchente já passou o mercado, está subindo na rua de cima... daí quando era 6:00 horas o marido de uma funcionária daqui, ele avisou todo mundo, a enchente nunca chegou aqui em cima, mas está chegando, já está subindo... a enchente já está no velório e o velório é na esquina... fica nessa direção [...] daí quando foi 8:00 horas um senhor chegou e ele disse gente vamos sair a água já entrou aqui e está numa altura que o doente não pode ir andando, tem que ser carregado, já está quase no segundo degrau da escadaria da Igreja Matriz (Entrevistado H, Bairro Benfica, março de 2013).

a gente já estava acostumado com um metro e meio, dois metros, as coisas já estavam arrumadas pra dois metros né? A gente punha a geladeira em cima da cadeira, a gente pegava os cobertor, punha tudo em cima do guarda-roupa. Mas dessa vez não teve jeito, as duas da manhã a água já tinha coberto até a casa já (Entrevistada G, Várzea dos Passarinhos, março de 2013).

a gente jamais imaginava que ia chega aqui, nunca aconteceu, como diz, tudo nesse mundo tem a primeira vez, ninguém imaginava que ia entrar dentro de casa, o povo falava, 2 horas abaixo era uma hora, quando era 2 horas ninguém ficava aqui [...] não vai abaixo nada, a gente saiu com a roupa do corpo e os documentos, o resto (Entrevistado B, Várzea dos Passarinhos, março de 2013).

gente estava acostumada, a mais grande que deu nessa altura aqui, a gente nunca perdeu tudo as coisas. Então a gente erguia tudo que

tinha, porque dava tempo. Ela vinha devagar a gente já fica esperto, fazendo cavalete de pau, pondo as coisas em cima, não perdia. Mas essa aí foi pra arrasa mesmo (Entrevistada J, Várzea dos Passarinhos, março de 2013).

quando começo a encher aqui, eu me alarmei porque sempre tem, e começo a subir a água e entrar na minha casa, mas eu achei que a água ia subir mais ia descer logo, e ela subindo, pra falar a verdade, acho que a gente ficou meio abobalhada e saímos, eu sai só com a roupa do corpo, não levei nada mais, do que meu próprio corpo, a calça preta e a blusa e sai, e saiu minha irmã, que fez agora 95 anos, e fomos pra casa da minha irmã mais pra cima que era um sobradinho, e saímos de barco porque não aguentava o peso da água, e ficamos na casa dela (Entrevistada P, Centro, Março de 2013).

Como a enchente era recorrente no município, os moradores locais estavam habituados a colocar seus pertences em locais mais altos e depois quando o nível da água abaixava, eles limpavam a casa e colocavam as coisas de volta em seu devido lugar. Porém, essa enchente surpreendeu todos os munícipes, inclusive os idosos. E relatam:

quando eu sai a água tava aqui em mim, eu levei esse vasos meu, porque eu quero muito bem minha flor, e eu não tinha machucado a perna ainda, eu não podia acudi minhas roupa eu ia acudi meu vaso. Levei e pus ali, que não tinha aquela grade [...] aí deixei o vaso e fui por os mais pequenos lá [...] a água já estava passando os degraus, daí eu segurei aqui que já tinha tirado a minha irmã, ela estava lá em cima, num barreiro que dava medo. Falei que ela não ia morre que ninguém ia morre, porque eu to acostumada, toda enchente que da eu to sozinha aqui, eu não tenho marido, né? (Entrevistada J, Várzea dos Passarinhos, março de 2013).

cobriu tudo, pegou o sobrado todo da turma ali de baixo, o fórum pego metade do segundo andar, perdeu também, era 1 de janeiro, chamaram o pessoal e colocaram no segundo andar, tiraram tudo, depois de 5 dias com água parada. [...] Quando abaixo a água tinha maca, tinha geladeira, tudo em cima das casas, os carro ficaram tudo em cima do outro, lá perto do mercado, uma geladeira ficou 15 dias em cima do telhado... (Entrevistado B, Várzea dos Passarinhos, março de 2013).

subiu rápido mesmo, e quanto a gente saia, não dava pra pegar nada, ainda coloquei uma cama assim, e pus aquele guarda roupa em cima de uma cama aqui, aí enquanto eu fui lá na cabeça da ponte ver a água, eu não pude mais entra aqui. [...] Eu voltava eu via tudo assim e não tinha como entrar na casa, nós descia e ele tava lá perto do cruzeiro, ali tem um cemitério e eu sai ali naquele poste que tem lá, olhava a água, aquele mar de água, e voltava pra lá, olhava pro

alto da casa, dava medo e fiquei pra lá (Entrevistado H, Benfica, março de 2013).

A orientação social baseada na vida cotidiana guiam nossas ações. A vida cotidiana no município de São Luiz do Paraitinga/SP, sempre esteve vinculada com a recorrência de enchentes. Desse modo, já era esperado pelos moradores que a água entrasse em suas casas, então os moradores subiam seus pertences, esperavam a água baixar, limpavam suas casas e retornavam à rotina.

As enchentes recorrentes desorganizavam a vida cotidiana, porém era uma interrupção já esperada e calculada pelos moradores em região. Como recorrentemente a água chegava a dois metros de altura, os luizenses possuíam práticas protetivas para lidar com o fenômeno. A inundação ocorrida no ano de 2010 rompeu bruscamente com os cálculos feitos anteriormente. A água chegou a quatorze metros acima do leito (regular) do rio e deixou a população, sem saber, a princípio, como agir.

Grande parte dos munícipes permaneceu em suas casas, pois, habitualmente, sabiam que a água não chegaria muito além do que dois metros de altura. Este saber estava vinculado à rotina e às práticas cotidianas. Quando a água continuou subindo, as pessoas tiveram que sair de suas casas com a roupa do corpo, e nada puderam realmente salvar.

Nesse caso, o resgate de grande parte dos munícipes que permaneceram em suas casas se deu pela equipe de rafting, que posteriormente ficaram reconhecidos como “Anjos do Rafting”. Como os membros da equipe tinham domínio para trafegar no rio e tinham conhecimento da cidade, eles foram fundamentais para que não houvesse nenhuma morte nessa enchente.

Uma moradora do bairro Várzea dos Passarinhos relatou que a equipe de rafting:

ajudou muito a gente. Nem comer, não comeram. O barco do rafting entrou no portão, encostou aqui, e já tava todo mundo nadando. A água tava aqui. Dai a gente tava esperando, e eles salvaram todo mundo porque o negócio tava feio (Entrevistada C, Várzea dos Passarinhos, março de 2013).

É válido ressaltar que as pessoas que praticavam rafting no município sempre sofreram preconceito na cidade, por serem taxados de “drogados” ou “vagabundos”.

Depois da atuação deles durante o momento de crise aguda, o estereótipo do grupo mudou completamente no imaginário dos luizenses.

O rompimento da rotina não esteve vinculado somente com a perda da casa, mas com a destruição da estrutura física da cidade, a danificação do espaço público: a perda do patrimônio histórico da cidade – como igrejas e os grandes casarões; a perda do patrimônio público – a prefeitura, o fórum, o cartório, etc; e a danificação no setor de serviços – a perda dos mercados, das padarias, das farmácias, das lanchonetes, etc. Alguns dias após a enchente, a cidade permanecera sem mantimentos, sem eletricidade, a lama e os destroços das casas invadiam a rua, modificando completamente o espaço público, o que suscitou a perda das referências materiais e simbólicas para a reprodução da vida cotidiana.

No plano simbólico, os medos e anseios que ressurgem ao relembrar aspectos essenciais de um modo de vida que foi perturbado são perdas que não se podem quantificar.

Quando as águas baixaram, o novo desafio para os luizenses foi a limpeza da casa. Segue alguns relatos sobre essa experiência:

tinha ate peixinho do rio aqui dentro, a gente acho tudo, tinha de tudo. [...] E o mal cheiro minha filha, jogava tudo o que era coisa e não sai, ficou mais de ano você sentia o cheiro horrível da lama, jogava agua na parede, lavava o chão, lavava tudo (Entrevistado B, Várzea dos Passarinhos, Março de 2013).

pedi ajuda [...] depois de uns 15 dias, ia limpar o quintal com a enxada, achava alguma coisa enferrujada, que aqui abriu a janela do quarto o povo jogando as coisas pra rua, deixo pelada a casa (Entrevistada C, Várzea dos Passarinhos, março de 2013).

meus irmãos foram limpar a casa, mas a casa estava super suja, não dava pra gente morar lá ainda, sem móveis, dormir no chão, sem água, porque demorou pra voltar a água. [...] oito dias depois que a gente tinha entrado na casa, meu filho subiu no telhado, telha Brasilit, e ele tirou um monte de areia. Não tinha como ficar com aquela areia lá. O vento vinha e sujava todas as coisas. Sujava até os alimentos se a gente abusasse, o vento jogava tudo (Entrevistada F, São Benedito, março de 2013).

a gente perdeu muito...parava um caminhão basculante ali e a gente ia jogando as coisa fora, e ele ia levando embora, jogava um negócio que você nem sabia o que era, era um monte de lodo , foram dois meses pra lavar esses dois cômodos aqui, eu consegui ficar dentro da casa depois de uns quatro dias que baixou. E nós começamos a limpar, depois disseram que vinha a luz, e veio mesmo mais tarde. (Entrevistado L, Centro, julho de 2012).

As pessoas perderam seus bens materiais, sendo que muitos saíram de suas casas somente com a roupa do corpo. Poucas pessoas conseguiram reaproveitar as coisas que restaram na casa devido o tempo que a casa ficou coberta de lama, “a água foi subindo... nós fomos acompanhando. As coisas, perdemos tudo. **Só não perdemos a vida**” (Entrevistado E, São Benedito, março de 2013, grifo nosso).

não salvo nem um paninho de prato, quanto mais o resto, aqui nós colocamos uma tabua, foi pro chão, pro ralo, eu joguei, você pegava uma coisa aqui, a água aqui, você virava pra pegar outra, a água já tava aqui, foi subindo muito rápido. [...] Estava todo mundo aqui, mas não adiantava nada, sair pra onde, carregar pra onde, não tinha. O lixo tava até o rio, Santo Deus (Entrevistado B e C, Várzea dos Passarinhos, março de 2013).

só sentindo na pele pra saber, a gente vê na televisão a gente vê, agora a gente vê e dá uma dó, ainda se fosse água limpa, tudo bem, perde tudo, mas água grossa, imunda, cheia de bicho, como era véspera de ano novo, as casas estavam lotadas de carne e os açougues, tudo qualquer lugar, pôs tudo ali, aquele mal cheiro, Santo Deus, teve gente que foi aproveitar geladeira conseguiu, deixaram um frango dentro da geladeira, novinha, preciso jogou fora, que não saia o mal cheiro. E depois no ano novo, todo mundo sem ter nada pra comer, nada, porque foi sexta-feira, tem uns que não comia ovo, no outro dia foi tudo embora, ali tem um vizinho ele conta, são 2 irmãos todos casados, o que ele queria era comer pururuca, sabe o que é pururuca? Fez, falo, e foi enchendo e já tava esperto, fez o pratão de pururuca pôs no forno e esquenta que de tarde a gente come, começou a encher, ficou apavorado, e colocamos em cima do forro, de tarde eu pego, foi a pururuca dele pro beleléu, foi todo mundo falando que tinha feito um bolo gostoso, e falava deixa pra comer amanhã aqui em casa tinha as gelatinas coloridas, aí que vontade de comer a gelatina, a geladeira tava longe, o pior é que não abriu, ficou dentro da geladeira, teve que jogar tudo fora... (Entrevistada C, Várzea dos Passarinhos, março de 2013, grifo nosso).

não peguei nada, nem o chapéu eu não peguei, perdi tudo, só fiquei com a roupa do corpo. Ali na farmácia perdeu tudo, ali na padaria perdeu tudo. [...] ficamos no prejuízo, estamos devendo até hoje, tem prejuízo até hoje, dívidas pra pagar (Entrevistado L, Centro, julho de 2012, grifo nosso).

panela a gente jogou bastante fora, salvamos alguma, as mais novas, mas grande, que ninguém ia dar mesmo, daí o doutor falo, é só ferver ela uma meia hora, no fogo que pode usar sem, mas jogou, uns 3 sacos de panela, umas 20, 30 panelas, pegaram pra reciclar, alumínio né? Mas ele falo que não tinha importância (Entrevistado B, Várzea dos Passarinhos, março de 2013).

a roupa nunca é a mesma, perde a roupa toda, uma blusinha assim é legal, uma camisa que eu tinha e uma calça preta, e você compra

não é aquilo também, ele lembra da calça preta ate hoje, um sapato, essas coisas marca, você gosta de uma roupa de um sapato (Entrevistada C, Várzea dos Passarinhos, março de 2013).

aqui tinha uma estante grandona, daquela colonial, virou aqui, na cozinha tinha um armário de parede que eu não sei de que jeito o armário boio e viro com a boca pra cima, e as coisas sumiu tudo e não tinha nada dentro dele. E tinha compra, vasilha na parte de cima... tinha tudo e sumiu tudo, e tudo no chão com a bagunça. E no quarto arrasto tudo e eu não podia entrar no quarto, acabou tudo e eu deixei a janela aberta, que eu tenho medo de fechar a casa e cair, dai as coisas foram tudo embora, o vidro eu esqueci aberto, mas perdi as coisas, mas se deixa aberto ia fica tudo fedendo e não ia adianta de nada, mas rodo tudo, foi para edredom meu no quintal da vizinha, ela lavo, sorte que alguém aproveito, mas a gente mesmo perdeu tudo (Entrevistada J, Várzea dos Passarinhos).

meus irmãos tentaram subir com as coisas pra cima, mas teve uma hora que não deu mais , a água cobriu tudo. Foi muito rápido Mas aí a gente ficou meio desolado, pois a gente ficou num trecho que você não podia ir nem pra frente e nem pra trás Pra frente tinha água e pra trás tinha um barranco que estava caindo , então o que deu pra salvar salvou, mas o resto a água levou tudo embora (Entrevistada F, São Benedito, março de 2013).

aqui tinha parente do meu sobrinho, peguei calça, camisa e cueca dele. A minha mulher não queria, ela falava, eu não visto essa calcinha achada na rua, com ela tava acostumada com aquele ceroulão e não tinha. A calça, camisa, cueca, tudo usado, peguei a roupa dele ate eu ganho umas calça de um amigo que mora em Natividade, que mando pra um amigo dele, o amigo dele trouxe pra mim, depois foi na pechincha que tinha um monte de roupa pra escolhe, ate normaliza, dona de loja vestindo roupa daquele montão (Entrevistada C, Várzea dos Passarinhos, março de 2013).

tinha agua em cima da minha casa, e meu sobrinho disse tia, eu passei em cima da sua casa, pus a mão no telhado e do telhado da vizinha, e minha casa estava com 1 metro em cima do telhado de agua, peso a agua peso a telha e desceu com as parede e tudo, porque era pau a pique, e desceu em cima do meu presépio, dos meu guarda roupa soltaram, que não é prego é cola, abriu tudo a roupa, aí a defesa civil não deixo entrar porque caiu tudo, ficou 21 dias sem mexer, daí acabo de apodrecer. [...] foi triste, sem roupa, meus vestidos de festa foi tudo embora, meus sapatos bonito foi embora, as vezes eu fico pensando, aí tal coisa quero ver se da, mas foi tudo embora, só na saudade agora (Entrevistada P, Centro, Março de 2013).

A preocupação dos afetados com os seus pertences, e que até hoje esses bens são insubstituíveis, em vários sentidos, como destaca o entrevistado B que pontua que sente falta de determinada calça e determinado sapato que era dele e que ele estava acostumado a usar. Ou ainda a entrevistada P que sente falta dos

vestidos de festa, dos seus sapatos, que não foi possível recuperar. E nesse sentido, as peças de roupa representam também as experiências do passado.

No momento da crise aguda, as pessoas tiveram que pegar roupas íntimas emprestadas, assim como outras vestimentas, o que causou grande constrangimento para os idosos, como descreveu o entrevistado B.

Dentre as perdas, podemos identificar as que se caracterizam como imateriais, que podem ser exemplificadas como perdas irrecuperáveis, por possuírem grande valor sentimental. Dentre elas, podemos destacar:

as fotos... tinha foto do meu pai, dos irmãos. Então acabo tudo, pegou agua, dai perde muita coisa, **você fica sozinha, fica indigente**, você fala tal fulano é da minha família, ninguém sabe que era que as fotos foram embora, tinha um filho que faleceu, tadinho que as fotos foram tudo embora, [...] foto de família, pra arruma outra, onde? Como? se a pessoa já morreu. (Entrevistado B, Várzea dos Passarinhos, março de 2013. Grifo nosso).

isso é o que a gente mais sente, a foto do meu pai que eu tinha uma relíquia da gente, porque a gente , tinha foto da minha mãe, hoje não tem mais. Isso eu senti muito perder porque nunca mais eu vou ter, fiquei sem minha mãe por 2 anos, dai meu tio deu uma foto dela pra mim. Foi um grande presente, era a relíquia que eu tinha e rodo tudo (Entrevistada J, Várzea dos Passarinhos, março de 2013. Grifo nosso).

as fotos, inclusive, tinha de dois filhos que faleceram eu tinha num pacote, perdi tudo, dos meu avós, dos meu pais, perdi tudo, do passado não tem mais nada guardado, eu tinha tudo (Entrevistada O, Ver de Perto, março de 2013).

minhas fotos... Devia ter umas 3,5 mil fotos. **Toda a minha historia**, de criança, o teatro, procissão, perdeu tudo, foi tudo embora, a chuva levou tudo (Entrevistada P, Centro, Março de 2013, grifo nosso).

Nesse sentido, perder a foto significa que “é a memoria sua que perdeu” (Entrevistada C, Várzea dos Passarinhos, março de 2013). As fotografias são referências da história biográfica de cada um. Ela remete à memória e representação de um passado.

Uma das entrevistadas, depois de estabelecer relação de confiança com a pesquisadora, contou que com a enchente perdeu todas suas fotos, dentre elas, as fotografias de seu filho que faleceu. Ao relatar este fato, falou da tristeza que sentia, já que perdera a única lembrança que tinha da imagem do filho. A insegurança e voz

que mostrava ter aquela experiência ainda entalada, mostrando quanto sofrimento guardara por trás do sorriso, das gentilezas.

O que vale aqui demonstrar é a importância que a fotografia tem no processo de rememoração dos munícipes que enfrentaram a enchente de 2010. As fotos que guardavam a memória do patrimônio histórico perdido. Ou que ainda relatava aspectos peculiares da tradição luizense, em relação às festas pagãs ou religiosas, as crenças e valores da comunidade. E ainda as fotos que remetiam as lembranças particulares, da família, dos parentes, amigos e que compunham os laços próximos.

Com a enchente, tudo se perdeu. E a fotografia é uma imagem do passado, é o que se cria. É o que permanece. E ao rever uma fotografia, voltamos ao momento da foto e revivemos a sensação que foi vivenciada. As fotos produzem em nós sensações de um passado que achávamos ter se perdido, que permanecia escondido dentro de nós mesmos. A fotografia “faz parte do imaginário e cumpre funções de revelação e ocultação na vida cotidiana” (MARTINS, 2008, p. 47).

A fotografia vista como conjunto narrativo de histórias e não como mero fragmento imagético, se propõe como memória dos dilaceramentos, das rupturas dos abismos e distanciamentos, como recordação do impossível, do que não ficou e não retornará. Memória das perdas. Memória desejada e indesejada. Memória do que opõe a sociedade moderna à sociedade tradicional, memória do comunitário que não dura, que não permanece. Memória de uma sociedade de rupturas, e não de coesões e permanências. Memória de uma sociedade de perdas sociais contínuas e constitutivas, de uma sociedade que precisa ser recriada todos os dias, de uma sociedade mais de estranhamentos do que de afetos (MARTINS, 2008, p. 45).

Ao mencionar que as fotos são guardadas numa caixa, justamente pelo fato de que as fotos podem ser esquecidas, mas ainda permanecem guardadas, caso queiram que sejam lembradas: “o cotidiano é relação de proximidade e distância, lembrança e esquecimento. A instauração da cotidianidade institui também o esquecimento provisório como forma de definição do vivido e de viver o presente” (MARTINS, 2008, p. 45).

Ao rever uma fotografia, voltamos ao momento registrado na foto e revivemos o passado. As fotos produzem em nós sensações de um passado que achávamos ter se perdido, porém, que permanecia escondido dentro de nós mesmos.

Outro elemento essencial que foram destacados como perdas imateriais foram os santos. Uma senhora que reside no bairro da Várzea dos Passarinhos relata que a única coisa que tirou da casa no momento da enchente foi uma imagem do Divino, que ela tinha na sala de sua casa. Ao questioná-la sobre o sentido de ter escolhido aquela imagem ao invés de outro pertence qualquer, ela não soube responder. E quando ela começou o processo de limpeza da casa, conseguiu resgatar todos os santos que tinha. Assim como ela, vários moradores destacaram a importância de encontrar os santos:

você acredita que Nossa Senhora Aparecida é tão milagrosa, que ela não tombo no meio do lodo, do jeitinho que ela fico de pé encheu de lodo e não saiu do lugar, os outros santos caíram, achei pela casa, e ela não (Entrevistada J, Várzea dos Passarinhos).

o que eu sinto era o altazinho que eu tinha do Santo, as fotos antigas que a gente tinha .é difícil por que pessoas que já se foram e a gente tinha foto pra lembrança. E fazer o que né? Meu filho achou uma imagem de Nossa Senhora no barro, e ele levou pro Padre pra ver se não era da Igreja, daí o padre guardou. [...] depois as pessoas vão lembrando das coisas que perdeu e acha muita falta, mas fazer o que? Não volta mais. (Entrevistada F, São Benedito, março de 2013).

meu presépio era grande, como daqui lá, a parede caiu em cima, e milagrosamente eu encontrei o menino Jesus da minha mãe no meu pé, depois de quase um mês, dai peguei, lavei bem ele. [...] a Nossa Senhora de Fatima, ela tinha um manto, quase igual o da Nossa Senhora Aparecida, e ela estava no quarto na minha irmã em cima de uma cômoda, milagrosamente encontraram na mesa da outra sala, a água trouxe a imagem e coloco lá, o manto foi embora, mas ela ficou. Está lá em casa (Entrevistada P, Centro, Março de 2013).

4.2.3. A vivência no abrigo temporário ou na casa de amigos e parentes

Nessa parte do capítulo vamos analisar as experiências dos idosos nos primeiros meses que sucederam a inundação. Ao longo das entrevistas, os idosos não entraram em muitos detalhes a respeito das vivências relacionadas ao fato de ficarem desalojados ou desabrigados.

Como já foi destacado no capítulo anterior, 4030 pessoas ficaram desalojadas, 93 desabrigadas, dentre elas, 516 eram pessoas idosas. A maior parte dos munícipes permaneceu entre vinte a quarenta dias desalojados ou desabrigados. Contudo, essas experiências não aparecem nos relatos.

Grande parte dos munícipes só ficou desabrigado nos três primeiros dias após a enchente, depois disso conseguiram ficar em casa de amigos ou parentes. Esse período foi de grande angústia para os idosos, que grande parte dos entrevistados se referiu, a esse momento específico, com frases curtas e diretas, não dando abertura para falar sobre o assunto.

Vamos retratar, portanto, alguns aspectos que apareceram nos relatos dos idosos entrevistados:

acabou tudo, loja, não tinha onde compra nada pra comer, se precisasse troca uma peça não tinha, nem pra compra um sapato, não tinha nada (Entrevistado B, Várzea dos Passarinhos, março de 2013).

Uma idosa, que reside no bairro Várzea dos Passarinhos não entrou muito em detalhes a respeito de suas experiências no abrigo, mas destacou:

a comida não era assim aquela comida, mas tudo bem. Pra quem tava sem nada, tava ótimo (Entrevistada C, Várzea dos Passarinhos, março de 2013).

A idosa, que estava acostumada com o seu modo de fazer comida e com o seu tempero, enfrentou dificuldades em se adaptar a comida que era oferecida no abrigo temporário. Porém, por falta de opção ela destaca que, pra quem estava vivenciando uma situação extrema, como aquela descrita por ela, àquela comida servia.

Posteriormente, essa mesma senhora ficou em casa de conhecidos e descreveu o problema que teve inicialmente para encontrar roupas para usar e, junto a isso, conviver com o fato de não poder voltar para sua casa:

a gente pegava roupa dos outros e não tinha como lavar. Tinha pessoa que era bem de vida, que tem comércio e que conhece todo mundo aqui. **Fez oito dias que eu tava com uma calcinha porque não tinha roupa.** Já pensou? **Foi judiado. Dormir na casa dos outros é horrível! Tudo amontado, barulho.** [...] Você não tem fome, não tem sono, nada. Eu não tinha sono, ia deitar pra dormir e não dormia. Ia comer, mas não tinha o que comer. **Você só quer voltar pra casa** (Entrevistada C, Várzea dos Passarinhos, março de 2013. Grifo nosso).

A idosa teve que ficar por oito dias com a mesma roupa íntima por não ter outra pra trocar. E ainda quando recebiam doações de roupas não tinham como lavá-las antes de coloca-las em uso. Na situação que essa idosa estava exposta, ela preferiu permanecer com as suas roupas íntimas do que ter que pegar roupa de outras pessoas.

Quando ela fala sobre o momento que ficou desalojada, destaca o incômodo em dormir na casa dos outros, devido a dificuldade em lidar com o barulho e com o fato de ter que dormir com várias pessoas no mesmo espaço. E descreveu também a falta de apetite e de sono que sentia mediante o desespero e a vontade de retornar pra sua casa. De acordo com a dona P, “por mais pobrezinha que seja a casa da gente é o ninho” (Entrevistada P, Centro, Março de 2013).

Um senhor que reside no bairro São Benedito relatou sobre a dificuldade que foi ficar desalojado: quando você tem casa de parente pra ir, ainda vai, mas casa de outras famílias? Tem outro costume, né? A gente sofreu muito na casa dos outros (Entrevistado E, São Benedito, março de 2013).

O idoso E enfatizou a dificuldade de ficar desalojado pelo fato de não ter ficado na casa de seus familiares. Sendo assim, ele teve que se adaptar com os costumes e hábitos da família que o abrigou, além de todos os problemas enfrentados com a perda da sua própria casa. E a angústia por não poder retornar para o ninho, como se referiu a senhora P.

Essas práticas cotidianas, que não podem ser reproduzidas da mesma forma, foram fonte de muito sofrimento para os idosos. Entretanto, faltaram palavras que conseguissem descrever esses sentimentos.

Já a idosa P, que reside no centro, teve sua casa interditada pela Defesa Civil durante 21 dias, não conseguindo recuperar seus pertences. Quando ela saiu de sua casa, no momento da enchente, foi primeiro para uma escola que serviu de abrigo temporário. E relatou:

chegamos lá, um tormento, criança, famílias, cachorro latindo, uma trapalhada lá. E minha irmã falou, não vamos ficar aqui, daí fomos lá pra cima do meio do pasto, que tinha uma casinha, chegamos lá não tinha nem uma cadeira pra sentar, aí meu irmão começou a ficar nervoso, e saímos, e voltamos pra casa do meu irmão (Entrevistada P, Centro, Março de 2013. Grifo nosso).

Como ela e seus irmãos não aguentaram permanecer no abrigo temporário por muito tempo, eles foram para uma casa, que ficava mais afastada da cidade e depois seguiram para uma pousada, que também serviu de abrigo para alguns moradores da São Luiz do Paraitinga:

ficamos ali, 18 pessoas, não tinha mais nada pra compra, tudo fechado, não tinha água. [...] Pra eu poder vestir uma roupa, já estava na pousada, fazia 3 dias que eu estava com a mesma roupa, a roupa que eu sai, molhado, abri trouxas que vieram de Taubaté, encontrei uma roupa pra mim e pra minha irmã, e trocamos de roupa e escovamos o dente, que a sobrinha levou escova, dai começou a chegar ajuda... [...] **os 3 primeiros dias foram tristes**... Ai pra da descarga na privada, a gente escovava dente dentro e cuspiu numa vasilha, todo mundo tinha que fazer aqui pra jogar na privada... (Entrevistada P, Centro, Março de 2013).

Os primeiros dias após a enchente foram descritos com dificuldade, muitos afirmavam assim como a entrevistada C “nossa, a gente sofreu muito”. Num primeiro momento, as pessoas ficaram isoladas até que chegasse ajuda. Sendo assim, permaneceram sem comida, sem água, sem conseguir tomar banho, ou trocar de roupa.

Todos os idosos descreveram o momento que estavam em suas casas e por conta do nível da água tiveram que sair correndo. Porém, o momento que está entre a saída da casa até seu retorno seguiu silenciado ou aparecia de forma mais tímida nos relatos. Dentre os entrevistados, as idosas C e P foram as que mais descreveram esse período, mas sem muitos detalhes.

Essa restrição de falar sobre essa dimensão do sofrimento foi respeitada durante as entrevistas, pois devemos ter cautela pra não aumentar ainda mais o sofrimento desses idosos. Já que a lembrança nos faz entrar em contato novamente com o passado.

Nesse sentido, o silêncio e a falta de detalhes no discurso também nos fornecem elementos para pensar essa experiência, já que estes também são fontes de conhecimento do mundo social. O silêncio é um elemento importante que será analisado a seguir para pensar no processo de enfrentamento de desastre e reconstrução da trajetória.

4.2.4. O enfrentamento do desastre e reconstrução da trajetória

Ao longo da pesquisa de campo, os discursos dos idosos sobre o desastre ocorrido em São Luiz do Paraitinga no ano de 2010 sofreram modificações. Em julho de 2012, quando os idosos relatavam suas vivências relacionadas ao desastre, os mesmos forneciam mais detalhes e se emocionavam bastante durante as entrevistas. E esse comportamento não era recorrente somente com os idosos, mas com qualquer outro morador da cidade, como os funcionários da prefeitura, os comerciantes, entre outros.

Porém, na segunda inserção em campo, que ocorreu ao longo do mês de março de 2013, os relatos dos idosos contidos nas entrevistas que solicitávamos eram mais sucintos, no sentido de ser um discurso pronto, e que nele não envolvesse tanta emoção do sujeito que relatava.

Esse afastamento social em relação ao discurso proferido ocorreu devido à saturação da população em compartilhar esse sofrimento coletivo com os forasteiros que os abordavam, para fins de pesquisa científica ou interesse jornalístico, já que ao relatar as experiências do passado, sobretudo as de grande intensidade emocional e desagradáveis, estas são vivenciadas novamente. Os idosos conseguiam falar mais das vivências que tiveram no desastre quando já se estabelecia uma relação de confiança entre o pesquisador e o afetado.

A memória dos idosos acerca da vivência do desastre possuem aspectos coletivos e que, ao mesmo tempo, trazem elementos peculiares na vivência dessa crise, de acordo com os detalhes de suas experiências.

O senhor H reside no bairro Benfica, que foi severamente afetado pela enchente no ano de 2010. Quando foi mencionada uma pergunta referente ao que ele tinha perdido com a enchente, disse:

perdemos tudo (...) Tive que ir comprando de pouco. E os móveis, perdeu quase tudo, tem porta aqui que tá... A porta do quarto, que tá inchada, estufou a água (Entrevistado H, Benfica, março de 2013).

Apesar do fato que diversos idosos relataram em relação à perda de grande parte de seus bens, ou todos eles, a forma de enunciação durante o relato sobre suas perdas e danos, o idoso H mencionou esse acontecimento com muita naturalidade, sem parecer estar envolvido com o sofrimento que foi vivenciado naquele momento.

Ao longo do trabalho de campo, sempre que as pessoas se referiam aos idosos, mencionavam que, principalmente, esse grupo social estava muito triste devido às consequências do desastre de 2010. E ainda no imaginário social dos luizenses, segue a impressão de que muitos idosos morreram de tristeza, logo após a enchente. E que na realidade, no imaginário local, a tristeza do grupo acelerou o processo da morte dos idosos.

Algumas pessoas entrevistadas foram mencionando o nome de alguns idosos que residiam nos casarões e faleceram logo após a enchente. No entanto, a causa da morte desses idosos serem ou não influenciados pelo sentimento de tristeza é algo que não cabe nessa pesquisa tentar afirmar. Contudo, como essa impressão se repetia no discurso dos luizenses, foram realizadas algumas entrevistas na Secretaria de Saúde de São Luiz do Paraitinga, em vista de conseguir alguns dados oficiais para verificar se houve algum aumento do número de mortes focalizando, principalmente, o grupo dos idosos.

Então, a fim de estabelecermos um panorama geral sobre a relação entre morte e tristeza, foi analisado o número de mortos por ano no período de 2008 a 2013; o número de atendimentos pelo Programa de Saúde da Família (PSF) no período de 2008 a 2012; O número de atendimentos por psicólogos e psiquiatras pela Secretaria da Saúde⁴³ nos anos de 2008 a 2013; e a compra de remédios pelo município, especificamente, os remédios ansiolíticos e antidepressivos no período de 2010 a 2013⁴⁴.

Inicialmente, vamos analisar o número de mortes por ano em São Luiz do Paraitinga. No período de 2008 a 2013, foram registrados 462 mortes no município, sendo 58,9% de pessoas do sexo masculino. (gráfico 2).

O número de mortes no decorrer dos anos são os seguintes: em 2008, 63 mortes; no ano de 2009, 79 mortes; no ano de 2010, 80 pessoas; já em 2011 foram 72 pessoas mortas; em 2012 foram registradas 85 mortes; e, por fim, no ano de 2013 morreram 83 pessoas. Dentre o número total de mortos, no período de 2008 a 2013, 69% foram idosos (vide gráfico 3).

⁴³ Foi considerado somente o número de consultas pela Secretaria de Saúde, não incluindo, portanto, o número de consultas particulares nesse segmento.

⁴⁴ Os dados foram analisados a partir de 2010 porque os dados referentes à compra nos anos anteriores se perderam com a enchente.

Gráfico 2- Distribuição do número total de mortes de acordo com o sexo.
 Fonte: a autora, com base nos dados fornecidos pela Secretaria de Saúde do município de São Luiz do Paraitinga.

Gráfico 3 – Proporção de idosos em relação ao total de mortes no período de 2008 a 2013 em São Luiz do Paraitinga/SP.
 Fonte: a autora, com base nos dados fornecidos pela Secretaria de Saúde do município de São Luiz do Paraitinga.

No ano de 2008, a porcentagem de mortes de idosos representou 74,60% em relação ao número total de mortes em São Luiz do Paraitinga, e no ano de 2009 representou 64,56% (Gráfico 4). No ano de 2010, a proporção de idosos mortos em relação aos demais munícipes diminuiu, comparado ao ano de 2008, e aumentou em relação ao ano de 2009, representando 70% em relação ao número total de

mortos no referido ano. Porém, o número total de idosos mortos em 2010 aumentou em relação aos anos anteriores – foram registradas 56 mortes de idosos no ano de 2010, 51 mortes de idosos em 2009 e 47 mortes em 2008. Nos anos seguintes, em 2011, a representatividade de idosos mortos foi para 63,89% em relação ao total, e no ano de 2012 foi de 69,41%, e no ano de 2013 os idosos representaram 73,49% em relação ao número total de mortos. Em relação aos anos anteriores, o ano de 2013 teve a maior porcentagem do período analisado e teve o maior número de mortos registrados, com a morte de 61 idosos (gráfico 5).

Gráfico 4 – Proporção de idosos em relação ao total de mortes em São Luiz do Paraitinga, por ano.

Fonte: a autora, com base nos dados fornecidos pela Secretaria de Saúde do município de São Luiz do Paraitinga.

Gráfico 5 – Número de mortes de idosos em relação ao total de mortes por ano em São Luiz do Paraitinga.

Fonte: a autora, com base nos dados fornecidos pela Secretaria de Saúde do município de São Luiz do Paraitinga.

O número de idosos mortos do sexo masculino também se sobressaiu em relação ao sexo feminino, representando 57.5% em relação ao número total de mortes de idosos registrados, no período de 2008 a 2013 (gráfico 5). Somente no ano de 2008 foi registrado um maior número de pessoas do sexo feminino, porém, a diferença é pequena – 24 idosas mortas, e 23 idosos. Nos demais anos, o número de idosos do sexo masculino se sobressai em relação ao número de idosos do sexo feminino.

Gráfico 6 – Distribuição de idosos mortos entre os sexos em São Luiz do Paraitinga no período de 2008 a 2013.

Fonte: a autora, com base nos dados fornecidos pela Secretaria de Saúde do município de São Luiz do Paraitinga.

O segundo aspecto analisado é o número de atendimentos no PSF, no período de 2008 a 2012⁴⁵. No ano de 2008, foram registradas 9892 consultas; em 2009, 9671 consultas; no ano de 2010, 8381; no ano de 2011, foram 8757 atendimentos e, por fim, no ano de 2012, foram 6580 atendimentos (gráfico 6). Ao longo dos anos o número de atendimentos diminuiu, em relação ao ano de 2008, porém no ano de 2011, o número de atendimentos aumentou em relação ao número registrado no ano de 2010.

⁴⁵ Vale ressaltar que os dados referentes ao ano de 2013 não estão nos gráficos, pois os por ventura esses valores não foram disponibilizados pela prefeitura, possivelmente, por algum erro de comunicação.

Gráfico 7 – Número total de atendimentos no PSF, por ano, no período de 2008 a 2012.
 Fonte: a autora, com base nos dados fornecidos pela Secretaria de Saúde do município de São Luiz do Paraitinga.

Em relação ao grupo dos idosos, estes representam 34% dos atendimentos registrados no PSF em relação às demais faixas etárias no período de 2008 a 2012 (gráfico 8 e 9). No referido período, o grupo entre 0 a 19 anos representou 12% dos atendimentos registrados, enquanto a faixa etária de 20-59 anos foi responsável por 54% dos atendimentos realizados no PSF.

Gráfico 8 – Representatividade de cada faixa etária nos atendimentos do PSF.
 Fonte: a autora, com base nos dados fornecidos pela Secretaria de Saúde do município de São Luiz do Paraitinga.

Gráfico 9 – Representatividade de atendimentos do PSF por faixa etária, por ano.
 Fonte: a autora, com base nos dados fornecidos pela Secretaria de Saúde do município de São Luiz do Paraitinga.

Já em relação às consultas entre psicólogos e psiquiatras na Secretaria de Saúde do município de São Luiz do Paraitinga, ao longo no período entre 2008 e 2013, foram feitos 10.682 atendimentos, sendo que 49,68% das consultas foram com psiquiatras.

De acordo com as faixas etárias, o grupo que está entre 20 e 59 anos teve maior número de atendimentos registrados pela Secretaria de Saúde do município, com 61% do total, seguido pelo grupo entre 0 a 19 anos que representou 19% dos atendimentos. Já o grupo dos idosos, representou somente 4% dos registros dos que receberam atendimento com psicólogos e psiquiatras (gráfico 10). E, dentro dessa representatividade, 88,81% dos idosos se consultaram com psiquiatras e 11,19% com psicólogos (gráfico 11).

Gráfico 10 – Representatividade de cada faixa etária no total de atendimentos
Fonte: a autora, com base nos dados fornecidos pela Secretaria de Saúde do município de São Luiz do Paraitinga.

Gráfico 11 – Proporção de atendimentos recebidos por faixa etária e especialidade
Fonte: a autora, com base nos dados fornecidos pela Secretaria de Saúde do município de São Luiz do Paraitinga.

O número de atendimentos por psicólogos registrados pela Secretaria de Saúde teve o ápice no ano de 2009 e o menor número de atendimento com psiquiatra no mesmo ano. No ano da enchente, houve um aumento do número de consultas com psiquiatra, em relação aos anos anteriores, porém nos anos de 2012 e 2013 houve uma diminuição do número de consultas com psicólogos (gráfico 12 e 13).

Gráfico 12 – Quantidade de atendimentos, por ano, para cada especialista.
 Fonte: a autora, com base nos dados fornecidos pela Secretaria de Saúde do município de São Luiz do Paraitinga.

Gráfico 13 – Quantidade de atendimentos por ano para cada especialista – por faixa etária.
 Fonte: a autora, com base nos dados fornecidos pela Secretaria de Saúde do município de São Luiz do Paraitinga.

Especificamente, o número de idosos teve maior representatividade nos atendimentos nos anos de 2008 e de 2010, com 7,3% e 6,8%, respectivamente, em relação ao número total de atendimentos (gráfico 14).

Gráfico 14 – Representatividade dos atendimentos aos idosos em relação ao total.

Fonte: a autora, com base nos dados fornecidos pela Secretaria de Saúde do município de São Luiz do Paraitinga.

O último elemento a ser analisado é a compra de remédios por ano, pelo município de São Luiz do Paraitinga, no período de 2010 a 2013. De modo geral, em 2013, houve um aumento da compra de medicamentos – número de pílulas – em relação aos anos anteriores.

Em relação ao número de ansiolíticos, podemos perceber que houve um aumento anual, na compra desses medicamentos. Em 2013, identificamos um aumento de 28,15% em relação ao ano de 2012 e um aumento de 80,32% em relação à compra de ansiolíticos no ano de 2010 (gráfico 15⁴⁶).

⁴⁶ Cabe esclarecer que a sigla CP, que está na legenda dos gráficos a seguir significa comprimidos.

Gráfico 15 – Evolução de consumo de ansiolíticos entre 2010 e 2013.
 Fonte: a autora, com base nos dados fornecidos pela Secretaria de Saúde do município de São Luiz do Paraitinga.

Em relação aos antidepressivos, o crescimento de 2012 para 2013 foi de 237,16% (gráfico 16). Após a constatação do aumento brusco na compra de antidepressivos, buscamos informações com o funcionário responsável pelas compras na Secretaria de Saúde, com intuito de compreender o motivo desse aumento. Foi informado que antes do ano de 2013 a prefeitura municipal já solicitava os medicamentos, mas que também eram fornecidos pelo Estado de São Paulo – especificamente pelo polo de Taubaté - porém a prefeitura municipal de São Luiz do Paraitinga não tinha controle da quantidade de remédios disponibilizados. Todavia, a partir de 2013, todos os medicamentos passaram a ser solicitados somente pela prefeitura - o que facilitou em relação ao controle e distribuição dos mesmos. Vale ressaltar também que houve troca de profissionais da rede municipal no ano de 2013, dentre eles o psiquiatra – o que pode ter influenciado no aumento de solicitação de determinados medicamentos.

Nos anos de 2010, 2011 e 2012, o número de pílulas ansiolíticas eram maiores do que o número total de remédios antidepressivos adquiridos. Já no ano de 2013, houve um aumento na compra dos dois tipos de remédios em relação aos

anos anteriores, porém, o número de pílulas de antidepressivos eram maiores do que as pílulas ansiolíticas – 176000 e 165000, respectivamente (gráfico 17).

Gráfico 16 – Evolução do consumo de antidepressivos entre os anos de 2010 a 2013.
Fonte: a autora, com base nos dados fornecidos pela Secretaria de Saúde do município de São Luiz do Paraitinga.

Gráfico 17 – Evolução do consumo de antidepressivos e ansiolíticos entre 2010 e 2013
Fonte: a autora, com base nos dados fornecidos pela Secretaria de Saúde do município de São Luiz do Paraitinga.

Antes do ano de 2013, o único medicamento antidepressivo comprado pela Secretaria de Saúde foi o amitriptilina. Seguindo a linha de tendência da amitriptilina, podemos observar que na passagem do ano de 2012 para 2013, houve um aumento de 14% na compra desse medicamento (gráfico 18).

Gráfico 18 – Evolução do consumo do ansiolítico amitriptilina entre 2010 e 2013.
Fonte: a autora, com base nos dados fornecidos pela Secretaria de Saúde do município de São Luiz do Paraitinga.

De modo geral, não podemos afirmar que os dados, anteriormente mencionados, indicam a relação entre tristeza e morte. Se o sentimento de tristeza descrito pela coletividade se constitui como um elemento essencial para decifrar a experiência dos idosos nos desastres, por mais que os dados, anteriormente analisados, não mostrem essa tendência, nos é fundamental perceber a existência de outras variáveis que só tem sentido no mundo vivido.

O sentimento coletivo de tristeza foi um elemento que apareceu constantemente nos relatos, que se manifestaram por meio da mudança das interações estabelecidas no território. Nesse sentido, o que o grupo identifica como essencial para classificar as agruras vivenciadas no cotidiano nos é fonte de conhecimento e é essencial para pensar o contexto de crise, no qual os desastres se configuram.

Porém, o que podemos afirmar, por meio da análise de cunho sociológico, é que os sentimentos permanecem na vivência dos idosos nos desastres e como

destaca um dos idosos “a pessoa fica com aquilo, né?” (Entrevistado B, Várzea dos Passarinhos).

O medo da vida rotineira, que segue ameaçada, com a possibilidade da ocorrência de um novo desastre:

enchente é só pra quem passa e sente, eu sinto. Eu vejo agora na televisão, e a gente já sentiu na pele, **e volta aquela realidade**, você tá dentro da casa, e a água vindo, como que vai volta, vem tudo de novo, rapidinho (Entrevistado B, Várzea dos Passarinhos, março de 2013. Grifo nosso).

foi muito feio, terrível, só pra quem passou. [...] **Tem dia que eu choro aqui, de medo de acontecer comigo aqui o que tá acontecendo lá.** Nosso fim vai ser acaba daquele jeito, quando rio enche eu já fico com medo, mas acho que não da mais, né? [...] todo ano que passa, vai chegando novembro, dezembro, a gente já vai ficando perturbada. Eu fico mesmo, perco o sono, a água já chegou no bequinho esse ano [...] Quando enche o rio, já fica aquele zumbido na minha cabeça, a turma já fica gritando na rua, porque ninguém dorme de medo e a gente também não dorme, fica todo mundo pra rua olhando o rio, não tem perigo, mas faz isso (Entrevistada J, Várzea dos Passarinhos, março de 2013).

muito sentimento, muita perda, sabe? Não sei explica o vazio. Também já perdi um casal de filho, eu não tenho sonho, um vazio, não sei o que te falar um negocio de cabeça que vira a gente, sozinha, sem os filho que são casados, tem que fica sozinha, a faz 3 anos que ele namora uma menina só, a primeira que surgiu, ele puxo o resto da família, foi criado desde novinho (Entrevistada O, Ver de Perto, março de 2013).

A idosa J ao relatar sobre o desastre da Região Serrana do Rio de Janeiro se emociona, pois ao ver as notícias na televisão, de certo modo, ela revive a experiência vivenciada por ela em São Luiz do Paraitinga.

As dimensões do mundo vivenciado, da vida cotidiana são decifradas quando esta se desorganiza. O cotidiano que passa despercebido com a reprodução do *habitus* se declara como fonte norteadora de múltiplas realidades sociais.

eu não queria nem olhar no espelho pra ver o que ia acontece comigo, de tanto sofrimento... (Entrevistada P, Centro, Março de 2013).

Olhar no espelho fez com que a idosa P, de certo modo, entrasse em contato consigo mesma, e com a vida cotidiana que se perturbou. As lembranças do

desastre vivenciado em São Luiz do Paraitinga se refletem também nos sonhos dos idosos:

sonhei muitas vezes, agora já não tenho sonhado mais. Eu sonho, uma vez por semana, as vezes seguida, que a enchente vem vindo, e eu to dentro dela, as vezes é agua suja, as vezes é agua preta... [...] Sonho, sonho, e eu tive um sonho antes da igreja, que eu sai daqui da capela encontrei com agua nesse pedaço de rua, depois aconteceu. [...] Eu sonho sempre, as vezes 2 ou 3 vezes por semana, a agua vem vindo e eu to nela, eu não posso entra na cidade que a ponte da cheia de agua. (Entrevistada P, Centro, Março de 2013).

eu não durmo de noite. Eu sonho que eu to caindo na água (...) que a água está me pegando na cama, que eu to caindo no meio da água” (Entrevistada J, Várzea dos Passarinhos, março de 2013).

Em relação à descrição dos sonhos dos afetados pela enchente em São Luiz do Paraitinga em 2010, os idosos tiveram certo receio em descrevê-los. O acesso a algo tão íntimo gerou um inicial desconforto quando indagado. Porém, percebemos que os idosos descreviam sonhos semelhantes com enchentes, sempre seguiam descritos com o sentimento de desespero com a água entrando na casa. Como se de algum modo revivessem a enchente de 2010 e isso expressasse o medo de perder tudo novamente.

Desse modo, o sonho consiste na expressão íntima do ser, porém “a gestação do conceito de sonho se determina pela mediação das experiências sociais concretas do vivido” (MARTINS, 2000, p. 69). Para Martins, a casa aparece no sonho

como cenário de uma vida rotineira ameaçada – pelos temores oriundos diretamente da vida cotidiana (a vida cotidiana como sociabilidade, tempo e realidade da ameaça e do medo); pelo estranhamento, o estranho e desconhecido com quem se convive lado a lado sem poder identifica-lo; pela suspeita, pela incerteza” (MARTINS, 2000, p. 81).

4.3. As especificidades do sofrimento social e das estratégias de enfrentamento do sujeito

Nesse momento vamos adentrar nas especificidades do sofrimento vivido pelo sujeito, por meio do relato da entrevistada Q, em vista de retratar o drama vivido na Vila São Vicente de Paulo - Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) em São Luiz do Paraitinga e da idosa D, que reside no bairro Várzea dos Passarinhos.

4.3.1. O caso da Vila São Vicente de Paulo

A Vila São Vicente de Paulo foi criada em 1938 por Idalício dos Santos – que faleceu logo após sua inauguração. Após a morte de Idalício, seus familiares auxiliaram nas atividades da vila, com atividades administrativas, entre outros. E em 1958, a vila foi ampliada e iniciaram a construção da capela São Vicente (CAMPOS, 2011) – vide figura 42 e 43.

Figura 42 - Vila São Vicente de Paulo.
Fonte: foto tirada por Juliana Sartori, março de 2013.

Figura 43 - Vila São Vicente de Paulo. Ao fundo se encontra a capela, que foi construída a partir do ano de 1958, com a ampliação da propriedade. Essa foto foi tirada antes da enchente de 2010.

Fonte: foto cedida pelos funcionários da ILPI, tirada por Jerry Rodrigues.

No final do ano de 2009, e início do ano de 2010, residiam em torno de 15 idosos na ILPI. Como já foi dito anteriormente, as pessoas não esperavam que a inundação tivesse tamanha magnitude e que afetaria tanta gente. Quando a água começou a entrar na instituição, os idosos foram levados para o Rotary Clube, que fica próximo da Vila São Vicente de Paulo. E os idosos, assim como os demais munícipes, tiveram que sair às pressas, sem poder levar nenhum de seus pertences.

Quando foram levados para o Rotary Clube (figura 44) não foi previsto que a enchente também chegaria neste local, então, os idosos foram realocados para a EMEF Professor Waldemar Rodrigues, escola municipal que se localiza entre os pontos mais altos da cidade – próxima ao hospital.

Os idosos permaneceram na escola do dia 1 de janeiro ao dia 3 de janeiro de 2010. Como a Vila São Vicente de Paulo foi severamente danificada com a enchente, os idosos foram transferidos para Taubaté, especificamente, para as Casas Pias de Taubaté, que é vinculada à Fundação José Carlos da Rocha. Eles ficaram nessa ILPI, enquanto a Vila São Vicente de Paulo era reconstruída, no período do dia 04 de janeiro de 2010 até o dia 22 de dezembro de 2010.

Figura 44 - primeiro local que os idosos foram realocados, após serem retirados da Vila São Vicente de Paulo.

Fonte: Tirada por Juliana Sartori, março de 2013.

De modo geral, os idosos que viviam na Vila São Vicente de Paulo sentiram mudança no tratamento e na configuração da instituição e ainda na cidade. O município de Taubaté/SP possui 278.686 habitantes, enquanto São Luiz do Paraitinga/SP tem 10.397 habitantes (IBGE, 2011). Isso corroborou com a mudança do habitus dos idosos que viviam na Vila São Vicente de Paulo. Em São Luiz do Paraitinga, por ser um município de menor porte, os idosos tinham mais liberdade para caminhar na rua, o que não acontecia em Taubaté por ser um município maior. E ainda as Casas Pias era uma instituição de maior porte, comparada à Vila São Vicente de Paulo – o que, de certo modo, influenciou no tratamento desses idosos.

O primeiro contato com a entrevistada Q foi em julho de 2012, intermediada por uma enfermeira da ILPI, que acompanhou os idosos durante os meses que eles viveram em Taubaté. A entrevista que segue é desse primeiro contato com a idosa, em que a enchente estava mais presente em sua memória.

Após uma conversa com a enfermeira responsável pelos idosos na Vila São Vicente de Paulo, trouxeram a idosa Q numa cadeira de rodas – ela estava toda arrumada, com cabelos longos trançados e uma flor de crochê presa no cabelo, que ela mesma fez.

J.: Como foi a vivência da senhora quando teve enchente aqui em São Luiz do Paraitinga?

E Q.: Aqui sempre teve enchente, mas sempre para na praça. Essa enchente grande que deu, todo mundo começou a falar... a enchente chegou no mercado, a enchente já passou o mercado, está subindo na rua de cima... daí quando era 6:00 horas o marido de uma funcionária daqui, avisou todo mundo. A enchente nunca chegou aqui em cima, mas está chegando, já está subindo... A enchente já está no velório e o velório é na esquina... Fica nessa direção... **Somos todos velhos, né? ninguém deu importância.** Daí quando foi 8: 00 horas um senhor chegou e ele disse 'gente vamos sair a água já entrou aqui e está numa altura que o doente não pode ir andando, tem que ser carregado, já está quase no segundo degrau da escadaria da entrada'.

J.: Não estava com água aqui dentro?

E Q.: Estava subindo, aqui chegou mais tarde, por que aqui é mais alto. A água estava subindo pelos ralos, aqui tem muito ralo comprido, daí foi aquela tristeza viu....o que que a gente ia fazer com as coisas? Eu nem lembrei de pegar dinheiro, eu perdi seiscentos e poucos reais, e toda minha roupa...não foi só eu todo mundo perdeu, né?

J.: O que a senhora levou com a senhora?

E. Q.: **A única coisa que eu levei comigo foi uma almofada, não sei por que... eu ganhei a almofada, não lembrei de pegar dinheiro (risos) devia ter pego uma cesta grande de alça, e posto as coisa s dentro, mas eu tenho muito medo de enchente.** Toda a vez que teve enchente nunca aconteceu nada, dessa vez eu levei um choque, né? Aí o rapaz falou fulano vem aqui ajudar a carregar a senhora vamos levar ela lá fora por ela numa cadeira lá e vamos buscar os outros, não dá mais pra ir com a cadeira, por que vai molhar toda a cadeira pois já esta na altura da cadeira, já pensou? Aí eles carregaram a gente, puseram lá na rua, levou todo mundo, morreu três pessoas na época da enchente. Muitos morreram de susto...ficaram assustados, eu também não morri não sei por que viu?

Mas teve três que morreram porque... Um tinha uma tartaruga que era de estimação dele e ele vivia brincando na grama com a tartaruga na grama e ele levou o susto e deixou a tartaruga pra trás e ela morreu afogada acharam ela morta com as pernas pra cima na grama que dó, não? Daí nós saímos e fomos pro Rottary que fica pra lá um pouco, mas lá já estava cheio de gente. Já tinham trazido gente. Todo mundo passou pra lá, e foi noite de lua cheia, por que aqui não choveu, falaram por aí que a chuva acabou com São Luiz, a chuva não acabou com São Luiz, foi a enchente que acabou. Na sexta feira cedo eu estava ouvindo o rádio e disse no rádio que em Cunha estourou 5 bombas d'água, e lá quando estoura 1 bomba d'água já entra no mercado. E cinco já pensou?

J.:Caiu de onde isso??

E.Q.: Do morro, desabou...Caíram 5 uma perto da outra. Antes não tinha esse muro, mas não sei como a enchente fez, por que entrou com o muro, todo lugar aqui tem uns ralos grandes e depois que passaram a gente pra lá nós passamos lá no Rottary, também tinha escadaria, nós ficamos lá sentados no colchão, sem poder dormir, tava cheio de gente. **O pior de tudo foram as crianças, as crianças que dava dó.** Daí eles chegam lá de novo às três horas da manhã, eles disseram – gente vamos sair daqui, pois a enchente chegou aqui, já está no segundo degrau da escadaria que sobe, já tinha um caminhão grande encostado, e já estava quase

cheio de gente né, aí o pessoal do caminhão foram pegando a gente, uns de um lado do muro, e outros do outro lado carregaram a gente e punha no caminhão, depois que passou todo mundo, então veio aquela noite de lua bonita, até a luz da lua batendo na água ...**Daí levou tudo pro caminhão e levou a gente pra uma escola pra cima do hospital, bem pra cima, levou a gente lá, daí nós ficamos lá até domingo. Sem ter roupa pra vestir, sem ter nada pra usar.** Ai coitada da D. Cecília que é a presidente daqui também, que já se foi...logo depois da enchente ela morreu. Não sei o que aconteceu com ela, mulher nova e linda. Tudo isso deu desgosto pra gente... Aí a dona Cecília fez café pra gente lá, fez uma macarronada domingo, ela fez café lá pra gente. **Daí o presidente trouxe um ônibus pequeno e levou a gente pra Casas Pias (Taubaté) eu morei nessa casa e lá eles deram roupa, por que tinha muita roupa, e todo mundo ficou lá, isso aconteceu dia 1 de janeiro e ficamos até dezembro (quase 1 ano) dezembro que acabaram a reforma, o lado de lá já tinha reformado, a gente já tinha mudado pra cá.**

J.: E como foi ficar lá um ano em Taubaté?

E.Q.: O que eu vou falar pra você? Foi triste, viu? Tinha muita gente lá, a gente ficou um pouco largado, foi um sofrimento, quase um ano de sofrimento. Não gosto nem de lembrar, viu? Daí a parte que estava reformada precisou pintar tudo de novo... A enchente subiu até no teto, precisou reformar o teto a parede, eles precisaram reformar tudo daí veio a Caixa Econômica, eles deram funcionário, e o SENAI deu a mão de obra. **Ai nesse tempo deu pra reformar tudo. Reformaram a igreja, abriram quatro partes da igreja, por que só tinha janelinha, daí eles abriram e puseram vidro ficou bonita a igreja, deram banco pra igreja, deram 22 bancos pra igreja deram tudo que precisava da igreja, pois acharam até toalha da igreja enganchada no portão, não dá nem pra gente acreditar.**

J.: O que a senhora achou que foi mais triste perder na cidade?

E.Q.: olha eu vou dizer a verdade, eu senti tudo, mas o que mais eu senti foi lembrança da minha mãe, uma caixinha da minha mãe, uma caixinha inoxidável que ela guardava moedinha. Perdi duas sombrinhas de estimação muitos anos que eu tinha, roupa nova que eu tinha mandado fazer, perdi tudo. Nós perdemos tudo, ninguém reclamou de nada, não adianta a gente reclamar, né?

J.: Mas a gente sente, né? [...] A senhora nasceu aqui em São Luiz?

E.Q.: Eu nasci aqui, nasci nesse bairro. Eu sai com 22 anos, trabalhei em Guará, em São Paulo, trabalhei até eu aposentar. Eu aposentei, fiquei 6 anos nas Casas Pias, depois eu vim pra cá. Também já fez 6 anos que eu estou aqui.

J.: A senhora ficou seis anos nas Casas Pias antes de vir pra cá?

E.Q.: Foi quando eu morava lá e agora com a enchente a gente foi de passagem, né? Mas estava tudo diferente.

J.: Melhor lá?

E.Q.: Quando eu morei lá era bom de morar, quando eu morei eu gostei. Aí eu queria vir embora pra cá, pra minha terra, e eu vim pra cá já tem seis anos, aí a gente foi pra lá só pra reforma. Daí eu ganhei tudo que eu precisava, eu ganhei televisão, muita roupa, tudo que eu precisava eu ganhei. Não foi só eu, todo mundo ganhou. E daí terminaram a reforma, e daí quando eu cheguei aqui eu estranhei tudo, por que aqui agora são três quartos, cada porta daquela é um quarto. É pequeno, né? Agora se Deus ajudar que a casa de São Vicente ganhe o terreno de volta daí eles vão reformar pra lá. Aliás vão construir pra lá.

J.: Aqui era maior antes?

E.Q.: Era então, daquele muro atrás da igreja tudo é daqui e agora diminuiu. Acabou com as Casas Pias, vendeu tudo. E agora o Asilo novo que estão não cabia todas as pessoas, não cabia muitas pessoas lá nas Casas Pias, aí teve que pôr duas pessoas em cada asilo, veio duas mulheres pra cá. Foi gente pra Natividade da Serra, pra Pinda, foi pro Tremembé, pra Guará pra poder desocupar lá... Tá tudo acabado tudo, lá era gostoso que tinha pomar, bastante fruta lá em Taubaté. Aqui o terreno estava vazio...eles iam aumentar. Se Deus ajudar que o asilo ganhe de volta, eles vão tirar o muro de novo, eu gostaria que fosse antes da Prefeita sair, ela disse que se normalizasse tudo, voltasse o terreno pro asilo. Ela construir lá, ela ia pegar o asilo passar pra prefeitura e construir tudo pra lá, a lavanderia, ela disse que ia fazer pra lá.

J.: Quando teve a enchente, o que foi mais difícil pra senhora?

E.Q.: **O pior foi o aborrecimento tão grande, não sei como a gente não morreu. Três pessoas que foi pra Taubaté daqui morreu, por causa da mudança. O rapaz que tinha a tartaruga ficou doente, ele não comia, não comia, levou alguns dias ele morreu. Depois o outro sempre vinha falar assim pra mim, ele conversava muito comigo. Ele era o pai do Jorge que está aí, morava o pai e o filho, ele falava pra mim... ‘quando que a gente vai embora pra São Luiz’, eu respondia ‘não sei’, ele disse ‘pode ser amanhã, ou depois e nunca que esse dia chega, pra gente ir embora porque tem que terminar a reforma’. Ele ficou doente, levaram para o hospital, chegou lá ele morreu. O terceiro andava num andador, na sexta feira, eu sentei na mesa pra almoçar e ele almoçou junto, ele almoçou, tudo. Ele saiu, depois eu não vi mais ele. Não vi ele na sexta feira, não vi ele no sábado, nem no domingo. Daí eu falei pro presidente lá cadê o seu Z? Ele respondeu, seu Z está no fundo da terra, embaixo da terra, eu perguntei , o que aconteceu com ele? Ele se sentiu mal aqui, chegou no hospital ele morreu. De lá ele foi pra São Luiz, pensou que coisa?**

J.: O que a senhora acha que mais entristeceu as pessoas?

E.Q.: **Eu acho que tudo né... tudo o que perdeu, a mudança, tudo de repente, chega lá é outro modo e de tratar, comida tudo...eu tava brincando com a enfermeira daqui, ela disse ‘pra você ver como as pessoas lá são muito largadas’. Lá as enfermeiras não brincam com o doente, só fala o que é preciso, aqui eles brincam com as pessoas aqui eles tratam com carinho.**

J.: E lá o que mudou na rotina?

E.Q.: **Mudou tudo... Lá eles não cuidavam da gente como cuidam aqui. Foi uma coisa bem triste, viu? Lá é muito grande tudo era muito longe da enfermaria. Era muito grande, lá não tinha nada de bom. O que eu posso dizer que teve de bom é que saímos da enchente. Já pensou se a gente não sai... Se o salva-vidas não está por aí, e depois pra atravessar o rio? Então, que coisa horrível!**

J.: Estava muito forte a correnteza?

E.Q.: **Nossa Senhora pra atravessar. Aí, atravessar naquele mundo d’água, vinha galho de mato, eu até achei engraçado por que a gente triste, chateado, passou um pé cheio de flor e aí o salva-vidas começa a brincar, as flores estão nadando aí, gostando da enchente, se vê até planta a enchente tirou... Não sei se era de alguma casa, ou se a enchente chegou em algum lugar que tinha mato...sei dizer que desceu um pé de planta cheio de flor...A água correndo a água parecia leite de tanta espuma a força da água.**

J.: Vocês estavam todos em um bote? Era grande?

E.Q.: **Cabia 04 pessoas, vinha gente das casas pra pegar as pessoas, que era pra levar pra Taubaté, vinha de carro, dava a volta por cima, no alto no cruzeiro, pra descer em outra rua até embaixo até o bote. Daí o bote encostava e a gente entrava nele, eles vinham buscar criação, cachorro, daí eu perguntei pra um rapaz que trabalhava nas Casas Pias ‘onde que a gente vai indo, por que ele atravessou a gente’. Aí ele falou, vocês estão indo pras Casas Pias, nós viemos buscar vocês. O ônibus foi lotado de gente.**

J.: **Nesse tempo enquanto reformava a senhora não veio mais pra cá em São Luiz?**

E.Q.: De que jeito? Eu na cadeira de rodas...**Quando a enfermeira daqui que ia ficar de plantão lá, ela contava tudo o que estava acontecendo aqui. Nós viemos pra cá dia 22 de dezembro.** Em fevereiro a presidente morreu... Ela era nova, bem mais nova que eu. Foi de repente. **Desde a enchente morreram seis.**

J.: **O restante das pessoas continua morando aqui?**

E.Q.: Continua.

O relato da senhora Q em julho de 2012, que reside atualmente na ILPI e que estava na instituição durante a enchente relatou que os idosos só foram retirados quando a água já estava entrando no local. Logo no começo da entrevista ressaltou “somos todos velhos, né? Ninguém deu importância” (Entrevistada Q, Vila São Vicente de Paulo, julho de 2012). Podemos perceber nessa fala, que a idosa incorpora a visão cultural da velhice como algo que deva ser oprimido, despojado e banido (CHAUÍ, 1979).

Sem ter tempo de escolher o que levar embora, a idosa Q, sem saber por que, escolheu levar uma almofada que ganhou de presente, esquecendo-se de pegar o dinheiro (por volta de seiscentos reais) que ela tinha guardado. E ainda esqueceu-se de levar consigo um presente (porta-moedas) que ganhou da sua mãe e que mantinha guardado em seu quarto.

O fato dos idosos terem ficado quase um ano em Taubaté intensificou o processo de morte social e de abandono na vivência do desastre. Nesse sentido, houve uma extensão do desastre na vida desses idosos, que tiveram um rompimento brusco do *habitus*, e ainda tiveram que lidar com o fato de não poderem voltar para São Luiz do Paraitinga. Esse momento foi de grande ansiedade e sofrimento para os idosos.

A mudança do *habitus* no modo de proceder aos cuidados diários na instituição, a quantidade de pessoas que residiam lá também interferiam no estilo de tratamento que os idosos recebiam na ILPI Casas Pias. Na Vila São Vicente de Paulo, por ser uma instituição menor, os idosos tinham uma relação de maior

proximidade com os funcionários que trabalhavam lá. Uma das enfermeiras acompanhou os idosos na ILPI Casas Pias, disse que não podia fazer muito por eles, porque tinha que seguir as regras da outra instituição. Eles ficaram separados, em quartos diferentes e, muitas vezes, em setores diferentes, dificultando assim a convivência diária.

A enfermeira relatou que os idosos de São Luiz do Paraitinga só tomavam banho depois que todos os idosos tivessem tomado, e ainda só podiam trocar as fraldas uma vez por dia, o que não era de costume no tratamento desses idosos na Vila São Vicente de Paulo.

Desse modo, a transferência dos idosos para ILPI Casas Pias intensificou o desastre na vida da idosa Q, visto que a perda de seus pertences e de todo patrimônio histórico e cultural somados à mudança de cidade e do habitus geraram sofrimento do grupo. o sofrimento relacionado ao desastre, pois

Outro aspecto importante ressaltado pela idosa, que voltou diversas vezes em seu relato, foi a morte de seus companheiros, que viviam na Vila São Vicente de Paulo. Ela retratou a tristeza dos idosos após a enchente, e colocou o termo que eles morreram de susto, de tristeza. Esse sentimento de tristeza que aparece recorrentemente nos relatos dos idosos permanece nebuloso, já que se refere a algo tão íntimo, mesmo que seja um sentimento coletivo.

Dentre os idosos que viviam na Vila São Vicente de Paulo no momento da enchente, 46,6% já faleceram. Sendo que três idosos faleceram no ano de 2010, quando estavam na ILPI Casas Pias, um idoso morreu no ano de 2011 e três idosos faleceram ao longo do ano de 2013.

Dentre os 15 idosos que viviam na Vila São Vicente de Paulo em 2010, 86,6% tomam ou tomavam antidepressivos – considerando que parte desses idosos já faleceu.

A idosa Q destaca a estória de um idoso, que também residia na Vila e que tinha uma tartaruga de estimação, que no momento da inundação, acabou se perdendo dele. O vínculo desse idoso com o animal intensificou ainda mais o sofrimento que ele já sentia devido à grande perturbação que enchente proporcionou na reprodução de sua vida social. Essa estória é bem conhecida por todos os munícipes e todos se sentiram muito tocados com a situação desse senhor. O valor

sentimental que ele tinha pelo seu animal superou, de certo modo, sua sobrevivência.

A idosa Q, não se referiu a nenhum aspecto específico relacionado ao tratamento que recebia nas Casas Pias, pois detalhar muito significava retornar ao sofrimento vivido.

O silêncio e a voz que sai engasgada mostram, como Pollak (1989) pontua, que ao silenciar percebemos a tentativa de esquecer todo o sofrimento que engloba a tragédia. E, falar sobre o desastre, de alguma forma, a faz reviver intensamente o desastre social.

Sempre que era indagada sobre aspectos específicos, seja no momento da enchente ou sobre a experiência nas Casas Pias, a idosa sempre retratava a experiência como “foi uma coisa bem triste, viu?” ou simplesmente destacando que sofreu.

Em outra entrevista realizada em março de 2013, a idosa evitou falar do sofrimento em relação à enchente, diferente da entrevista de 2012 que, apesar de não adentrar em alguns aspectos do seu sofrimento, ela conseguiu expressar a experiência vivida em 2010. Então, na segunda entrevista, a idosa mudou bastante a forma de se referir ao desastre, sendo mais sucinta, não aprofundando no drama vivido.

A memória sofre flutuações, sendo um fenômeno construído (POLLAK, 1992). Essas flutuações se constituem no momento em que memória é articulada e expressa. As preocupações do momento influenciam no processo de lembrar, já que a memória parte do presente e consiste na constante representação do passado (POLLAK, 1992; BOSI, 2003).

Do mesmo modo, a memória da idosa Q sofreu flutuações ao longo do tempo e a forma que representa o passado está em constante reelaboração. Na primeira entrevista ela forneceu mais detalhes em relação ao passado, e por meio da voz engasgada, dos olhares e dos gestos, percebemos que o processo de lembrar o passado, trazia de alguma forma, os sentimentos do vividos no passado. Por fim, vale ressaltar querelembrar significa reviver a enchente e adentrar novamente no sofrimento partilhado social e individualmente.

4.3.2. “Eu não tenho muita coisa pra perder”: injustiça social e estratégias de resistência

A entrevista realizada com a senhora D foi realizada em março de 2013, no início de uma tarde ensolarada, no bairro Várzea dos Passarinhos. Apesar de ser um local inserido na zona urbana do município, o contato próximo com o rio Paraitinga faz com que as práticas cotidianas se aproximem ao modo de vida rural. A idosa D estava caminhando em direção à sua casa com diversos pedaços de lenha em seus braços. Ela aceitou conceder a entrevista, porém, inicialmente, parecia um pouco receosa. Sentamos numa mureta, na parte da frente da casa e começamos a conversar.

Ela tinha um olhar distante e que parecia carregar muito sofrimento em sua história de vida. A entrevista foi rápida, mas carrega elementos essenciais para pensar a questão da resistência como incorporação da injustiça social, que foi mencionado no início deste capítulo.

Logo no começo da entrevista, já estávamos dentro de sua casa, pois ela queria mostrar o nível que a água chegou. Sua casa era muito simples, ela possuía alguns animais ao fundo, e uma horta grande, que ficava em contato direto com o rio Paraitinga. Na parte do quintal, tinha um fogão à lenha, que ela cozinhava todos os dias. Já no interior da casa tinham poucos móveis, a parede, ainda carregava os resquícios da enchente e na sala tinha uma mesa que servia de altar para os seus santos, e tinha uma imagem do Divino na parede.

Nesse momento, vamos adentrar nas estratégias de resistência vivenciadas pela idosa D:

J.: Eu queria saber como foi quando teve a enchente aqui, a senhora estava aqui na casa?

E.D.: Estava, ela chego era 2 horas da madrugada...

J.: Do dia 1 pro dia 2, né?

E.D.: É, dai chego e foi enchendo...

J.: A senhora estava sozinha aqui?

E.D.: Não, estava eu o Zé e mais um sobrinho meu, mas estava a afilhada da minha neta. Dai tava aqui, e saímos, pegamos tudo que pudemos e saímos, porque depois não deu tempo mais, quando começo a vira a gente já tava aqui...

J.: E vocês já estavam acostumados com as enchentes aqui, né?

E.D.: Mas aqui nunca chego. Nunca chego nem no pé da entrada da cozinha...Vem aqui pra você dar uma olhada aqui.

J.: Passou aqui?

E.D.: Passou aqui e foi embora, passou e pegou tudo...

J.: Aqui não tem mais ninguém morando, aqui do lado?

E.D.: Aqui tem, mas não tá aqui.... ela chego até ali...

J.: Dá licença. Nunca tinha chegado ate ali?

E.D.: Não, ela chego uma vez ate aqui pra cima, mas dai não foi enchente de água, foi aquele rio que esgotaram lá, que encheu de baixo pra cima. Dai a tábua que tinha lá no deposito do João subiu tudo aqui, encheu de lá pra cá (risos).

J.: Ai subiu tudo aqui assim?

E.D.: Subiu. Agora a outra não. A outra subiu pra cima ali da casa do vizinho lá...

J.: Dai a senhora estava dormindo e acordou com a água dentro de casa?

E.D.: Dai quando eu acordei eu já estava assustada com a água. Tava ali assim, dai nós fomos dormir e já voltou. Ai eu levantei lá pelas 3 horas da madrugada ela já tava aqui, dai quando fui ali pra ver já tava ali. **Daí eu levantei eu fui tira as coisas que estavam no quartinho, antes de eu tirar, o colchão que tava guardado lá na caixinha quando eu entrei lá tinha água até aqui quando eu sai foi enchendo, enchendo, enchendo e às 6 horas tava aqui no relógio dentro de casa, mais alto... tava ali...(risos).**

J.: E não deu tempo de tirar nada então?

E.D.: Nada, perdeu tudo, a roupa que eu tinha eu estendi no varal mais sumiu tudo, pego tudo (risos).

J.: Então a senhora saiu com a roupa do corpo, a senhora levo alguma coisa?

E.D.: Só a roupa do corpo...

J.: A senhora não pegou nada, uma coisa que a senhora lembro e pegou?

E.D.: Não, nada só o que eu lembrei de tirar da enchente foi a imagem do Divino que eu tenho ali na sala, mas o resto eu perdi tudo. E o Zé pegou um pouco de roupa dele e tiro tudo, ele a mulher tiraram, vasilha também tiraram um pouco, mas o resto perdeu tudo.

J.: E pra limpa depois foi difícil, né?

E.D.: Foi...Deu trabalho pra limpar.

J.: Ficou quanto assim de barro?

E.D.: Ficou dessa altura aqui assim, mais ou menos. Ai foi lavando...

J.: Demorou quanto tempo ate a senhora lava tudo?

E.D.: Foi uma semana pra lava tudo.

J.: E o que a senhora perdeu, o que a senhora sentiu mais?

E.D.: Eu senti perde a roupa, essas coisas assim, alguma coberta véia... perdeu tudo (risos).

J.: E pra reconstruir, a senhora teve ajuda? Como que foi?

E.D.: Não teve ajuda nenhuma. Algumas coisas de casa deram alguma coisa, mas pro resto não, eu não comprei nada aqui agora, não comprei guarda roupa, não comprei nada, tá tudo pendurado no varal, peguei o varal e pendurei tudo nele.

J.: Mas roupa a senhora ganhou?

E.D.: Roupa eu ganhei um pouco, mas roupa eu peguei e lavei...Olha essa roupa aqui.

J.: Saiu tudo...

E.D.: Saiu tudo, você lava bem lavadinho e sai tudo e fica bom...

J.: Mas deve ter dado trabalho...

E.D.: É que eu também não aceito muito roupa que vem de fora, sabe? Eu não gosto de calça comprida. Já fui catando as coisas de manga, mais ajeitada, daí vai ficando só dos outros..

J.: O que a senhora sentiu mais falta, roupa?

E.D.: É.

J.: Foto a senhora perdeu?

E.D.: E armário que caiu tudo, derreteu tudo, ficou 3 dias enchendo, daí já não é muito bom e caiu tudo...

J.: Quando a senhora saiu daqui a senhora foi pra onde?

E.D.: Eu fui na casa da Maria lá na ponte, ali... Naquela entrada que tem ali. Fiquei quase cinco meses lá...

J.: Você ficou na casa dela?

E.D.: Numa casinha que ela tinha...

J.: O pessoal do rafting que pego a senhora aqui? De bote veio busca a senhora? Como que foi?

E.D.: Não, a gente saiu tudo, saiu nós aqui, outro ali, saiu tudo...

J.: E a senhora achou que que ia chega onde chegou a água?

E.D.: Na hora não achava, mas depois começou a encher, porque daí quando enche, daí foi subindo e subiu....

J.: Daí a senhora ficou 5 meses na casa da Maria?

E.D.: Isso..

J.: Daí quando a senhora voltou pra cá a senhora veio arrumando as coisas, voltando aos poucos? Como que foi?

E.D.: É, daí foi arrumando a casa de novo.... Daí voltamos e fomos arrumando de pouco em pouco.

J.: Não é fácil não, ne?

E.D.: É...

J.: E os animaizinhos, como é que foi? A senhora tinha animais na época?

E.D.: Tinha, só galo que tinha e galinha. A gente pegou tudo eles. Daí não dava pra tirar mais, eu fui tenta tirar, mas a água já tava pra cima, e eu tava ali e já não deu mais.

J.: Veio o pessoal de defesa civil ver se sua casa tinha algum problema?

E.D.: Não veio nada.

J.: Esse ano quando deu enchente em janeiro não chegou até aqui?

E.D.: Não chegou não, não chegou nem perto da porta, chegou pra lá um pouquinho só... Ela nem passou aqui.

J.: A gente quer saber mais como foi essa enchente, o que as pessoas sentiram com a enchente.

E.D.: O pessoal sentiu muito, mas eu não esquentei muito com essas coisas. Mas a turma aí sentiu bastante... O pessoal que tem mais sentiu mais, sabe como é que é? O que tinha mais valor na casa perdeu mais, daí sentiu mais. A vizinha com as coisara que ela tinha dentro de casa sentiu mais. A enchente levou tudo, o que a enchente não levo, fico lá pra cima. Agora eu já não senti muito porque eu não tenho muita coisa pra perder, sabe como é que é? Eu já não tinha muita coisa pra sentir falta.

J.: Santo a senhora chegou a perder?

E.D.: Eu não perdi nada, fico tudo no meio e não perdi nenhum...

J.: Nenhum?

E.D.: Esse santo que estão aqui, eles ficaram na água três dias, molhou tudo, mas não perdi...

J.: Mas não perdeu?

E.D.: Não...

J.: Não sujou?

E.D.: Não. Ele tava dentro de um lencinho dentro da água, e depois não molhou, daí quando eu mexi com ele de novo e tirei ele de lá.**J.: E desses santos, todos a senhora já tinha antes da enchente?**

E.D.: Tinha... aquele mais miúdo tava dentro do armário, mas aquela santa tava dentro da casinha, perto da parede, e lá tinha 8 santos, mas fico tudo... mas daí eu arranquei tudo e mandei lavar, por tinta pra S. Miguel, S. Pedro...

J.: E esse santo estava guardado?

E.D.: É, esse, e esse aqui.

J.: A senhora encontrou todos?

E.D.: Tudo.

J.: Nossa, a senhora encontrou todos os santos. Eu to impressionada, muitas pessoas encontraram os santos, mas não todos. Na igreja também encontraram.

E.D.: Acharam mesmo, né?

J.: E em relação às perdas na cidade? O que a senhora sentiu mais?

E.D.: **Eu não sofri quase não.** A gente ficou na escola umas duas noites e depois foi pra lá.

J.: A senhora ficou na escola?

E.D.: É. Naquela escola que fica ali na entrada.

J.: E em relação à queda da Igreja?

E.D.: **Mas você sabe que aquilo foi pra não matar a turma? Tava tudo trincando. Ela estava rachada de cima a baixo.**

J.: É verdade. Muita gente comentou que a igreja tinha rachaduras.

E.D.: Tinha mesmo.

J.: Está certo, muito obrigada!

Apesar da idosa D morar em frente ao rio Paraitinga, no ano de 2010 foi a primeira vez que entrou água em sua casa. Essa enchente cobriu completamente sua casa. O relato da idosa D foi breve. Ela riu várias vezes ao descrever o momento da enchente e ao dizer que perdeu todos os seus pertences e sua criação. Ela conseguiu reaproveitar algumas roupas que tinha – que ela lavou e colocou novamente em uso.

De acordo com seu relato, ela permaneceu desalojada por cinco meses na casa de uma conhecida dela. Entretanto, somente no final da entrevista ela destacou que ficou três dias como desabrigada numa escola municipal, no centro da cidade. Durante a entrevista, esta idosa não forneceu muitos detalhes de sua experiência, mas ao destacar que ficou desabrigada na escola municipal por três dias, ela respondia de forma mais direta, sem fornecer muitos detalhes da vivência no

período da crise aguda. E ainda não parecia dar abertura para dar continuidade com as perguntas, pelos gestos mais tímidos e tentando desviar do assunto.

Um fato relevante que a idosa D destacou é que ela não substituiu o armário que ela tinha antes da enchente e, atualmente, ela deixa suas roupas penduradas no varal. Entretanto, com os santos ela teve a preocupação de mandar lava-los e restaurá-los.

Nesse capítulo mencionamos sobre a importância para os luizenses em reencontrar os santos após a enchente de 2010. No caso da idosa D, que morava numa casa muito pobre, que não tinha nenhum móvel, ao priorizar a restauração de seus santos e coloca-los novamente em seu altar consistiu no modo de reconstrução do seu mundo simbólico (figura 45). Com a enchente, por menor que fosse a quantidade de bens materiais que ela tivesse (como ela mesma mencionou), seu mundo material ruiu com a enchente, sua reconstrução ocorreu no mundo simbólico, com a restauração dos Santos.

Figura 45- Altar na casa da Idosa D com os Santos que foram recuperados e restaurados após a enchente.

Fonte: tirada por Juliana Sartori, em março de 2013.

A experiência da idosa D na vivência do desastre carrega em sua memória, aspectos que se cruzam com a memória coletiva e, ao mesmo tempo, ela possui uma forma peculiar de vivenciar essa crise, de acordo com os detalhes de sua experiência, que é única.

O que podemos destacar, que corrobora com a memória coletiva dos idosos que viviam nos bairros mais pobres do município, foi a negação do sofrimento em relação a essa experiência desaglutinadora. A negação do sofrimento consiste na

incorporação das injustiças sociais que se expressa nos detalhes, na forma da fala, no olhar e na postura dessa idosa que vivenciou a enchente em 2010.

Para analisarmos a incorporação da injustiça social, nos debruçaremos na obra de Cristophe Dejours (2006), intitulada “A Banalização da Injustiça Social”. Este livro parte com a seguinte questão: “porque uns consentem em padecer sofrimento, enquanto outros consentem em infligir sofrimento aos primeiros?” (DEJOURS, 2006, p. 17). E destaca o progressivo processo de dessocialização gera sofrimento ao indivíduo.

A tolerância crescente em relação ao sofrimento e injustiça social relacionada às experiências dos idosos que vivenciaram a inundaço em 2010 fez com que estes criassem mecanismos coletivos de defesa para gerenci-lo.

Dentre as estratgias que os indivduos criam na incorporao do medo e da injustia social, Dejours (2006) considera como uma estratgia fundamental a “proibio de verbalizar o medo, a obrigao de exibir seus antnimos: coragem, resistncia dor, fora fsica, invulnerabilidade, irredutivelmente articulado a um sistema de valores centrado na virilidade” (DEJOURS, 2006, p. 104). Essas estratgias se destacam no relato da senhora D:

eu no esquentei muito com isso, mas a turma ai sentiu bastante... O pessoal que tem mais sentiu mais, Sabe como que ? Quem tinha mais valor na casa, perdeu mais, da sentiu mais. A vizinha com as coisara da que ela tinha, sentiu mais. A enchente levou tudo, o que a enchente no levou, ficou l pra cima. Agora eu j no senti muito porque **eu no tenho muita coisa pra perder**, sabe como que ? Eu j no tinha muita coisa pra senti falta (Entrevistada D, Vrzea dos Passarinhos, maro de 2013. Grifo nosso).

Quando a idosa D destacou que no tinha muita coisa pra perder, ela fez uma pausa e foram segundos perturbadores que deflagraram a incorporao das injustias sociais. A idosa se referiu s perdas materiais, j que sua casa era muito humilde e no tinha muitos pertences de valor, mas os significados em torno dessas perdas ultrapassam a questo material.

O desastre social se reflete no que Santos (1996) chama de cidadanias mutiladas. Para Santos, ser cidado “ ser um indivduo dotado de direitos que lhe permitem no s defrontar o Estado, mas afrontar o Estado” (SANTOS, 1996, p. 133). O autor pontua que numa sociedade em que alguns possuem privilgios, outros no podem ter direitos. A nossa cidadania segue mutilada nas condioes de

trabalho, de moradia, de saúde, educação, entre outros. E cabe ao indivíduo, gerenciar o sofrimento no qual se encontra.

Após quatro anos da ocorrência da enchente, as pessoas negam o sofrimento em torno dessa vivência e tratam as consequências sociais do desastre como mais uma perda na vida cotidiana. Nesse sentido, o desastre se torna mais um aspecto da injustiça social - como a pobreza, as desigualdades sociais, entre outros. Assim, o desastre nada mais é do que mais uma perda na vida desses idosos, que vivenciam diariamente as agruras de um desastre social (SIENA, 2009).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa pretendeu-se analisar a memória social de idosos acerca do *desastre vivenciado* no município de São Luiz do Paraitinga/SP, em janeiro de 2010. O termo de análise *desastre vivenciado* se apartou na categoria *história vivenciada* (MARTINS, 1992, 2000) que se reproduz e se insere no cotidiano.

O desastre é um evento que deve ser compreendido a partir de seu caráter multidimensional. O desastre vivenciado pelos idosos se caracterizou por meio da resistência, quais sejam a partir das manifestações culturais, por meio das festas religiosas e pagãs e ainda a partir da incorporação das injustiças sociais, através que se reflete nas perdas diárias, nos direitos não garantidos. Essas resistências foram elencadas por meio da análise da *poesia da existência* e da *narrativa da existência*, que se constituem como elementos complementares na vida cotidiana (BOSI, 2002).

De modo geral, os luizenses encontraram como fonte de resistência a manutenção da cultura local, que transita tanto na reconstrução do patrimônio histórico, quanto na reprodução do modo de vida caipira – que percorrem as lendas antigas, os rituais religiosos e os rituais pagãos. Nesse sentido, a memória social dos munícipes constituiu como uma forma de resistência para manter e perpetuar a tradição do grupo social, pois ao tentar perpetuar os valores e as tradições era como se minimizasse as consequências do desastre na vida cotidiana.

Outra forma de resistência analisada por meio dos relatos foi à incorporação da injustiça social. Injustiça esta, que se reflete nas perdas diárias, nos direitos não garantidos, nas cidadanias que seguem mutiladas (SANTOS, 2007).

A reconstrução da vida dos idosos luizenses, que vivenciaram o desastre no ano de 2010, se constitui como um processo social. Suas lembranças seguem marcadas pela perturbação brusca que o desastre causou em suas vidas. Sendo assim, o desastre não termina para esse grupo, pois as representações em torno desse acontecimento trágico são, constantemente, reelaboradas.

O desastre possui diversas facetas e relacionam processos sociais, históricos, que estão territorialmente circunscritos (LAVELL, 1993). Os objetos históricos são fundamentais no processo de rememoração e construção da cultura material (MENESES, 1998). Nesse sentido, os objetos históricos nos remetem às

experiências do passado, experiências estas, que não podem mais ser reproduzidas devido aos desdobramentos do desastre ocorrido em São Luiz do Paraitinga.

A forma com que os idosos vivenciaram o desastre é construída individual e coletivamente. E é nessa constante representação do passado que a memória se configura (BOSI, 1979, 2003). Desse modo, as lembranças em torno do desastre vivenciado em São Luiz do Paraitinga em 2010 são constantemente ressignificados.

A forma como o idoso relata os acontecimentos em torno do desastre expressa em parte a sua experiência pessoal e, em outro, a sua experiência que é coletiva. E isso auxilia a amarrar essas representações do passado com a forma como presentemente a comunidade se organiza para restaurar as rotinas da vida comunitária.

O vivenciamento de um desastre implica em uma experiência de alta densidade emocional, social e simbólica para uma comunidade, de tal modo que as lembranças em torno dessa experiência tendem a ser duradora para os sujeitos que as experimentam. Embora que os sentidos que lhe é atribuído possam modificar com o passar do tempo.

Por fim, a memória consiste em uma ferramenta metodológica que tem o intuito de identificar as transformações ocorridas no espaço vivido, na história local, nas instituições e no imaginário social ao longo das gerações.

Como esquecer o desastre vivenciado no dia 01 de janeiro de 2010 no município de São Luiz do Paraitinga? Será que um dia será possível que essas experiências se esgotem no pensamento desses idosos – que se nutrem de suas lembranças?

O esquecimento pode vir do ente público, ou de alguém que se comoveu com a notícia na televisão, mas quem vivenciou essa perturbação e essa crise no seu mundo social não conseguem esquecer. As lembranças do desastre estão no cheiro da lama que impregnou nas casas, na sujeira que ainda persiste no canto da parede; ou ainda pelos pertences que desapareceram; ou pelas fotografias que eram fonte da memória familiar. Desse modo, os medos e anseios ressurgem ao relembrar aspectos essenciais de um modo de vida que não pode mais ser reproduzido.

O que os idosos partilharam foi um pouco de suas vidas, suas experiências e suas histórias. A memória se torna mais viva, enquanto o corpo se desagrega (BOSI, 1979).

As dimensões que foram elencadas nessa pesquisa, por meio dos relatos dos idosos, trouxeram peculiaridades do mundo vivido. Porém, esses relatos estão inseridos num espaço/tempo que influenciam, constantemente, suas visões sobre o passado.

Nesse sentido, o mundo social se encontra em movimento e novas questões em torno da sociabilidade dos idosos em São Luiz do Paraitinga surgem, constantemente. Podemos destacar que com a reinauguração da Igreja Matriz, a sociabilidade em torno desse espaço de práticas religiosas está sendo refeita. Cumpre, contudo, compreender de que forma essas práticas rituais religiosas serão retomadas: será que replicarão de maneira rigorosa os mesmos costumes de outrora ou esses rituais serão, em parte, reinventados? Essa é uma questão que fica para estudos futuros.

RECOMENDAÇÕES:

Os aspectos psicossociais precisam ter maior visibilidade no contexto de desastre pelo ente público, visto que a reconstrução no plano material não garante a reconstrução em nível simbólico.

Os aspectos relacionados aos sentimentos e experiências que, permaneceram silenciados nos relatos, deveriam ser estudados em maior profundidade, no intuito de pensar as consequências sociais dos desastres em longo prazo na vida dos idosos afetados, e dos munícipes, de modo geral.

O subsídio de políticas públicas tem que considerar a diversidade cultural inscrita nos diversos grupos afetados. Sendo assim, vale dizer que a reconstrução acontece no lugar (ZHOURI; OLIVEIRA, 2010).

Os estudos sobre idosos no contexto de desastre devem ser implementados, visto que suas formas de enfrentamento são fontes essenciais para pensar as políticas nesse tema.

Por fim, é necessário capacitar os gestores para gerenciar o contexto de crise, que caracteriza o desastre, de forma integrada. Pois sabemos que, o sofrimento em torno das perdas e danos, no mundo público e privado, não seria vivenciado se as medidas protetivas, por meio da prevenção e preparação, fossem tomadas corretamente.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H. Vulnerabilidade ambiental, processos e relações. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRODUTORES E USUÁRIOS DE INFORMAÇÕES SOCIAIS, ECONÔMICAS E TERRITORIAIS, 2., 2006, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: [s.n.], 2006. Disponível em: <<http://www.fase.org.br/projetos/clientes/noar/noar/UserFiles/17/File/VulnerabilidadeAmbProcRelAcsehrad.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2011.

ADGER, N. W. Vulnerability. **Global Environmental Change**, v. 16, n. 3, p. 268-281, 2006.

AGAMBEN, G. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

ALMEIDA, R. de C. **Memórias do rio do Monjolinho: o processo de urbanização e os impactos sobre os recursos hídricos**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2001.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1974.

BOSI, A. Narrativa e resistência. In: BOSI, A. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. P. 118-135.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

_____. A pesquisa em memória social. **Psicologia USP**, v.4, n.1/2, p.277-286, 1993.

_____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. 12ª ed. Editora Bertrand Brasil, 2009.

BRASIL. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, ano 134, n. 3, 5 jan. 1994. Seção I, p. 1. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=05/01/1994&jornal=1&pagina=1&totalArquivos=80>>. Acesso em: 28 mar. 2013.

_____. Ministério da Integração Nacional. **Política Nacional de Defesa Civil**. Brasília: Secretaria Nacional de Defesa Civil, 2000a. Disponível em: <http://www.disaster-info.net/PED-Sudamerica/leyes/leyes/suramerica/brasil/sistemnac/Politica_Nacional_Defensa_Civil.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2013.

_____. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, ano 138, n. 244-E, 20 dez. 2000b. Seção 1, p. 2. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=20/12/2000&jornal=1&pagina=2&totalArquivos=304>>. Acesso em: 8 fev. 2013.

_____. Lei nº 12.608, de 10 de abril de 2012. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, ano 149, n. 70, 11 abr. 2012. Seção I, p. 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12608.htm>. Acesso em: 8 jun. 2013.

BECK, U. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. (Orgs.). **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997. p.11-71.

CAMPOS, J.T. **A imperial São Luiz do Paraitinga: história, educação e cultura**. Taubaté: Resolução Gráfica, 2011.

CASTRO, A. L. C. **Glossário de defesa civil, estudos de riscos e medicina de desastres**. Brasília: Ministério do Planejamento, 1999. Disponível em: <<http://www.defesacivil.gov.br/publicacoes/publicacoes/glossario.asp>>. Acesso em: 29 jul. 2010.

CHAUÍ, M.S. Os trabalhos da memória: introdução. In: BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo, T. A. Queiroz, 1979.

COHN, G. Indiferença, uma nova forma de barbárie. p.81-90. In: NOVAES, A. (Org.). **Civilização e barbárie**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 81-90.

DEBERT, G.G. Envelhecimento e representações sobre a velhice. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 6., 1998, Olinda. **Anais...** Belo Horizonte: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 1988. v.1, p.537-556.

_____. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. **Antropologia e Velhice: textos didáticos**, n. 13, 1994. p.7-27. Disponível em: <<http://www.mirelaberger.com.br/download/td13-guita.pdf>>. Acesso em: 5 fev. 2014.

DEBERT, G. G.; SIMÕES, J. A. Envelhecimento e velhice na família contemporânea. In: FREITAS, E. V. de; PY, L. (Eds.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.ifch.unicamp.br.pagu/files/julio02.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2012.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

DUBOIS, P. **Ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1993.

DOMBROWSKY, W. R. Again and again: is a disaster what we call “disaster”? **International Journal of Mass Emergencies and Disasters**, v. 13, n. 3, 241-254,

1995. Disponível em: <<http://ijmed.org/articles/325/download/>>. Acesso em: 5 maio de 2012.

DUGGAN, S. et al. Perceptions of older people on disaster response an preparedness. **International Journal of Older People Nursing**, v. 5, n. 1, p. 71-76, 2010.

FARIA, J. C. de. 02 de janeiro de 2010. Inundação destrói prédios históricos em São Luís do Paraitinga, **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 2 jan. 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,inundacao-destroi-predios-historicos-em-sao-luis-do-paraitinga,489711,0.htm>>. Acesso em: fevereiro de 2014.

EYRE, A. Remembering: community commemoration after disaster. In: RODRÍGUEZ, H. QUARANTELI, E.L. DYNES, R.R. (Orgs.). **Handbook of Disaster Research**. Springer: New York. 2007. p. 441-455.

GARCÍA ACOSTA, V. G. Enfoques teóricos para el estudio histórico de los desastres naturales. In: MASKREY, A. (Comp.). **Los desastres no son naturales**. Panamá: Red de Estudios Sociales en Prevención de Desastres em América Latina, 1993. p.128-137.

_____. La perspectiva histórica em la antropologia del riesgo y desastres: acercamientos metodológicos. **Relaciones: Estudios de Historia y Sociedad**, v. XXV, n. 97, 2004, p. 125-142.

_____. El riesgo como construcción social y la construcción social de riesgos. **Desacatos: Revista de Antropología Social**, n. 19, 2005, p. 11-24.

_____. Risks and disasters in the history of the Mexico basin: are they climatic or social? **The Medieval History Journal**, v. 10, n. 1-2, 2007, p. 127-142.

GIBSON, M. J. **We can do better**: lessons learned for protecting older persons in disasters. Washington: American Association for Retired Persons, 2006. Disponível em: <<http://assets.aarp.org/rgcenter/il/better.pdf>>. Acesso em: fevereiro de 2012.

GILBERT, C. Studying disaster: changes in the main conceptual tools. In: QUARANTELLI, E. L. (Ed.). **What is a disaster?: perspectives on the question**. London: Routledge, 1998. p. 11- 18.

GODÓI, E. P. de. **O trabalho da memória**: cotidiano e história no sertão do Piauí. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

GOHN, M. da G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 47, p. 333-361, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782011000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 mar. 2013.

GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. Representações sociais e ideologia. **Revista de Ciências Humanas**, v. 1, n. 1, p. 33-46, 2000.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010: características da população e dos domicílios: resultados do universo**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/resultados_do_universo.pdf>. Acesso em: 26 out. 2012.

_____. **Projeção da população do Brasil por sexo e idade: 1980-2050**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2008/projecao.pdf>. Acesso em: 17 de jan. 2014.

_____. **IBGE cidades**. São Luís do Paraitinga. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 01 nov. 2012.

KROLL-SMITH, S.; GUNTER, V.J. Legislators, interpreters, and disasters. In: QUARANTELLI, E. L. **What is a disaster?: perspectives on the question**. London: Routledge, 1998. p.160-176.

UNITED NATIONS DIVISION FOR THE ADVANCEMENT OF WOMEN. **Environmental management and the mitigation of natural disasters: a gender perspective**. Ankara: [s.n.], 2001. Disponível em: <http://www.un.org/womenwatch/daw/csw/env_manage/documents/EGM-Turkey-final-report.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2013.

LAVELL, A. Ciencias sociales y desastres naturales en America Latina: un encuentro inconcluso. In: MASKREY, A. (Comp.). **Los desastres no son naturales**. Panamá: Red de Estudios Sociales en Prevención de Desastres em América Latina, 1993. p.111-127.

_____. Um encuentro com la verdad: los desastres en America Latina durante 1998. **Anuario Político y Social de América Latina**, v. 2, p. 1-17, 1999.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

MARCHEZINI, V. **Janeiro de 2010, São Luiz do Paraitinga/SP: lógicas de poder, discursos e práticas em torno de um desastre**. 2014. 235 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

MARTINS, J. de S. **Subúrbio: vida cotidiana e história no subúrbio de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1992. v. 1.

_____. O senso comum e a vida cotidiana. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, v. 10, n. 1, p. 1-8, maio 1998.

_____. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Hucitec, 2000.

_____. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MATTEDI, M. A.; BUTZKE, I. C. A relação entre o social e o natural nas abordagens de hazards e de desastres. **Ambiente & sociedade**, ano IV, v. 9, p. 1-22, 2001. doi:10.1590/S1414-753X2001000900006.

MENESES, U. T. B. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, 1998.

MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL. **Sistema integrado de informações sobre desastres**. Disponível em: <<http://s2id.integracao.gov.br/>>. Acesso em: 8 jun. 2013.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Estatuto do Idoso**. 2ª reimpr. Brasília: MS, 2003. Disponível em: < http://www.ufrgs.br/telessaunders/materiais/publicacoes-dab-ministerio-da-saude/saude-do-idoso/estatuto-do-idoso/at_download/file>. Acesso em: 17 fev. 2013.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.

NERI, A. L. **Psicologia do envelhecimento**: temas selecionados na perspectiva de curso de vida. Campinas: Papirus, 1995.

NGO, E. When disasters and age collide: reviewing vulnerability of the elderly. **Natural Hazards Review**, v. 2, n. 2, 2001, p 80-89, 2001.

OTANI, J. **Older people in natural disasters. kyoto, japan and victoria, australia**: Kyoto University Press and Trans Pacific Press, 2010. 176 p. Resenha de: WHITTINGTON, F.J. A timely recovery for literature on disasters and older adults. **The Gerontologist**, v. 51, n. 1, p. 132–137, 2010a.

OLIVER-SMITH, A. Global changes and the definition of disaster. In: QUARANTELLI, E. L. Introduction: the basic question, its importance, and how it is addresses in this volume. In: _____ (Org). **What is a disaster?** Perspective on the question. London and New York: Routledge, 1998. p. 1-7.

QUARANTELLI, E. L.. A Social Science Research Agenda for the Disasters of the 21st Century: Theoretical, Methodological and Empirical Issues and their Professional Implementation. In: PERRY, R. QUARANTELLI, E. R. **What is a disaster?** New Answers to Old Questions. (R. W. Quaranteli, E. L.; Perry, Ed.). USA: International Research Committee on Disasters, 2005. p. 325-396.

QUARANTELLI, E. L.; LAGADEC, P.; BOIN, A. A Heuristic Approach to Future Disasters and Crises: New, Old, and In-Between Types. In: RODRÍGUEZ, H.; QUARANTELLI, E. L.; DYNES, R. R. (Orgs.). **Handbook of Disaster Research**. Springer: New York, 2007. p. 16-41.

ORIOL, W. **Psychosocial issues for older adults in disasters**. Washington: Substance Abuse and Mental Health Services Administration, Center for Mental Health Services, 1999.

PAVARINI, S. C. I.; SADALLA, A. P. R. P.; BARHAM, E. J.; VAROTO, V. A. G. Idoso, direito e cidadania no Brasil: que história é essa?. In: VALENCIO, N. (Org.). **Caminhos da cidadania**. São Carlos: EDUFSCar, 2001.

PERRY, R. W. What is a disaster? In: RODRÍGUEZ, H.; QUARANTELLI, E. L. DYNES, R. R. (Orgs.). **Handbook of disaster research**. Springer: New York. 2007. p. 1-15.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**: São Luiz do Paraitinga. 2013. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/perfil/>>. Acesso em: novembro de 2013.

POLLAK, M. I. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

_____. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

QUARANTELLI, E. L. Introduction: the basic question, its importance, and how it is addresses in this volume. In: _____. (Org.). **What is a disaster?: perspectives on the question**. London: Routledge, 1998. p. 1-7.

PERRY, R. W.; QUARANTELLI, E. L. (Eds.). **What is a disaster?: new answers to old questions**.) [Philadelphia]: Xilibris, 2005.

QUARANTELLI, E.L.; LAGADEC, P.; BOIN, A.. A heuristic approach to future disasters and crises: new, old, and in-between types. In: RODRÍGUEZ, H.; QUARANTELLI, E. L. DYNES, R. R. (Orgs.). **Handbook of disaster research**. Springer: New York. 2007. p. 16-41.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In: **Ensaio**s. CERU/Departamento de Ciências Sociais, FFLCH, USP, 1987.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François. Campinas: Unicamp, 2007.

SANTOS, M. As cidadanias mutiladas. In: LERNER, J. (Ed.). **O preconceito**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1996. p. 133-144.

SANTOS, J. R. C. C. **A festa do divino de São Luiz do Paraitinga: o desafio da cultura popular na contemporaneidade**. 2008. 211 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SÃO LUIZ DO PARAITINGA. **Formulário de avaliação de danos**. (2006). Disponível em: <<http://150.162.127.14:8080/ged/SP-A-3550001-12302-060216.pdf>> Acesso em: 20 de maio de 2014.

_____. **Formulário de avaliação de danos**. 2008. Disponível em: <<http://150.162.127.14:8080/ged/SP-A-3550001-12302-080319.pdf>>. Acesso em: 20 de maio de 2014.

_____. **Formulário de avaliação de danos**. 2009. Disponível em: <<http://150.162.127.14:8080/ged/SP-A-3550001-12302-091209.pdf>>. Acesso em: 20 de maio de 2014.

_____. **Formulário de avaliação de danos**. 2010a. Disponível em: <<http://150.162.127.14:8080/ged/SP-A-3550001-12302-100101.pdf>>. Acesso em: 20 de maio de 2014.

_____. Como tudo aconteceu. **Jornal da Reconstrução**, São Luiz do Paraitinga, 1ª quinzena mar. de 2010a, p. 1.

_____. Como tudo aconteceu. **Jornal da Reconstrução**, São Luiz do Paraitinga, 1ª quinzena mar. 2010b.

_____. Lei nº 1.347, de 7 de janeiro de 2010. São Luiz do Paraitinga: Secretaria de Planejamento e Obras, 2010. Disponível em: <<http://www.saoluizdoparaitinga.institucional.ws/Ged/Leis/2010/1347.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2013.

_____. Lei nº 1.458, de 7 de julho de 2011. São Luiz do Paraitinga: Secretaria de Planejamento e Obras, 2011. Disponível em: <<http://www.saoluizdoparaitinga.institucional.ws/Ged/Leis/2011/1458.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2013.

SÃO PAULO. **Operação verão 2008/2009**. Disponível em: <http://www.defesacivil.sp.gov.br/novo/OPVERAO/Op_09_04_05.htm>. Acesso em: 10. abr. 2009.

_____. **Operação verão 2009/2010**. Disponível em: <http://www.defesacivil.sp.gov.br/v2010/porta1_defesacivil/opverao/OpVerao_2009-2010/OpVerao_2009-2010_01ABR2010.pdf>. Acesso em: 10. abr. 2010.

SARTORI, J. Memória e práticas sociais de idosos em torno do tema dos raios: o caso de São Caetano do Sul/SP. In: **Sociologia dos desastres: construção, interfaces e perspectivas no Brasil**. VALENCIO, N. (Org.). Volume III. São Carlos: Rima, 2012. v. III, pp. 62-82.

SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS. **Protocolo nacional conjunto para proteção integral a crianças e adolescentes, pessoas idosas e pessoas com deficiência em situação de riscos e desastres**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2013. Disponível em: <
http://www.portaisgoverno.pe.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=f20e67f6-d0c6-4736-afc4-28863dd22dcc&groupId=81019>. Acesso em: 22 maio 2013.
SELLTIZ, C.; JAHODA, M.; DEUTSCH, M. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. 2. ed. São Paulo: Herder, 1967.

SIENA, M. **A dimensão de gênero na análise sociológica de desastres**: conflitos entre desabrigadas e gestoras de abrigos temporários. 2009. 161 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2009, São Carlos.

SIENA, M. A.; VALENCIO, N. F. L. S. Gênero e desastres: uma perspectiva brasileira sobre o tema. In: VALENCIO, N. F. L. S. (Org.). **Sociologia dos desastres**: construção, interfaces e perspectivas no Brasil. São Carlos: RiMa, 2009. v. 2.

SIENA, M. Remoção de famílias das áreas consideradas de risco: a técnica de "fazer viver e deixar morrer". In: 34 ENCONTRO NACIONAL DA ANPOCS, 34., 2010, Caxambu. **Anais...** Caxambu: [s.n.], 2010. p. 1-21.

SIENA, M. A política de assistência social em contexto de desastres relacionados às chuvas: um estudo sobre o município de Ribeirão Preto/SP. In: **Sociologia dos desastres**: construções, interfaces e perspectivas no Brasil. 1. ed. v. III. São Carlos. RiMa Editora, 2012. p. 38-61.

SILVA, D. L.; VIEIRA, M. A. F. A. **São Luiz do Paraitinga sem rabo e sem chifre**: a evolução do carnaval de marchinhas na terra do Juca Teles do Sertão das Cotias. São Paulo: Edição do autor, 2012.

TAYLOR, S. J. e BOGDAN, R. **Introducción a los métodos cualitativos de investigación**: la búsqueda de significados. Barcelona: PAIDOS, 1992.

THORNBURG, A.; KNOTTNERUS, J. D.; WEBB, G. R. Disaster and deritualization: a re-interpretation of findings from early disaster research. **The Social Science Journal**, v. 44, n. 1, p. 161–166, 2007.

TONER, J. A.; MIERSWA, T. M.; HOWE, J. L. **Geriatric mental health disaster and emergency preparedness**. New York: Springer, 2010. Resenha de: WHITTINGTON, F.J. A timely recovery for literature on disasters and older adults. **The Gerontologist**, v. 51, n. 1, p. 132–137, 2010b.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Atlas brasileiro de desastres naturais 1991 a 2010**: volume Brasil. Florianópolis: CEPED UFSC, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Atlas brasileiro de desastres naturais 1991 a 2010**: volume São Paulo. Florianópolis: CEPED UFSC, 2011.

VALENCIO, N. F. L. S et al. Implicações éticas e sócio-políticas das práticas de Defesa Civil diante das chuvas: reflexões sobre grupos vulneráveis e cidadania participativa. **São Paulo em Perspectiva**, v. 20, n. 1, p. 96-108, jan./mar, 2006.

VALENCIO, N. F. L. S. et al. (Orgs.). **Sociologia dos desastres: construção, interfaces e perspectivas no Brasil**. São Carlos: RiMa, 2009. v. 1.

VALENCIO, N. F. L. S.; VALENCIO, A. O desastre como *locus* da barbárie: apontamentos sobre o caso brasileiro. In: _____ (Org.). **Sociologia dos desastres: construção, interfaces e perspectivas no Brasil**. São Carlos: RiMa, 2010. v. II, p. 31-52.

VALENCIO, N. F. L. S. Desastres, ordem social e planejamento em Defesa Civil: o contexto brasileiro. **Saúde e Sociedade**, v. 19, n. 4, p. 748-762, 2010b.

VALENCIO, N. F. L. S.; SIENA, M. A.; MARCHEZINI, V. **Abandonados nos desastres: uma análise sociológica de dimensões objetivas e simbólicas de afetação de grupos sociais desabrigados e desalojados**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2011.

VALENCIO, N. F. L. S. **Para além do ‘dia do desastre’**: o caso brasileiro. Curitiba: Appris, 2012a.

VALENCIO, N. F. L. S. **Sociologia dos desastres: construção, interfaces e perspectivas no Brasil**. São Carlos: RiMa, 2012b. v. III.

VEJA. **A reconstrução de São Luiz do Paraitinga**: como a cidade histórica que foi arrasada pelas chuvas há dois anos conseguiu se reerguer. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/multimedia/galeria-fotos/a-reconstrucao-de-sao-luiz-do-paraitinga-2012>>. Acesso em: 3 mar. 2014.

WEBB, G. R. The popular culture of disaster: exploring a new dimension of disaster research. In: RODRÍGUEZ, H.; QUARANTELI, E. L. DYNES, R. R. (Orgs.). **Handbook of disaster research**. Springer: New York. 2007. p. 430-440.

ZHOURI, A.; OLIVEIRA, R. Quando o lugar resiste ao espaço: colonialidade, modernidade e processos de territorialização. In: LASCHEFSKI, A. Z. K. (Org.). **Desenvolvimento e conflitos ambientais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010. v. 1, p. 439-462.

ANEXO I

DEFESA CIVIL	SISTEMA NACIONAL DE DEFESA CIVIL - SINDEC
AVALIAÇÃO DE DANOS - AVADAN

1 - Tipificação		2- Data de Ocorrência				
Código	Denominação	Dia	Mês	Ano	Horário	
NE.HEX	12.302	Enxurradas ou inundações bruscas	01	01	2010	8:00

3- Localização	
UF	Município: Estância Turística de São Luiz do Paraitinga

4 - Área Afetada Tipo de Ocupação	Não existe/ Não afetada	Urbana	Rural	Urbana e Rural
Residencial	0	0	0	X
Comercial	0	0	0	X
Industrial	0	0	0	X
Agrícola	0	0	X	0
Pecuária	0	0	X	0
Extrativismo Vegetal	X	0	0	0
Reserva Florestal ou APA	0	0	0	X
Mineração	X	0	0	0
Turismo e outras	0	0	0	X

Descrição da Área Afetada
Todo Município.

5 - Causas do Desastre - Descrição do Evento e suas Características	
Durante o mês de dezembro choveu cerca de 600 mm, sendo que no dia 01 de janeiro houve um pico de 69,9 mm, tendo como consequência o transbordamento do Rio Paraitinga atingindo o nível de 11 Metros acima do normal e do Rio do Chapéu atingindo 6 Metros acima do normal, com consequência represando o Rio Paraitinga.	
SECRETARIA DE DEFESA CIVIL - SEDEC Esplanada dos Ministérios - Bloco "E" - 7º Andar Brasília/DF 70067-901	Telefones - (061) 223 - 4717 (061) 414 - 5869 (061) 414 - 5804 Fax - (061) 226 - 7588

6 - Danos Humanos	0 a 14 anos	15 a 64 anos	Acima de 65 anos	Gestantes	Total
Número de Pessoas					
Desalojadas	1160	2360	508	02	4030
Desabrigadas	31	52	08	02	93
Deslocadas	0	0	16	0	16
Desaparecidas	0	0	0	0	0
Levemente Feridas	0	0	0	0	0
Gravemente Feridas	0	0	0	0	0
Enfermas	0	0	0	0	0
Mortas	0	0	0	0	0
Afetadas	2018	7728	1172	82	11000

7 - Danos Materiais	Danificadas		Destruidas		Total
Edificações	Quantidade	Mil R\$	Quantidade	Mil R\$	Mil R\$
Residenciais Populares	49	360	20	600	960
Residenciais – Outras	63	2520	24	4800	7320
Públicas de Saúde	03	450	-	-	450
Públicas de Ensino	03	600	01	1500	2100
Infra-Estrutura Pública					
Obras de Arte	100	500	80	1200	1700
Estradas (Km)	200	17000	15	1500	18500
Pavimentação de Vias Urbanas (Mil m ²)	2,5	2500	-	-	1500
Outras(muro arrimo)	3	4500	-	-	4500
Comunitárias	-	-	3	13000	13000
Particulares de Saúde	06	180	-	-	180
Particulares de Ensino	-	-	-	-	-
Rurais	-	-	-	-	-
Industriais	1	350	-	-	350
Comerciais	225	2500	5	-	2500

8 - Danos Ambientais		Intensidade do Dano				
Recursos Naturais						
Água	Sem Danos	Baixa	Média	Alta	Muito Alta	
Esgotos Sanitários				X		
Efluentes Industriais	X					
Resíduos Químicos	X					
Outros	X					
Solo		Sem Danos	Baixa	Média	Alta	Muito Alta
Erosão	-	-	-	-	-	X
Deslizamento	-	-	-	-	-	X
Contaminação (combustível / resíduos orgânicos)	-	-	-	-	-	X
Outros	-	-	-	-	-	-
Ar		Sem Danos	Baixa	Média	Alta	Muito Alta
Gases Tóxicos (gás de geladeira)	X					
Partículas em Suspensão (pó de entulhos)		X				
Radioatividade	X					
Outros (mau cheiro)	X					
Flora		Sem Danos	Baixa	Média	Alta	Muito Alta
Desmatamento	X					
Queimada	X					
Outros (arraste e queda de arvores)					X	
Fauna		Sem Danos	Baixa	Média	Alta	Muito Alta
Caça Predatória			X			
Outros(eqüinos, bovinos, suínos, aves)	X					

9 - Prejuízos Econômicos					
Setores da Economia		Quantidade		Valor	
Agricultura	Produção			Mil R\$	
Grãos/cereais/leguminosas	100	t		600	
Fruticultura	-	t		-	
Horticultura	25	t		50	
Silvicultura/Extrativismo	2	t		8	
Comercial	0,4	t		0,96	
Outras	-	t		-	
Pecuária	Cabeças			Mil R\$	
Grande porte	50	unid		100	
Pequeno porte	70	unid		36	
Avicultura	3000	unid		45	
Piscicultura	50	mil unid		175	
Outros (produção leiteira)	150.000 litros	unid		105	
Indústria	Produção			Mil R\$	
Extração Mineral	80	t		2,33	

Transformação	-	unid	-
Construção	-	unid	-
Outros (equipamentos)	1	unid	150
Serviços	prest. de serviço		Mil R\$
Comércio	225	unid	9000
Instituição Financeira	4	unid	800
Outros	-	unid	-
Descrição dos Prejuízos Econômicos			

10 - Prejuízos Sociais	Quantidade		Valor
Serviços Essenciais			Mil R\$
Abastecimento d'Água			
Rede de Distribuição	1000	m	20
Estação de Tratamento (ETA)	1	unid	250
Manancial	-	m ³	-----
Energia Elétrica			Mil R\$
Rede de Distribuição	300	m	100,00
Consumidor sem energia	4680	consumidor	32,76
Transporte			Mil R\$
Vias	215,5	km	20000
Terminais	1	unid	8
Meios	35 veículos prefeitura 50 particulares	unid	1300 2200
Comunicações			Mil R\$
Rede de Comunicação	10	km	1000
Estação Retransmissora / equipamentos (dados, banda larga)	1	unid	500
Esgoto			Mil R\$
Rede Coletora	1000	m	250
Estação de Tratamento (ETE)	-----	unid	-----
Gás			Mil R\$
Geração	-----	m ³	-----
Distribuição	-----	m ³	-----
Lixo			Mil R\$
Coleta	6	t	1
Tratamento	-----	t	-----
Saúde			Mil R\$
Assistência Médica	100	p.dia	2
Prevenção	200	p.dia	1,2
Educação			Mil R\$
Alunos sem dia de aula	2520	aluno/dap	436

			Mil R\$
Alimentos Básicos			
Estabelecimentos armazenadores	30	t	350
Estabelecimentos comerciais	225	estabelec.	15205
Descrição dos Prejuízos Sociais			
<p>Frente a catástrofe ocorrida no município podemos elencar diversos danos na área social, os munícipes, que já se encontravam em situação de vulnerabilidade social, atualmente encontram-se em miserabilidade total. As perdas se estendem no campo da construção (moradia), sobrevivência social; saúde pública e garantia dos direitos (assegurados sem Leis) aos idosos, crianças e demais munícipes. Importa, salientar que, o direito à educação encontra-se prejudicado em razão da destruição ou danificação dos prédios das escolas municipais, fator que também refletirá nas questões sociais do Município. Destaca-se que toda área comercial do município foi afetada pela enchente gerando a paralisação da oferta de emprego e o abastecimento local. Logo, o desemprego, a ausência de perspectiva e a destruição do patrimônio como referência de identidade local, principalmente da Igreja Matriz, acarretará a população problemas de ordem psicossocial. Os sistemas de distribuição de água e energia elétrica foram paralisados durante dias em razão de quedas de postes e de ter a Estação de Tratamento de água inundado e já estão sendo normalizados. Em decorrência desse evento as Escolas Municipais foram afetadas tendo umas das escolas destruída e danificando a estrutura das outras, tendo seus equipamentos eletrônicos e móveis perdidos, com isso as aulas foram adiadas.</p>			

11 – Informações sobre o Município			
Ano Atual		Ano Anterior	
População (hab): 10.858 (fonte: IBGE)	Orçamento (Mil R\$): 21.000,00	PIB (Mil R\$): 77.26 (fonte: IBGE)	Arrecadação (Mil R\$): 19.000,00

12 - Avaliação Conclusiva sobre a Intensidade do Desastre (Ponderação)				
Critérios Preponderantes				
Intensidade dos Danos	Pouco Importante	Médio ou Significativo	Importante	Muito Importante
Humanos				X
Materiais				X
Ambientais				X
Vulto dos Prejuízos	Pouco Importante	Médio ou Significativo	Importante	Muito Importante
Econômicos				X
Sociais				X
Necessidade de Recursos Suplementares	Pouco Vultosos	Mediamente Vultosos ou Significativos	Vultosos porém Disponíveis	Muito Vultosos e Não Disponíveis no SINDEC
			X	

Crítérios Agravantes	Pouco Importante	Médio ou Significativo	Importante	Muito Importante
Importância dos Desastres Secundários				X
Despreparo da Defesa Civil Local				X
Grau de Vulnerabilidade do Cenário				X
Grau de Vulnerabilidade da Comunidade				X
Padrão Evolutivo do Desastre	Gradual e Previsível	Gradual e Imprevisível	Súbito e Previsível	Súbito e Imprevisível
X				
Tendência para agravamento	Não		Sim	
			X	
Conclusão	I	II	III	IV
Nível de Intensidade do Desastre	Pequeno ou Acidente	Médio	Grande	Muito Grande
Porte do Desastre				X

13 - Instituição Informante		Responsável			
Prefeitura		Ana Lucia Bilard Sicherle			
Cargo	Assinatura	Telefone	Dia	Mês	Ano
Prefeita Municipal		(12) 36717000 (12) 91114764	01	04	2010
14 - Instituições Informadas		Informada			
Coordenadoria Estadual de Defesa Civil		X			
Coordenadoria Regional de Defesa Civil		X			
15 - Informações Complementares					
Moeda utilizada no preenchimento: Real			Taxa de conversão para Dólar Americano: 1,741		